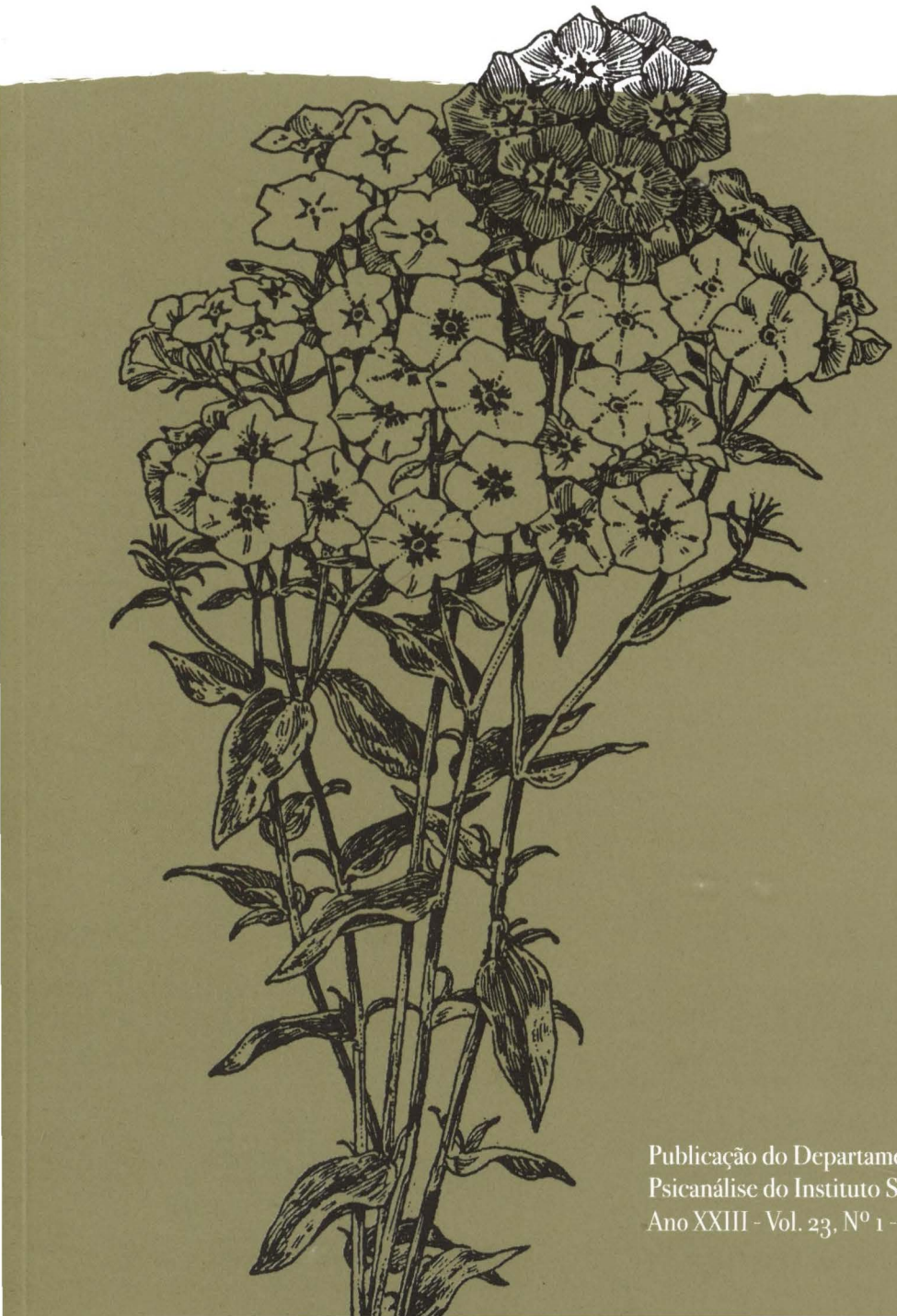
BOLETIM

Formação em Psicanálise



Publicação do Departamento Formação em
Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
Ano XXIII - Vol. 23, Nº 1 - Janeiro/Dezembro 2015

BOLETIM

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
04/05/16
TOMBO Nº 29.604

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte (CIP)
Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia

Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise. – Vol. 1, no. 1 (maio/jun. 1992) – . São Paulo: O Departamento, 1992-

Ano XXIII, v. 23, (jan/dez. 2015)

Anual
Periodicidade bianual de 1992 a 1994; anual a partir desta data.
ISSN 1517-4506

1. Psicanálise – Periódicos. 1. Instituto Sedes Sapientiae. Departamento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

Indexação: Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA
MADRE
CRISTINA

BOLETIM

Formação em Psicanálise

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

ISSN 1517-4506

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
Departamento Formação em Psicanálise

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO GERAL, (ATÉ OUTUBRO DE 2015)
Armando Colognese Junior (coordenador), Lineu Matos Silveira (primeiro secretário), Cecília Noemí Morrelli F. de Camargo (segunda secratária), Antônio Sérgio Gonçalves (primeiro tesoureiro), Antônio Geraldo de Abreu Filho (segundo tesoureiro)

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO GERAL, (A PARTIR DE OUTUBRO DE 2015)
Lucas Nogueira (coordenador), Lineu Matos Silveira (primeiro secretário), Ligia Polistchuck (segunda secretária), Antônio Geraldo de Abreu Filho (primeiro tesoureiro), Juliana Fiquer (segunda tesoureira)

Revista Boletim Formação em Psicanálise

EDITOR
José Carlos Garcia

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Aline Choueke Turnowski (coordenadora), Lucas Nogueira (suplente até outubro de 2015), Rodolfo Rangel (suplente a partir de outubro de 2015)

COMISSÃO EDITORIAL
Aline Choueke Turnowski, José Carlos Garcia, Ligia Polistchuk, Lucas Nogueira, Luciana Bocayuva Khair, Margarida Azevedo Dupas, Maria Carolina B. Gentile Sciulli, Maria Isabel Ghirardi, Maria Julia Arantes, Rodolfo Rangel, Sonia Saj Porcacchia

CONSELHO EDITORIAL
Cassandra Pereira França (Universidade Federal de Minas Gerais), Claudia Paula Leicand (Instituto Sedes Sapientiae), Durval Mazzei Nogueira Filho (Instituto Sedes Sapientiae, GREA/Instituto de Psiquiatria da USP), Ede de Oliveira (Instituto Sedes Sapientiae, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), Eliane Michelini Marraccini (Instituto Sedes Sapientiae), Emir Tomazelli (Instituto Sedes Sapientiae), Flávio Carvalho Ferraz (Instituto Sedes Sapientiae), Francisca Isabel Teixeira (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Fuad Kyrillos Neto (Universidade Federal de São João Del Rei), José Carlos Garcia (Instituto Sedes Sapientiae), José F. Miguel H. Bairrão (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto), Lineu Matos Silveira (Instituto Sedes Sapientiae), Lucianne Sant'Anna de Menezes (Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Federal de Uberlândia), Maria Beatriz Romano de Godoy (Instituto Sedes Sapientiae, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo), Maria Lúcia Castilho Romera (Universidade Federal de Uberlândia), Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (Instituto Sedes Sapientiae), Marly T. M. Goulart (Instituto Sedes Sapientiae), Marta Cerruti (Instituto Sedes Sapientiae), Nora de Miguelez (Instituto Sedes Sapientiae), Sonia Maria Parente (Instituto Sedes Sapientiae, Universidade Ibirapuera), Suzana Alves Viana (Instituto Sedes Sapientiae), Tiago H. Rodrigues Rocha (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

OFICINA DE TEXTOS
Lineu Matos Silveira

GRUPO DE PUBLICAÇÃO DE LIVROS
Luciana Bocayuva Khair, Ligia Polistcuk, Maria CarolinaB. Gentille Sciulli

SEDES SAPIENTIAE
INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
Rua Ministro Godoy, 1484
05015-900, São Paulo, SP
(11) 3866-2730
www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA
MADRE
CRISTINA

DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

O Departamento Formação em Psicanálise tem por finalidade desenvolver atividades de caráter formativo, científico, cultural e de pesquisa em psicanálise, de acordo com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae. Ele tem como fundamento prover a formação continuada de seus membros, constituindo-se como um espaço de pertinência para alunos, ex-alunos e professores, propiciando interlocução com o Instituto Sedes e com a comunidade psicanalítica em geral.

Oferece dois cursos regulares, abertos a psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária: *Formação em Psicanálise e Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica.*

Além desses cursos, o Departamento promove cursos breves, pesquisas, grupos de estudo, eventos científico-culturais, além de publicar a revista *Boletim Formação em Psicanálise* e o jornal *Acto Falho*. Participa também da Clínica Psicológica Social do Instituto Sedes Sapientiae.

Sua organização é realizada através do trabalho de comissões, eleitas a cada dois anos entre seus membros. As comissões que compõem o Conselho Deliberativo do Departamento são: Coordenação, Curso, Clínica, Eventos, Divulgação, Publicação, Projetos e Pesquisa, e Alunos. Essas comissões têm funções específicas e o objetivo de refletir, discutir entre seus pares e implementar projetos que possam garantir que as propostas do Departamento sejam colocadas em execução.

CURSO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

Corpo Docente

Armando Colognese Júnior, Cecília Noemi Morelli de Camargo, Durval Mazzei Nogueira Filho, Ede Oliveira Silva, Eliane Michelini Marraccini, Emir Tomazelli, José Carlos Garcia, Ligia Valdés Gomez, Maria Beatriz Romano de Godoy, Maria Cristina Perdomo, Maria Helena Saleme, Maria Luiza Scrosoppi Persicano, Maria Teresa Scandell Rocco, Nora Susmanscky de Miguelez, Oscar Miguelez, Suzana Alves Viana, Vera Luíza Horta Warchavchik.

Objetivos

Curso de especialização, que tem como objetivo a formação de psicanalistas. Busca transmitir a Psicanálise em sua especificidade, com base nos três elementos essenciais da formação: análise pessoal, supervisão e estudo crítico da teoria psicanalítica a partir dos aportes das escolas francesa e inglesa. Visa desenvolver a escuta transferencial, considerando o sujeito em sua singularidade. Trabalha a clínica psicanalítica, desde a descrição clássica feita por Freud até as formas de sofrimento observadas na contemporaneidade.

Destinado a

Psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária, com experiência pessoal em análise individual e com percurso na teoria psicanalítica.

Conteúdo programático

1. *Seminários teóricos*: Formações do inconsciente, O inconsciente, Pulsões, Narcisismo, As identificações, Neurose obsessiva e histeria, O Complexo de Édipo em Freud, Angústia, Superego e Édipo Kleinianos, Teoria das Posições e Inveja em M. Klein, Perversão e Psicose em Freud e em M. Klein;
2. *Seminários clínicos;*
3. *Supervisão individual (no 4º ano);*
4. *Monografia de conclusão de curso*: com orientação individual, a ser realizada após a finalização dos seminários teóricos e clínicos;
5. *Estágio opcional na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, sujeito à seleção e contando com supervisão específica;*

6. *Formação continuada*: atividades extracurriculares e no Departamento;
7. *Acompanhamento clínico*: opcional para os alunos do 1o ano, no qual se trabalha em pequenos grupos a articulação da escuta clínica com os artigos sobre o método psicanalítico;
8. *Realização de análise pessoal*: obrigatória durante o curso.

Duração

O curso regular tem duração de quatro anos.

Carga horária do curso

731 horas.

Horário/concentração

Quartas-feiras, com média de seis horas/aula semanais e mais uma hora e meia de atividades.

Seleção

Duas entrevistas individuais. Apresentação de *curriculum vitae* (contendo foto) em duas cópias e um breve texto, no qual justifique sua a busca por esta formação (um para cada entrevistador).

FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE E SUA PRÁTICA CLÍNICA

Corpo docente

Antonio Geraldo de Abreu Filho, Berenice Neri Blanes, Celina Giacomelli, Maria Salete Abrão Nunes da Silva, Maria Tereza Viscarri Montserrat, Patrícia Leirner Argelazi.

Objetivos

O curso propõe trabalhar os conceitos que fundamentam a Psicanálise e que servem de alicerce à sua prática. Pretende, com isso, fornecer informação que preencha lacunas a quem já algo conheça e fundamentos a quem desconhece, estimulando o interesse na continuidade do estudo,

permitindo que uma eventual formação sistemática no futuro se faça sobre uma base mais sólida.

Destinado a

Àqueles que se interessam pela Psicanálise e que pretendam uma iniciação ao seu estudo: médicos, psicólogos e profissionais com formação universitária em geral.

Conteúdo programático

1. *Especificidade da Psicanálise*: Psiquismo e corpo, Terapias medicamentosas, Psicoterapias e Psicanálise;
2. *A Divisão do Sujeito*: Dois conceitos fundamentais: Inconsciente e Pulsão, Aparelho psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente, o ponto de vista tópico, O Recalque: Desejo, conflito e defesa. Pontos de vista dinâmico e econômico, Discussão clínica;
3. *Formações do Inconsciente*: Atos falhos, sonhos e sintomas, Discussão clínica;
4. *Ponto de vista estrutural*: Complexo de Édipo / Identificações, Segunda Teoria Tópica;
5. *Neurose, Psicose e Perversão*: Neurose, Psicose, Perversão, Uma introdução à psicopatologia psicanalítica, Discussão de casos: um estudo comparativo,
6. *Questões da Clínica*: A situação analítica, Transferência e contratransferência, Resistência, A interpretação;
7. *O Analista*: Diferenças entre formação e informação.
8. *O tripé da formação analítica*: Análise do analista, supervisão e estudo da teoria.

Duração

Um ano.

Carga horária do curso

68 horas.

Observação

O segundo ano é opcional e será oferecido para aqueles que cursaram o primeiro ano, que tenham interesse na continuidade de seus estudos. Médicos e psicólogos, que optem por dar continuidade ao curso, poderão se candidatar à seleção de estágio na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

Mais informações:

Secretaria do Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godói, 1484
05015-900 - Perdizes, São Paulo/SP
(11) 3866 2730
www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

EDITORIAL

A revista *Boletim Formação em Psicanálise* tem para nós, da Comissão Editorial, um inequívoco sentido de conquista e realização. Inúmeros colaboradores partilharam conosco este caminho e outros tantos nos antecederam nos méritos desta conquista. Muitos serão aqueles que nos sucederão neste destino de veiculação da produção psicanalítica não apenas de nosso Departamento, mas também a de outros colegas com ou sem vinculação institucional, cujo trabalho tenha merecido nosso reconhecimento enquanto produção científica.

Cada idéia, manifestada aqui ao longo de todos esses anos, buscou dar expressão a formas de pensar a Psicanálise que pudessem abarcar, além das experiências, as inquietações e perplexidades advindas de nosso trabalho como clínicos.

Consideramos que a relação do analista com a clínica é uma constante e intrigante pesquisa, onde o pensamento se liga a uma experiência fundamental: a do texto a ser escrito. Em sendo assim, a escrita é o testemunho do texto psicanalítico. Na sua forma, nos seus arranjos, ou seja, no modo como se organiza para se publicar, é testemunha silenciosa, mas definitiva do infindável da pesquisa em psicanálise que, ao se finalizar num texto, já é relançada sob a forma de uma outra questão, ou de uma outra pergunta.

Para nós, do *Boletim*, a psicanálise não está contida nos limites conceituais ou políticos de nenhuma das escolas que, ao longo do tempo, foram se estruturando a partir de autores, cuja exuberância criativa e consistência intelectual geraram seguidores e formaram instituições. Na escolha de nossas publicações, pautamo-nos pela seriedade com que são levados adiante cada um dos temas desenvolvidos, independentemente das correntes de pensamento psicanalítico que eles representem.

Nesse sentido, temos nos dedicado a edificar um espaço institucional plural, onde possamos praticar a confrontação de idéias e extrair daí

os estímulos necessários para a elaboração de paradigmas, que possam enriquecer o perene percurso de nossa formação como analistas.

Acalentamos a expectativa de que o Boletim possa conduzir à reflexão a respeito de nossa prática e levar cada colega, cujo interesse consigamos alcançar, a sentir-se convidado a partilhar conosco suas experiências e sua forma de pensar, contribuindo assim para gerar maiores recursos para consolidação de nossa comunidade psicanalítica.Comissão

Editorial

SUMÁRIO

ARTIGOS

Algumas considerações sobre possíveis influências da autoanálise de Freud na formação psicanalítica

Some considerations on possible influences of Freud's self-análisis incurrent psychoanalytic training

FÁBIO SERRÃO FRANCO 15

O mal-estar: mais ameno?

Civilization and Its Discontents: less impactful ?

DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO 31

Pas de Deux: Reflexões Sobre Psicanálise e Dança

Pas de Deux: Reflections about psychoanalysis and dance

CRISTIANA CATALANO SOLDANO 39

Por uma perspectiva do Sintoma no Corpo de Maria Molambo: considerações baseadas na primeira tópica freudiana

Towards a Symptom perspective in the Body of Maria Molambo: considerations based on the first Freudian topic

MARIANA LEAL DE BARROS 51

Sintoma Palavra Concreto Trabalho Casa

Symptom Word Concrete Work House

EDUARDO RODRIGUES DE LARA 73

AULA INAUGURAL

Aula Inaugural do Departamento Formação em Psicanálise 2015

EDE DE OLIVEIRA SILVA 83

Reflexão sobre a formação de analistas ou...
não descuide de sua *hybris*
CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO *91*

LEITURA
Memória do Futuro de Bion - sobre o filme
MEG HARRIS WILLIAMS
TRADUÇÃO: ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO 105

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO *115*

Artigo

Algumas considerações sobre possíveis influências da autoanálise de Freud na formação psicanalítica

FÁBIO SERRÃO FRANCO

RESUMO: No presente trabalho é apresentada, inicialmente, uma definição do termo autoanálise e indicado o momento no qual Freud iniciou esta prática. Em seguida são retomados eventos da vida pessoal de Freud que, possivelmente, dispararam a prática continuada do processo autoanalítico. Posteriormente são elencadas algumas dificuldades encontradas por Freud durante sua autoanálise, assim como os fatores que lhe possibilitaram seu prosseguimento. Logo depois são apresentados os acréscimos e as transformações ocorridos na teoria psicanalítica por influência da autoanálise de Freud. Por fim, busca-se identificar algumas invariantes existentes na autoanálise de Freud e na formação psicanalítica atual.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sigmund Freud; Autoanálise; Formação psicanalítica.

Psicanalista. Membro filiado ao Instituto de Psicanálise 'Durval Marcondes' da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

A prática da autoanálise remonta e mesmo se confunde com o próprio início da psicanálise. Antes de iniciar a apresentação dos aspectos históricos referentes à autoanálise de Freud, penso ser oportuno elucidar a definição do termo

de acordo com o modo como será utilizado ao longo deste texto. Segundo Laplanche e Pontalis (1992) a 'autoanálise' pode ser definida como:

> Investigação de si mesmo por si mesmo, conduzida de forma mais ou menos sistemática, e que utiliza certos procedimentos próprios do método psicanalítico - associações livres, análises de sonhos, interpretação de comportamentos, etc. (p. 45)

Freud, já em 1895, durante a investigação de formas mais abrangentes e eficazes de tratamento para pacientes histéricas, frequentemente fazia menção não só àquilo que ele inferia existir no funcionamento mental e na manutenção dos vários sintomas que acometiam as pacientes que atendia; em acréscimo, ele realizava constantemente uma investigação de sua mente. A intuição de Freud de que os sonhos compreendiam um importante objeto para compreensão dos processos mentais surgiu a partir da investigação de seu próprio psiquismo, e apareceu pela primeira vez em nota de rodapé do relato do tratamento de Emmy Von N., especificamente ocorrido em 15 de maio de 1889. Diz Freud na referida nota:

> Não faz muito tempo, pude convencer-me da força de uma compulsão dessa espécie à associação, a partir de algumas observações feitas num __-campo diferente. Durante várias semanas vi-me obrigado a trocar a minha cama habitual por uma mais dura, na qual tive sonhos mais numerosos ou mais nítidos, ou na qual não tenha conseguido atingir a profundidade normal do sono. No primeiro quarto de hora depois de acordar, recordava-me de todos os sonhos que tivera durante a noite e me dei ao trabalho de anotá-los e tentar solucioná-los. Consegui relacionar todos esses sonhos com dois fatores: (1) com necessidade de elaborar quaisquer representações de que só tivesse tratado de modo superficial durante o dia - que tivessem sido apenas mencionadas, e afinal não tivessem sido tratadas; e (2) com a compulsão de vincular quaisquer representações que pudessem estar presentes no mesmo estado de consciência. O caráter absurdo e contraditório dos sonhos pôde ser investigado até a ascendência não controlada desse segundo fator. (Freud, 1895, p.96)

A citação acima explicita que o surgimento do interesse de Freud pelos sonhos - não apenas os seus, mas também os sonhos dos pacientes que atendia - remonta ao ano de 1895. Apesar do ímpeto para descobrir os significados ocultos nos sonhos, entendo que não podemos remontar o início da autoanálise de Freud a esse período, pois o método através do qual se mostrou possível interpretar os sonhos ainda estava para ser desenvolvido.

Foi na noite de 23 para 24 de julho do mesmo ano que Freud, em viagem ao Castelo de Bellevue, sonhou durante a noite e, ao acordar, pôde anotar o referido sonho e realizar uma interpretação pormenorizada de seus conteúdos. O 'sonho da injeção de Irma', como ficou conhecido, deu início, então, à realização de uma autoanálise por Freud. Porém, apesar de já ter desenvolvido o método através do qual era possível interpretar os sonhos, a regularidade desse procedimento ainda não se mostrava constante.

POSSÍVEIS DISPARADORES DO PROCESSO AUTOANALÍTICO CONTINUADO DE FREUD

Em carta endereçada à Wilhelm Fliess, em 26 de outubro de 1896, Freud escreveu:

> Enterramos ontem o velho, que faleceu na madrugada de 23 de outubro. Ele se sustentou com bravura até o fim, como o homem inteiramente incomum que foi. (...) tudo aconteceu em meu período crítico, e estou realmente muito abatido por causa disso. (p. 202)

Alguns dias depois, em 2 de novembro de 1896, Freud escreve novamente à Fliess:

> É-me tão difícil escrever agora que adiei por muito tempo o agradecimento a você pelas palavras tocantes de sua carta. Por um daqueles obscuros caminhos por trás da consciência oficial, a morte de meu velho me afetou profundamente. Eu o valorizava muito, compreendia-o muito bem e, com sua mescla peculiar de profunda sabedoria e fantástica despreocupação, ele teve um efeito significativo em minha vida. Na

> ocasião em que morreu, sua vida estava a muito terminada, mas, em meu íntimo, todo o passado foi reavivado por esse acontecimento. Sinto-me agora totalmente desarraigado. (p. 203)

Peter Gay (1989) relata que, frente a esse evento, a inevitável reação se manifestou: a dor pela morte de seu pai, ocorrida em 23 de outubro de 1896, desencadeou a autoanálise de Freud. Sua tristeza foi extremamente intensa, mas, apesar disso (ou justamente por isso), Freud deu andamento às suas investigações, reunindo, inclusive, material pessoal para seus desenvolvimentos teóricos.

Apesar da dor pela morte de Jacob ter sido extremamente impactante para Freud, ela não era tudo com o que ele tinha que se preocupar naquele momento. Em carta a Fliess, de 6 de dezembro de 1896, Freud escreve:

> Hoje, depois de ter desfrutado, por uma vez na vida, da dose integral de trabalho e honorários, de que preciso para meu bem-estar (dez horas e cem florins), estou morto de cansaço e mentalmente revigorado (...). (p. 208)

Se entendermos que é o teste de realidade que possibilita a realização do trabalho do luto, a partir da passagem acima podemos inferir que Freud não estava ocupado apenas com aquilo que havia sido mobilizado internamente pela morte do pai, mas estava também atento às exigências da realidade exterior.

FREUD: A TRAVESSIA DA AUTOANÁLISE

É difícil entender como o autoanalista (mesmo sendo ele Freud) conseguiria reproduzir o ambiente regressivo proporcionado pelo analista através, também, de sua presença invisível, silêncios e serenidade, afirma Gay (1989). Para esse biógrafo, Freud elevou Fliess à categoria de Outro, e foi isso que possibilitou o progresso de sua autoanálise. Freud foi, então, levado a utilizar sua própria experiência para compreender o funcionamento mental dos humanos em geral.

Gay (op. cit.) entende que Freud não idealizava tanto seu pai assim como idealizava Fliess, mas ainda sim a ideia de seu pai ter molestado algum

de seus filhos lhe era inconcebível. Isso o levou a reconhecer o valor da fantasia na vida mental de seus pacientes. Tal entendimento, surgido a partir de um sonho que teve com sua filha mais velha, Mathilde, fez Freud abdicar de sua 'teoria da sedução' como fator etiológico para o desencadeamento da histeria.

Apesar de Freud ter posto fim à teoria da sedução no mês de maio seguinte à morte de seu pai, suas dúvidas a respeito da mesma já apontavam desde o mês fevereiro anterior. Essa ideia ficou explícita na carta de 21 de setembro de 1897, quando ele afirmou: "Não acredito mais na minha neurótica."

Diferentemente do que poderíamos imaginar, o processo autoanalítico de Freud não ocorreu de forma linear ou mesmo ininterrupta: Freud tinha momentos de profundo recolhimento e estagnação. Em carta à Fliess, de 16 de maio de 1897, ele escreveu:

> Com certeza, não é por uma indiferença pessoal nem objetiva que não consigo fazer com que minha pena escreva nada além disso. As coisas estão fermentando, borbulhando dentro de mim; só estou a espera de um novo ímpeto. (p. 244)

Pouco mais de um mês depois, mais precisamente em 22 de junho de 1897, ele novamente se queixa a Fliess pelo estado no qual se encontrava:

> No mais, estou embotado e peço sua indulgência. Creio que estou num casulo, e Deus sabe que espécie de animal se arrastará para fora dele. (p. 255)

Para Jones (1989) o primeiro indício de Freud de que tinha que levar adiante sua autoanálise data de 2 de maio de 1897, porém sua decisão final ocorreu cerca de dois meses depois. Freud escreveu novamente ao seu correspondente em 7 de julho de 1897:

> Sei que, no momento, estou imprestável como correspondente, sem nenhum direito a pleitear coisa alguma, mas nem sempre foi assim e nem continuará sendo. Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha própria neurose insurgiu

> contra qualquer progresso na compreensão das neuroses e, de algum modo, você foi envolvido nisso. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a inibir nossa comunicação. Não tenho nenhuma garantia disso, apenas sentimentos de natureza altamente obscura. (p. 255-6)

Assim como era de se esperar, os avanços constantemente se alternavam com períodos mais ou menos longos de estagnação. Em carta datada em 14 de agosto de 1897 Freud escreve a Fliess:

> Depois de ter ficado animadíssimo por aqui, desfruto agora de uma fase de mal humor. O principal paciente a me preocupar sou eu mesmo. Minha histeriazinha, apesar de muito acentuada por meu trabalho, solucionou-se um pouco mais. O resto ainda está paralisado. E disso que depende primordialmente meu estado de ânimo. A análise é mais difícil do que qualquer outra. De fato, é ela que paralisa minha energia psíquica para descrever e comunicar o que conquistei até agora. Mesmo assim, creio que precisa ser feita e que é uma etapa intermediária em meu trabalho. (p. 262)

Foi através prioritariamente da associação livre realizada a partir de seus sonhos, processo esse intermediado ou mesmo possibilitado pela presença distante de Fliess, que Freud utilizou para dar andamento à sua autoanálise. Além da livre associação, Freud realizava interpretação de lapsos e lembranças. Mas, sem dúvida, era através da interpretação dos sonhos que realizava a maior parte dessa empreitada. Tal assertiva fica clara na carta de 3 de outubro de 1897 endereçada à Fliess:

> Ainda há muito poucas coisas acontecendo comigo externamente, mas, internamente, há algo muito interessante. Nos últimos quatro dias, minha autoanálise, que considero indispensável para o esclarecimento de todo o problema, prosseguiu nos sonhos e me forneceu as mais valiosas elucidações e indícios. Em alguns momentos, tenho a sensação de estar no final e, até agora, sempre soube onde a próxima noite de sonhos seria retomada. Colocar isso no papel me é mais difícil do que qualquer outra coisa (...). (p. 269)

Nas cartas à Fliess de 3, 4 e 15 de outubro, Freud explicita ter entrado em contato mais direto com seus desejos em relação aos seus pais. Diz Freud em 15 de outubro de 1897:

> Minha autoanalise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento, e promete transformar-se em algo do maior valor para mim, se chegar a seu término. A meio caminho, ela parou subitamente por três dias, nos quais tive a sensação de estar amarrado por dentro. (p. 271)

Já em 27 de outubro Freud afirmou que, a partir de sua autoanálise, pôde formular uma noção mais nítida de como age a resistência em seus pacientes. Lembra Peter Gay que um dos fenômenos que Freud pôde observar a partir do falecimento de seu pai foi a chamada 'culpa do sobrevivente'. Essa junção entre investigação de si mesmo e de seus pacientes caracterizou o processo de desenvolvimento teórico desde o início da psicanálise. Para Peter Gay (op. cit.):

> É importante para a história da psicanálise que Freud tenha tido uma relação tão filial com seu pai, sonhando e se preocupando mais com as relações paternas do que com as maternas, inconscientemente disposto a deixar não analisada parte de sua ambivalência em relação à mãe. O que deve interessar ao estudioso da psicanálise, em última análise, não é se Freud tinha (ou imaginava) um complexo de Édipo, mas se sua asserção de que este é o complexo pelo qual todos têm que passar pode ser comprovada pela observação independente ou experiências bem feitas. Freud não considerava suas experiências pessoais como automaticamente válidas para toda a humanidade. Ele confrontou suas ideias com as experiências de seus pacientes e, mais tarde, com a literatura psicanalítica; passou anos elaborando, refinando, revendo suas elaborações. Seus famosos casos clínicos refletem vivamente seu compromisso simultâneo com a individualidade e a generalidade; cada uma delas retrata um paciente irreprodutível que, ao mesmo tempo, pertence a uma categoria de casos. (p. 97-8)

Mas, como toda boa análise, a autoanálise de Freud tinha um desfecho anunciado: a gradual desidealização em relação ao Outro. Freud ainda precisava de Fliess, pois ele era excelente leitor e crítico. Porém, a relação de Freud com aquele que Gay (op. cit.) chama de "parteiro da psicanálise" logo teria seu fim. O biógrafo entende que o distanciamento de Freud em relação à Fliess não se deu por não mais precisar dele, mas, principalmente, por poder reconhecer o obstinado interesse de Fliess por numerologia, o que evidenciou a Freud a mente mística que seu correspondente possuía.

Essas percepções, reconhecidamente antagônicas à sua forma de ver o mundo, culminaram em uma briga ocorrida em agosto de 1900, em Achensee. Apesar da violenta discussão, a correspondência entre os dois prosseguiu durante mais algum tempo (obviamente sem o mesmo tom que apresentava anteriormente), sendo que a última carta trocada entre os dois data de 27 de julho de 1904. Fliess cumprira seu decisivo papel para a psicanálise e agora podia partir.

Jones (1989) lembra que, assim como nenhuma análise é realizada por completo, com a autoanálise de Freud não foi diferente. Porém, fato é que, segundo Jones, Freud nunca parou de analisar-se: todos os dias ele utilizava sua última meia hora para essa finalidade. Sem dúvida alguma, esse dado confirma seu incondicional amor à verdade.

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS ORIUNDAS DA AUTOANÁLISE DE FREUD

É provável que a neurose de Freud tenha apresentado sua fase mais aguda entre 1897 e 1900, época essa na qual ocorreram os mais originais desenvolvimentos da teoria psicanalítica. Os conteúdos inconscientes de Freud deviam estar pressionando-o intensamente, pois sem esse motor seria difícil que realizasse os avanços que fez. Sua autoanálise – que teve como principais consequências o desenvolvimento de ideias como trauma psíquico, regressão, interesse afetivo das crianças pelos seus pais, e importância das tendências homossexuais – culminaram na publicação do livro *A interpretação dos sonhos*.

No prefácio à segunda edição do livro *A interpretação dos sonhos* (1900), prefácio esse escrito em 1908, o próprio Freud explicita a importância dessa publicação para sua vida pessoal:

> Idêntica durabilidade e capacidade de resistir a quaisquer alterações amplas durante o processo de revisão foram demonstradas pelo material do livro, que consiste em sonhos produzidos por mim mesmo, que em sua maior parte foram superados, ou se tornaram sem valor pela marcha dos acontecimentos, e pelos quais ilustrei as regras da interpretação dos sonhos. Pois este livro tem para mim, pessoalmente, outra importância subjetiva - uma importância que só apreendi após tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha própria autoanálise, minha reação à morte de meu pai - isto é, ao evento mais importante, a perda mais pungente da vida de um homem. (p. 31-2)

Anzieu (1989) entende que a autoanálise de Freud não compreendeu em aplicação mecânica em si mesmo dos procedimentos que havia desenvolvido. Pelo contrário: a autoanálise de Freud apenas obteve os resultados acima elencados pelo profundo questionamento que o homem Freud realizou mediante a relação com seus pacientes, sua obra e seu corpo. Esse esforço obteve êxito, pois se tornou um sistema para contatar, de frente, desejos, fantasias e angústias. Apesar de ter possibilitado reais efeitos terapêuticos em Freud, Anzieu entende que esses eram de interesse secundário, visto que o principal objetivo de Freud era identificar em si mesmo os processos inconscientes que ele reconhecia em seus pacientes.

As primeiras consequências da autoanálise foram surpreendentes, pois Freud recuperou vários episódios de sua infância e a lembrança de pessoas das quais havia esquecido, como de sua babá 'velha e feia'; de uma viagem que fez de Freiberg a Leipzig de trem na qual reconheceu o despertar de sua libido por sua mãe; e das lutas com seu sobrinho quando crianças. Foram essas recordações, aliadas à interpretação de seus sonhos e à observação que fazia de suas pacientes que o levou a reconhecer o amor pela mãe e o ciúme contra o pai como um fenômeno geral na infância. O reconhecimento da constância desses desejos levou Freud a perceber que esses conteúdos retornam na lenda grega Édipo Rei, o que o impulsionou a conceituar o 'complexo de Édipo'

Menezes (2006) entende que a descoberta do 'desejo inconsciente' foi possibilitada a Freud por sua peculiar amizade com Fliess. Para o autor, foi o próprio desejo de Freud, que agia em estado de transferência, que constituiu

as principais ideias da psicanálise. As queixas de Freud em relação aos seus sintomas frequentemente dirigem-se a Fliess, para que ele diga, então, a 'verdade sobre seu estado'. O aumento do número de cartas e as inúmeras declarações de admiração que faz ao seu correspondente indicam o quanto Fliess estava internalizado por Freud, além da importância de seu papel de interlocutor imaginário constante no momento regressivo no qual se encontrava.

Para Menezes (op. cit.) o processo de análise de Freud já estava em andamento antes do falecimento de seu pai e foi apenas intensificado por esse evento. Freud passou, então, a interpretar incessantemente seus sonhos. Assim, o foco do processo interpretativo propiciado pelos sonhos é a oportunidade para dar nome ao desejo inconsciente ao qual a rede de associações dá acesso. Essa é a possibilidade para conhecer e nomear a verdade da qual o sujeito não mais precisa fugir. Esse desejo, que sempre se mostra como formação de compromisso, se expressa no sintoma neurótico, assim como nos sonhos e nas obras de arte. Menezes entende que a análise de Freud avançou bem, bem o suficiente para que Freud pudesse se livrar da paixão transferencial por Fliess e seguir na direção de seu desejo: a construção da psicanálise.

Ferrão (1968) afirma que a admiração e submissão quase absoluta de Freud em relação à Fliess sem dúvida alguma representava uma repetição da atitude de Freud para com seu pai. Porém, assim como sabemos hoje em dia, não apenas os sentimentos ternos, mas também os hostis, mais cedo ou mais tarde são transferidos, o que provavelmente ocasionou o distanciamento entre os dois. Ferrão (op. cit.) entende que foi a análise crítica realizada por Freud no caso Dora (Freud,1905) que possibilitou a compreensão do fenômeno da transferência, fundamental para os posteriores desenvolvimentos da teoria e técnica psicanalítica. Para Ferrão, a escrita de Dora (Freud, 1905) é um reflexo da autoanálise de Freud em sua prática clínica. Ferrão cita Jones quando este afirma que a análise de Dora é, em realidade, uma continuação de *A interpretação dos sonhos*. Para Ferrão as semelhanças são várias: ênfase na importância do complexo de Édipo; interpretação dos sonhos como técnica principal; término pela mesma falha na análise da transferência. Além de todas essas contribuições teóricas, a autoanálise ainda possui a relevância de ser a pedra fundamental do princípio atual da formação em psicanálise: a análise do analista.

A AUTOANÁLISE DE FREUD E A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA ATUAL: CORRELAÇÕES

Em 1910, Freud publicou o trabalho denominado *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, texto no qual faz uma importante recomendação àqueles que pretendem praticar a psicanálise. Diz Freud:

> Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa autoanálise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer ideia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise. (p. 130)

Preocupado com os desdobramentos da psicanálise e, particularmente, com os excessos que alguns analistas estavam cometendo, Freud escreveu no início da década de 1910 seus artigos sobre a técnica. Dentre esses artigos se encontram as 'Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise', publicado em 1912. Dentre as várias orientações e esclarecimentos que faz sobre a psicanálise, para os fins desse trabalho, um deles apresenta maior relevância. Diz Freud (1912) no referido texto:

> Há alguns anos, dei como resposta à pergunta de como alguém se pode tornar analista: 'pela análise dos próprios sonhos'. Esta preparação, fora de dúvida, é suficiente para muitas pessoas, mas não para todos que desejam aprender análise. Nem pode todo mundo conseguir interpretar seus próprios sonhos sem auxílio externo. Enumero como um dos muitos méritos da escola de Zurique terem eles dado ênfase aumentada a este requisito, e terem-no corporificado na exigência de que todos que desejem efetuar análises em outras pessoas terão primeiramente de ser analisados por alguém com conhecimento técnico. Todo aquele que tome o trabalho a sério deve escolher este curso, que

> oferece mais de uma vantagem; o sacrifício que implica revelar-se a outra pessoa, sem ser levado a isso pela doença, é amplamente recompensado. Não apenas o objetivo de aprender a saber o que se acha oculto na própria mente é muito mais rapidamente atingido, e com menos dispêndio de afeto, mas obter-se-ão, em relação à si próprio, impressões e convicções que em vão seriam buscadas no estudo de livros e na assistência a palestras. E, por fim, não devemos subestimar a vantagem que deriva do contato mental duradouro que, via-de-regra, se estabelece entre o estudioso e seu guia. (p. 155)

Em texto publicado em 1913, mas escrito em 1911, chamado 'Sobre Psicanálise', Freud retoma tal assertiva:

> O progresso da psicanálise é ainda retardado pelo temor que o observador médio sente de ver-se a si mesmo em seu próprio espelho. Os homens de ciência tendem a enfrentar resistências emocionais com argumentos e, assim, satisfazem-se a si mesmos para sua própria satisfação! Quem quer que deseje não ignorar uma verdade fará bem em desconfiar de suas antipatias e, se quiser submeter a teoria da psicanálise a um exame crítico, que primeiro se analise a si mesmo. (p. 269)

A partir dessas citações podemos verificar que já no início da década de 10 do século passado, Freud passou a recomendar de forma explícita a análise pessoal com 'alguém com conhecimento técnico' para aqueles que pretendiam praticar psicanálise.

Anzieu (1989) considera que a psicanálise desenvolvida por Freud teve três principais fontes: a experiência clínica de atendimento a pacientes neuróticos; a experiência proporcionada por sua própria autoanálise; e, a experiência acumulada pelas diversas civilizações expressas através de suas produções culturais. Essa consideração de Anzieu é importante, pois nos remete diretamente ao modelo de formação analítica que atualmente é praticado na maioria das instituições psicanalíticas.

Discorrer sobre os modelos vigentes de formação psicanalítica transcende os objetivos deste trabalho, porém é necessário enfatizar que os modelos atualmente utilizados compreendem, de uma forma ou de outra, o estudo teórico, a prática clínica supervisionada e a análise pessoal.

A prática clínica e a análise pessoal acompanharam Freud desde o início, pois ele era um homem absolutamente imerso na cultura de seu tempo. De um modo ou de outro, esse contexto, que mistura o público e o privado, é o que se busca nas formações psicanalíticas atuais. Se a prática clínica supervisionada e a análise pessoal compreendem a esfera privada dessa jornada, a frequência aos seminários teóricos e clínicos compreende essa faceta pública, correlata ao contato com a cultura do qual fala Anzieu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoanálise é um processo natural da psicanálise na medida em que o desenvolvimento da capacidade para se autoanalisar é uma consequência esperada do processo analítico. Com a evolução da análise, não apenas o analista é desinvestido como objeto idealizado, mas a própria análise passa a ser desidealizada e deixa de ser objeto de depósito de esperanças irreais. Após o término de uma análise estabelece-se um diálogo interno entre o sujeito e seu ex-analista, que continua vivo dentro de si, fenômeno chamado de 'função analítica'. É essa função que possibilita a continuidade do desenvolvimento mental mesmo sem os encontros físicos com o analista.

A partir desse ponto de vista, a autoanálise atualmente não compreende um possível substituto para a análise, mas sim a consequência esperada de um processo exitoso, que prossegue mesmo tendo chegado ao fim.

Suponho que esse diálogo interno é o que se busca com essa empreitada chamada 'formação em psicanálise': a construção e ampliação contínua de um diálogo interno que possibilita o psicanalisar. Uma espécie de diálogo tridimensional entre o eu, o outro e a cultura.

Some considerations on possible influences of Freud's self-análisis incurrent psychoanalytic training

ABSTRACT: *In the present work is presented, initially, a definition of the term self-analysis and indicated the time when Freud began this practice. Then are taken over personal life events of Freud that possibly fired the continuing practice of the Psychoanalytical process. Later, are listed some difficulties encountered by Freud during his self-analysis, as well as the factors that will allow its continuation. Soon after the additions and changes in psychoanalytic theory influenced by Freud's self-analysis. Finally, we seek to identify some invariants in self-analysis of Freud and the psychoanalytic training today.*

KEYWORDS: *Psychoanalysis; Sigmund Freud; Self-analysis; Psychoanalytic training*

REFERÊNCIAS

ANZIEU, D. **A autoanálise de Freud e a descoberta da psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERRÃO, L. M. A autoanálise de Freud e o 'caso de Dora'. **Revista Brasileira de Psicanálise,** v. 2 (2), p. 257-72, 1968.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** 2. ed, Rio de Janeiro: Imago, 1988.

(1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica, v. 11.

(1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, v. 12.

(1913) Sobre psicanálise, v. 13.

FREUD, S. & BREUER, J. (1895) Estudos sobre histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas e Sigmund Freud.** v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GAY, P. **Freud: Uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MENEZES, L. C. A descoberta inaugural: O desejo humano, este obscuro e incerto objeto. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 40 (1), p. 67-76, 2006.

Fábio Serrão Franco
Rua Soares de Camargo, 35 - Boqueirão
11045-050 - Santos, SP
(13) 3326-4286
fabioserraofranco@hotmail.com

O mal-estar: mais ameno?

DURVAL MAZZEI NOGUEIRA FILHO

RESUMO: O autor pergunta sobre a razão do desenvolvimento biotecnológico não aumentar o *quantum* de prazer e tranquilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sigmund Freud; Autoanálise; Formação psicanalítica.

"O desígnio de sermos felizes que nos impõe o princípio do prazer é irrealizável; mas não por isso se deve - nem se pode - abandonar os esforços para acercar-se de qualquer modo a sua realização".

Freud

Não é de desconhecimento de ninguém que há, em Freud, um argumento a respeito do homem civilizado. Esta proposição espalha-se na série de textos fora do âmbito clínico estrito e consistem na aplicação do saber psicanalítico, originalmente clínico e singular, a fenômenos de maior amplitude social e cultural.

Dentre estes, o salientado é o *Mal-estar na cultura.*

Não há como desconhecer no texto freudiano que o mal-estar é resultado da inserção do homem na cultura. O homem civilizado é o homem da ordem, beleza e higiene. Ora, nem o mundo resultante destas máximas

Psicanalista, mestre em psiquiatria, membro do Departamento Formação em Psicanálise - Sedes Sapientiae, aderente à Escola Brasileira de Psicanálise. Autor de livros, capítulos e artigos.

orienta-se por elas e a subjetividade singular de cada sujeito está em peleja constante para sustentar a existência do UM, a coerência inextricável da ordem e as consequentes beleza e higiene. Freud formulou esta dicotomia colocando em jogo dois princípios: prazer e realidade. De forma que o programa originário pelo prazer deve, em algum momento da história do sujeito, incluir-se no princípio da realidade. Esta inclusão é acompanhada de obrigatória modulação de satisfação. A totalidade deixa de ser uma possibilidade.

Mas, aqui há uma pergunta sobre a validade desta dicotomia freudiana, dado que o tempo que corre é fundamentalmente distinto do tempo freudiano. Do tempo em que Freud, não obstante não apostar todas as fichas no efeito benéfico das ciências química e biológica, propunha que estas teriam o que dizer sobre as construções propriamente psicanalíticas e sobre o estar do homem na alteridade do mundo. Alteridade ao mesmo tempo real, simbólica e imaginária. E assustadora.

A profecia freudiana cumpriu-se. O tempo que corre é cheio de promessas de um novo homem. De um homem profundamente distinto do que conhecemos até hoje. À época de Freud, Marx e a possibilidade de revolução proletária prometia também a criação do "novo homem". Em trilha paralela, Reich sugeria a liberação sexual como a desatadora de nós, sem esquecer Nietzsche e o rompimento das amarras pela via da ação criativa, derivada da vontade de potência. Presentemente, pensadores contemporâneos acenam desde a possibilidade de domínio das aleatórias forças evolutivas biológicas até a superação da fragilidade biológica natural pela perenidade da troca de peças que resultará da inserção entre o organismo biológico e a máquina. Propostas que obedecem a irrefutável lógica do "mais": mais vida, mais capacidade intelectiva, mais força, mais controle, mais paz, mais riqueza, mais planetas, mais segurança, mais saúde, mais prazer. A trilha para este "novo homem" é a aposta de que o desenvolvimento da ciência, desde a ideologia do progresso, incluirá o aleatório no planejado e o que parece ao homem histórico imponderável deixará de sê-lo a um homem futuro. Futuro que se escreve hoje desde as ciências de ponta. Da biologia molecular à cibernética, incluindo a nanotecnologia, a física, a farmacologia, a neurociência. Enfim, se não decifrado a contento a genética, o proteinoma, as micromoléculas, as

redes neurais computacionais, o coração cibernético estarão aí para garantir a continuidade. Garantir as máximas civilizatórias de ordem, higiene e beleza. Um corolário dessas promessas é a coalizão mais íntima entre o ser e o ambiente em torno. A oportunidade de que a alteridade seja menos assustadora, pois tal desenvolvimento possibilitaria *quantum* maior de domínio pela vontade e razão humanas. Um modo do princípio do prazer estender a influência e deitar seu véu sobre a realidade.

É claro que tal condição não foi alcançada. Refestela-se no leito confortável da promessa, nos laboratórios, nos textos dos *brightness*, na crítica aos descrentes.

Se Freud comentasse o estado de coisas atual, talvez acenasse a extinção do mal-estar. Finalmente, diria, a cultura fez o mapa perfeito do ser. Reproduziu-o por inteiro. O Deus de prótese pôs-se mais magnífico do que nunca! A meta, entretanto, ainda não foi alcançada.

Mas, os avatares estão por aí. Os mais comuns estão sobre a batuta da medicina. Do prosaico óculos ao coração artificial. Do fígado transplantado ao atleta paraolímpico. Do *doping* não detectado ao recorde falso. Da angústia ao psicofármaco. Da esterilidade à reprodução assistida. Do dilema sexual à cirurgia de troca de sexo. E estão aí, na fronteira com o âmbito médico, em detalhes que na episteme corrente parecem óbvias, os diversos "personais". Figura curiosa estas a dos "personais". São os possuidores e postuladores da intromissão do saber técnico da essência do ser. Dos que arrumam armário aos que propõem saber vesti-lo melhor. E não estão por fora os que se apresentam ensinando como ser entrevistado ou que vão lhe dizer o que você tem de melhor. Sem falar nos métodos psicoterapêuticos estruturados, que prometem em poucos encontros domar a angústia, a repetição, a dor de existir, o prejuízo da autoestima.

Não é necessário comentar o real sexual contemporâneo. A sexualidade, autônoma desde o controle reprodutivo, deixou de erigir-se em tabu. Tabu é não se entregar à liberação sexual. Da mesma forma, a dessacralização do laço conjugal, feito e desfeito com esmero.

Mesmo que tais procedimentos estejam ainda distantes da manipulação científica absoluta e certeira, está em curso a submissão do ser ao saber do outro

como se o saber pessoal, o saber construído na existência singular, não valesse nenhum tostão. São saberes que se oferecem como próteses, construindo pontes entre a falta-a-ser e a plenitude. Poderosos antídotos ao mal-estar e garantias da ordem, da beleza e da higiene. Sinais claros que o princípio do prazer já teria dado passos decisivos na direção do cumprimento de seu programa.

E deveriam colaborar decididamente ao *pool* generalizado de felicidade...

Quais são os pilares que Freud salienta em seu texto de 1930, que tornariam o mal-estar uma fatalidade?

Estes pilares estão espalhados ao longo do escrito freudiano. O primeiro deles é a ausência "da ideia que o homem poderia intuir a relação com o mundo exterior através de um sentimento direto" (1930, p. 3018) e que o Eu relativamente autônomo, o domínio relativamente autônomo da linguagem que o homem adulto exibe é produto da uma história. É produto de paulatina construção que substituiu a indiferenciação original com o outro. Para Freud o estabelecimento da diferença entre o eu e não-eu, não se trata, portanto, de um dado, mas sim, é o efeito de um trabalho. Trabalho que mesmo bem feito não obstrui por completo e esperança de que a unidade original do ser, e a consequente indiferenciação como o não-ser possa, a qualquer instante, ser reconstituída. Tal possibilidade, então, coexiste com as fontes de desprazer que a diferenciação, a alteridade, obriga a reconhecer: o próprio corpo que a qualquer momento adoece, dói ou fraqueja, as surpresas do mundo natural exterior em constante mutação e a relação como os outros sempre não tão transparente quanto a mitologia sobre o valor da verdade quer crer.

De modo semelhante, estão as pulsões nem sempre satisfeitas no momento da demanda. As tentativas de domá-las, diz Freud, seja por meio da ascese, por meio da busca de prazeres mais elevados ou da moderação calculada da intensidade da satisfação não obscurece "a satisfação de uma pulsão indômita, fora das rédeas do Eu, incomparavelmente mais intensa que a saciedade de uma pulsão domada" (1930, p. 3027).

Freud comenta a respeito da independência das tendências agressivas como outro pilar que sustenta a fatalidade do mal-estar. Por mais que seja um ponto controverso das formulações freudianas, pois a há dificuldade prática em distinguir o que é resultado da não implementação do programa do princípio

do prazer da tendência agressiva inscrita nas profundidades do ser, presente de uma forma ou de outra, isto é, satisfeitas as pulsões ou não. Para Freud, tais tendências agressivas correspondem "ao maior obstáculo com que tropeça a cultura" (1930, p. 3052), pois "a hostilidade de um contra todos e de todos contra um" (1930, p. 3052), opõe-se ao desígnio unificador que a cultura busca fazer valer ao reunir homens e mulheres em comunidades a cada vez mais complexas presuntivamente mais protetoras.

Outro fator ao qual Freud alude é o sentimento de culpabilidade. Segundo o que formula, tal sentimento é o resultado da introjeção da tendência agressiva, originalmente dirigida ao outro descrito como hostil. Esse mecanismo dinâmico resulta na construção da consciência moral e a concomitante direção da hostilidade sobre o próprio sujeito. Deste modo, o sentimento de culpabilidade como a revelação de que, por mais que o sujeito não atue em nome da tendência agressiva, esta lá está indicando desconfortável verdade. E a aspiração à felicidade, portanto, termina por escorregar-se por uma estreita senda entre o egoísmo e o altruísmo. Entre o privilégio ao pessoal e intransferível programa do princípio do prazer e a participação mais íntima na comunidade, implicando em renúncias.

Enfim, a instauração da cultura implica em dois elementos: a renúncia à satisfação pulsional plena e a renúncia às tendências agressivas. Em fim, renúncia ao gozo. E a instrumentalização da existência por meio do sintoma, meio pelo qual algo do gozo é recuperado. Freud, não obstante, aposta que o desenvolvimento da ciência, por tornar o homem magnífico se munido de todas as próteses, traz, trará ou traria maior índice de satisfação ao sujeito singular.

Tal aconteceu? Isto é, o sujeito crítico kantiano que guarda em sua divisão o sujeito neurótico freudiano está em vias de desaparecimento (DUFOUR, 2005)? Ou melhor, está em vias de servir-se mais do gozo?

Chegou o momento de discutir se é possível uma resposta sobre a minoração do mal-estar. Se o tempo presente presenteou a humanidade com a vida mais venturosa, mais prazerosa, mais amorosa. Esperança na letra que Freud escreveu: "Tempos futuros trarão novos e quiçá inconcebíveis progressos neste terreno da cultura, exaltando ainda mais a deificação do homem." (1930, p.

3054) Deificar significa tornar a existências mais onipotente, mais onipresente, mais dominadora, mais previsível, retirando a surpresa que assoma a existência em cada esquina. Não deve haver muita dúvida que tal "deificação" somente pode resultar da dominação do saber nestes meandros que na pena não somente de Freud, mas também em qualquer pensador moderno, faz com que se leia como fatal o mal-estar. Este pensador moderno assemelha-se a um tiranossauro diante dos pensadores contemporâneos, apologéticos em relação ao progresso. A intromissão deste saber permite, permitiria ou permitirá que a satisfação das pulsões, notadamente as sexuais, alcance um nível de satisfação impensável em Freud e seus analisantes. De forma similar, as tendências agressivas cada vez menos mostrariam a cara violenta, pois a satisfação ocupa, ocupará a cena cotidiana.

Assim presenciamos que nem o aprisionamento na diferença sexual anatômica é barreira intransponível. A ciência promete cada vez mais o prolongamento da existência. Os mais crentes nos delírios da razão interpretam a mortalidade como um fenômeno genético perfeitamente manipulável, assim que a tecnologia fornecer os meios. É considerado um ganho a satisfação sexual feita por meios virtuais que favorece que se mantenha distância cuidadosa do outro e que os fluidos deste não me maculem de forma alguma. Estas novidades são favoráveis ao princípio do prazer. O corolário mais óbvio é, ou deveria ser, a minoração do mal-estar. A minoração da principal representante deste: a angústia.

Voltando a Freud, este lança mão de uma analogia entre o sujeito e os astros do firmamento e define como imperturbável o movimento de translação em torno do astro-rei e o movimento de rotação em torno do próprio eixo. Qualquer alteração neste real, o sistema solar despedaça-se. Tudo o que Freud escreveu implica que, por estarmos em translação em torno dos mandamentos culturais, o movimento de rotação está, por meio desse laço, restrito. Uma construção produtora irrequieta e perene de mal-estar. No entanto, a novidade trazida à cultura implica no deslocamento cada vez maior da translação para a rotação. Isto é, cada vez mais nosso próprio eixo é senhor das demandas. A deificação da humanidade torna-a o próprio astro-rei.

Daí a pergunta: o mal-estar minorou?

Minorou por vivermos tempos líquidos como se expressa um dos mais argutos leitores da contemporaneidade, Zygmunt Bauman (2009)? Minorou por vivermos a sexualidade plástica, autônoma em relação à reprodução como se expressa outro leitor do momento atual, Anthony Giddens (1993)? Minorou pelo mercado ter sido inundado por drogas legais, além da distribuição e da fabricação de cada vez mais drogas ilegais? Minorou por não vivermos mais por volta de 40 a 50 anos? Minorou por estar à disposição uma miríade de objetos? Minorou pela medicina responder mais eficientemente ao desamparo?

Enfim: o programa do princípio do prazer está em vias de reduzir o valor dos mandamentos culturais em prol de um jogo mais franco em torno da satisfação?

Se a resposta a tais perguntas é negativa, a questão, então, não é dedicar-se apenas à crítica da razão científica contemporânea e considerá-la a razão do mal-estar, mas perguntar-se por quê não há indício de que a promessa de maior felicidade e menos angústia, esteja em vias de estabelecimento.

Há razões para tal?

Civilization and Its Discontents: less impactful ?

ABSTRACT: *The author inquiries about the reasons why biotechnological development does not increase the* quantum *of pleasure and peacefulness*

KEYWORDS: *Psychoanalysis; Science; Culture*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DUFOUR, D-R. **A arte de reduzir as cabeças. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FREUD, S. (1930) "O malestar en la cultura." **Obras Completas**. Tomo III.

Madri: Biblioteca Nueva, 1973.

GIDDENS, A. "A transformação da intimidade". In: **Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: UNESP, 1993.

Durval Mazzei Nogueira Filho
Rua Almirante Pereira Guimarães 298, Pacaembu
(11) 38625716
dr.durval@uol.com.br

Artigo

Pas de Deux: Reflexões Sobre Psicanálise e Dança

CRISTIANA CATALANO SOLDANO

RESUMO: O artigo propõe um olhar psicanalítico sobre a dança, abordando tanto seu aspecto linguístico quanto sua dimensão de fisicalidade, explorando alguns de seus elementos fundamentais, como peso e ritmo, para enfim relacioná-los à clínica das depressões.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Dança; Corpo; Peso; Depressão.

EM PONTAS

Subir em pontas
No limite do abismo
Dançar com facas nos pés

No teatro escuro e vazio, ao som da caixa de música, sobe a cortina.

No palco, uma bailarina.

Sentada sobre a tampa de um piano de cauda, ela calça suas sapatilhas de ponta. E a cada uma dessas pontas, está acoplado um enorme facão.

Agarrada a uma corda, ela escala e sobe pendurada até atingir a verticalidade, equilibrando-se de pé sobre as duas lâminas de aço fino e

Psicóloga, Psicanalista, Membro do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Membro do Núcleo de Estudos Lacanianos do mesmo Departamento.

brilhante.

No fio da navalha, ela solta a corda.

O desequilíbrio. A quase queda. O risco.

E ela arrisca.

Arrisca e risca e fura e fere vigorosamente a superfície do piano com suas afiadas pontas-facas.

E grita.

Por fim, cede o corpo exaurido enquanto baixa a cortina.

Esta breve narrativa foi inspirada numa videoinstalação concebida e performada pela bailarina francesa Amélie Ségarra e dirigida pelo artista espanhol Javier Pérez[1].

Recomendo que o leitor interrompa esta leitura por alguns minutos e assista ao vídeo antes de retomá-la.

É com a força perturbadora desse vídeo que pretendo iniciar essa conversa, buscando um lugar onde a dança e a psicanálise, estes dois grandes interesses da minha vida, possam dialogar.

DIVERSÃO E ARTE. DIVERSÃO E BALÉ

Um palco, um piano, uma bailarina, o som de uma caixa de música. Nesse cenário, onde se anuncia a promessa de uma apresentação de dança clássica, o espectador é interpelado por uma cena que desmonta suas expectativas e o provoca, suscitando uma interrogação: o que isso quer dizer? E se isso realmente quer dizer algo, será esse algo apreensível?

Eis o enigma da relação entre o símbolo e o que é simbolizado; eis a inevitável fenda entre a perspectiva do artista, que se expressa, e a do espectador, que se deixa impressionar por essa expressão.

Estamos diante da questão do sentido, de sua produção e apreensão, e

1. O vídeo foi produzido no Teatro Municipal de Girona, está disponível atualmente no *site* Vimeo e pode ser acessado pelo link: https://vimeo.com/66721776.

é nesse contexto que recorremos ao pensamento psicanalítico.

Freud (1900/1987), em *A Interpretação dos Sonhos*, evidencia que estes não são interpretáveis de acordo com significados predeterminados. Desde então, conhecemos a impossibilidade de se estabelecer uma relação intrínseca, unívoca, entre o símbolo e o simbolizado. Assim como as outras formações do inconsciente, o sonho é abordado por Freud como um discurso dissimulado, deslocado, condensado, disfarçado, cuja significação só pode ser parcialmente desvelada graças ao trabalho associativo.

Temos aí alguns elementos fundamentais que Lacan recupera e reformula em seu retorno a Freud, recolocando a linguagem no primeiro plano do campo psicanalítico e estabelecendo uma analogia entre o funcionamento dos processos inconscientes e o funcionamento da própria linguagem. Em entrevista a Caruso (1972[1966]) *apud* Mafra (1999), Lacan declara que Freud teria sido um grande linguísta sem sabê-lo e consagra *A Interpretação dos Sonhos* como um verdadeiro tratado de linguística. E é na linguística estrutural de Saussure que Lacan se apoia para avançar em sua retomada do texto freudiano e para sustentar alguns de seus desenvolvimentos teóricos. Lacan recorre ao esquema saussuriano de signo linguístico e inverte as respectivas posições do significante e do significado em relação à barra, marcando a supremacia do significante ao reposicioná-lo na parte de cima, grafando-o com S maiúsculo.

Ao descrever a propriedade do significante de se definir não por um significado, mas sim por outro significante ao qual ele se opõe e se relaciona, Quinet (2003, p.40) exemplifica:

> Tomemos o significante "homem". Quando se diz "o homem e a humanidade", "o homem e a massa", "o homem e o animal" e "o homem e a mulher", esse homem que está presente nessas quatro proposições é o mesmo? Esse simples exemplo mostra que a primeira propriedade do significante é que ele só se define pela diferença. E essa diferença se encontra em sua situação de oposição em relação a outro significante.

O fato de uma palavra poder ter vários sentidos, dependendo de sua posição e articulação em relação a outras palavras, deflagra o que Lacan

designou por equivocidade do significante, propriedade fundamental que caracteriza o funcionamento do inconsciente.

A esse respeito, diz Bowie (1991) citado por Fernandes (2007, p.38):

> Qualquer um que vá em busca do significado em sua origem, ou em suas formas essenciais, não tem outra opção que não a de viajar pelo caminho da linguagem, e a todo momento nessa jornada, significantes variadamente conectados estendem-se ao horizonte em todas as direções. Quando o significado parece estar finalmente ao alcance, dissolve-se ao toque do explorador em ainda mais significantes.

Compreende-se aí a supremacia do significante em relação ao sujeito, que se vê capturado e em certo sentido dominado por uma linguagem que ele supõe controlar.

Em outras palavras, como costuma dizer Durval Mazzei Nogueira, "não somos donos da língua que falamos"[2]. Isso nos conduz ao fato de que o inconsciente não se situa num lugar escuro e recôndito dentro do sujeito. Ao contrário, ele faz parte da ordem do simbólico, da cultura.

O corpo, tal como Freud (1893-1895/1987) nos ensinou ao escutar suas histéricas, está inserido nesta ordem na medida em que carrega uma história e é atravessado pela linguagem. Assim, o inconsciente está, também, no corpo que dança.

O corpo dançante, visto pelo prisma da comunicação linguística, é um instrumento significante capaz de ensejar e multiplicar significados imprevisíveis.

Por meio do movimento corporal, o dançarino faz de seu corpo um objeto linguístico saturado de sentido, colocando em jogo uma enorme potência de significação sem precisar pronunciar uma única palavra.

Isto posto, voltemos ao vídeo atuado por Amélie Ségarra, onde se produz uma cena que faz despontar uma série de elementos que se relacionam e deslizam

2. Informação verbal obtida no núcleo de estudos lacanianos no Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em junho de 2015.

na cadeia significante, propiciando múltiplas possibilidades de interpretação.

Nesse panorama, o recorte que faço diz respeito ao seguinte aspecto: apesar de ser uma bailarina clássica, Amélie compõe uma cena que se contrapõe de forma radical ao que se espera de uma bailarina numa apresentação, por assim dizer, tradicional. Não há como negar que a dança clássica, tantas vezes descrita como uma arte sublime, conduz o espectador a um estado de contemplação. Bailarinos como Maria Alexandrova e Mikhail Baryshnikov afiguram-se como verdadeiras aparições oníricas surgindo no palco; os corpos dotados de extrema beleza e habilidade parecem evoluir suspensos no ar, transportando-nos a um mundo livre das leis da gravidade.

Cativados pela promessa de encontro com um corpo que não vacila, contemplamos o bailarino como um ser completo que goza da relação narcísica com o próprio corpo, preenchido pela plena sensação de consciência física, controle e perfeito equilíbrio: diversão, arte, balé, miragem.

Amélie Ségarra desconstrói essa imagem e revela ao espectador o engodo desse estereótipo do bailarino que tudo pode, fazendo emergir o fantasma do corpo louco, brutal, insatisfeito e castrado, que enfrenta riscos, luta pelo próprio equilíbrio e se desmonta em exaustão no final da cena.

Em suma, ela cria uma atmosfera comparável à de uma grande caixa de música para enfim subvertê-la, trazendo o grito violento e visceral no lugar do giro harmonioso e contínuo. Ao mostrar a expressão insatisfeita na busca por algo intangível, ela se revela humana e nos lembra que vivemos, todos nós, com facas sob os pés.

Dentre tantos outros possíveis, este foi o sentido particular em mim evocado pelo vídeo de Ségarra.

Vale dizer que a interpretação do movimento humano, como expressão linguística, não exclui o entendimento da dança em seu aspecto físico, natural e sem inscrição no campo do sentido.

A respeito da coexistência paradoxal desses dois prismas na dança, o natural e o linguístico, diz Fernandes (2007, p.33):

A interpretação "naturalista" considera movimento corporal como anterior e não influenciado pela linguagem verbal, enquanto a interpretação "linguista" favorece a linguagem verbal. Ambas interpretações constituem sistemas buscando uma Verdade final e estável, no corpo ou nas palavras. Ambas evitam o paradoxo da dança e do movimento: ser simultaneamente física e linguística.

E, ainda, Fernandes (2007, p.42):

... a linguagem da dança é a da constante busca entre fisicalidade e linguagem, inerentemente dupla e paradoxal. Como na teoria de Lacan, o Real (a fisicalidade da dança), o Imaginário (a imagem projetada pela dança) e o Simbólico (os desencontros entre a forma e o significado da dança) coexistem, constantemente se desafiando e se redefinindo. Assim, a linguagem da dança é a da crítica a qualquer esquema de princípios fixos e finais. É a linguagem do paradoxo, a linguagem da não-linguagem.

Com isso, nos conduzimos à próxima parte desse ensaio.

DO PALCO À SALA DE AULA: DA PERFORMANCE AO ATO DE DANÇAR

Na sala de aula, diz a professora de dança:

"Peso. Esse nosso Deus chamado Peso. Escorre, entrega, oferece.
Afunda para poder voar.
Escuta a pausa; espera com dignidade.
O corpo risca o espaço; o pé mastiga o chão; as mãos cavam um mundo ao meu redor como se fossem pás.
Saboreia o movimento; habita seus pés; habita suas extremidades.
Fé no osso.
Desejo na sola do pé.
Desejo no topo da cabeça."

Estas são algumas das frases enunciadas em aula no curso Estrutura Corporal na Dança Clássica, ministrado pela professora Lu Favoreto no Estúdio Oito Nova Dança, em São Paulo, SP.

Qualquer tentativa de descrição aqui esboçada será insuficiente para colocar em palavras a experiência real, trabalhada e sentida no corpo, de participar desse curso.

Neste breve fragmento que pretendo delinear, começo por dizer que esta abordagem, fundamentada principalmente nos métodos de Klauss Vianna e Marie Madeleine Béziers, trabalha a dança em sua dimensão de experimentação.

Apesar de ser um curso de dança clássica, as pernas altas e piruetas virtuosas dão lugar ao espírito investigativo e curioso a respeito dos princípios do movimento: aqui, dançar é experimentar.

Experimentar o contato do corpo com o chão, reconhecendo e soltando pontos de tensão e almejando um corpo mais presente, sensorialmente desperto e disponível para o movimento; tocar os próprios pés, descobrir novos espaços entre os ossos metatarsianos e reconhecer a importância desse apoio; deixar-se impregnar pela percepção do corpo de tal forma que o movimento possa ser suscitado pelo próprio movimento; fazer da pausa um momento vivo, em estado de prontidão e atenção às movimentações internas; explorar a mobilidade das articulações, dobradiças do corpo utilizadas como poderosas alavancas na conquista de maior amplitude e fluidez de movimento; usufruir das reverberações e caminhos dos fluxos de movimento por todo o corpo, buscando sua reestruturação e maior integração, trabalhando assim com nossos resquícios de descoordenação motora e percebendo que, em certa medida, a criança despedaçada do estádio do espelho ainda nos habita; e por fim, descobrir o impulso proveniente do próprio peso: afundar para poder voar.

A esse respeito, disse Vianna (2005, p. 93):

> Duas Forças Opostas geram um Conflito, que gera o Movimento. Este, ao surgir, sustenta-se, reflete e projeta sua intenção para o exterior, no espaço. No corpo, esse fenômeno se inicia no momento em que descubro a importância do solo e a ele me entrego e o respeito. Essa é a primeira fase, a da germinação, a da

> entrega. Só quando descubro a gravidade, o chão, abre-se espaço para que o movimento crie raízes, seja mais profundo, como uma planta que só cresce com o contato íntimo com o solo.

Assim, aprendemos que não há sustentação sem um bom aterramento. Essa capacidade de usar o próprio peso e nele encontrar a força de propulsão é o assunto que nos leva à próxima e última parte deste ensaio.

DA SALA DE DANÇA À SALA DE ANÁLISE: O *PAS DE DEUX* ANALÍTICO.

É notável a frequência com que recebemos na clínica pessoas que se queixam de um estado de prostração e profundo abatimento, o que não significa, quando nos deparamos com um paciente nesse estado, que estejamos diante de um quadro de melancolia.

Kehl (2009), em *O Tempo e o Cão*, faz uma importante distinção entre a melancolia, os estados depressivos que podem abater circunstancialmente o neurótico, e a posição do depressivo crônico propriamente dita. Diz Kehl (2009, p.228):

> Na depressão, o problema com a temporalidade é de outra ordem, em relação à melancolia. Na melancolia o Outro materno, pouco disponível e, sobretudo, pouco interessado, se apresenta de má vontade e sempre com atraso em relação aos apelos da criança. O contrário ocorre na origem da depressão, em que o Outro materno se manifesta como um adulto ansioso e hipersolícito, que se precipita com frequência para atender às necessidades do *infans* antes que ele possa expressar sua insatisfação.

E, ainda Kehl (2009, p.256):

> O sujeito se refugia na depressão justamente porque não dispõe de recursos para se defender da voracidade do Outro. Ao se encolher, no quarto, na cama, imóvel sob as cobertas, o depressivo tenta evitar o incesto que, na fantasia, lhe parece iminente. Só que em sua retirada, ele acaba por se colocar perigosamente à mercê do mesmo gozo mortífero que vinha tentando evitar, pois quanto mais

ele recua, mais se coloca como que no colo do Outro.

Entendemos aí a ameaça da qual o depressivo tenta se refugiar enfiando-se na cama; entendemos também a dificuldade de se estabelecer uma diferenciação entre os quadros clínicos da depressão e da melancolia, dada a habitual semelhança sintomática existente entre ambas: falta de ânimo, inapetência para a vida, isolamento, desinteresse, lentidão mental e corporal.

Esse estado depressivo presente tanto na melancolia quanto nos quadros crônicos de depressão, e também em alguns episódios ocasionais que acometem os neuróticos, traz novamente à tona o tema do peso. Nesse caso, não só o peso do corpo e das pernas, que se recusam a ir e vir, mas o peso dos pensamentos, o peso agigantado dos problemas aparentemente simples do cotidiano, o peso da existência.

Arrisquemos, neste ponto, uma correlação entre o bailarino e o sujeito depressivo, sugerindo a ideia de que ambos compartilham do mesmo "Deus Peso", aderindo a este, no entanto, de formas completamente diferentes: para o bailarino, o peso é o que faz fluir o movimento, mola propulsora que potencializa a passagem do "espaço-chão" ao "espaço-ar". Para o depressivo, resta o peso inerte, a imobilidade.

Surge, então, a seguinte questão: De que maneira essa contraposição entre o depressivo e o bailarino poderia nos ajudar a pensar a clínica psicanalítica das depressões?

Vejamos o que defende Weill (1998, p.37):

> O corpo, que nos foi dado, é um corpo que pode dançar. Direi que o tipo de escansão que pode restituir ao depressivo a leveza de seu corpo, falo a partir de minha experiência, não é da ordem da interpretação. Nunca vi uma interpretação fazer o menor efeito em um deprimido ou em um melancólico. Em contrapartida, o que pode criar uma escansão e devolver a vida ao corpo do deprimido é o ritmo. O ritmo, isto é, o que há de mais assemântico e que não tem nenhum sentido, o ritmo da música, que faz mexer, dançar.

Antes que o leitor suspeite que costumo levantar da poltrona e sair bailando com meus pacientes ao som de uma bela valsa, detenhamo-nos um pouco sobre a questão do ritmo e da música. Encontramos, em Zygouris (2002, p. 27) a seguinte proposição:

> Os sons, o ritmo, mas também o silêncio, que é sempre um silêncio ritmado e singular, que une a criança na barriga da mãe ao mundo, são os precursores da música e o substrato do vínculo em geral. Mesmo antes de seu nascimento, a criança está mergulhada no tonal e no rítmico de uma pessoa específica que a une ao mundo. Quando alguém fala, seu corpo toca aquele que ouve. O vínculo "musical" supõe uma continuidade que se opõe à descontinuidade das palavras da língua. Assim, através da voz os corpos se tocam, se sincronizam, se ritmam.

Ao colocar o vínculo em perspectiva, relacionando-o não só aos ritmos e à música, mas a tudo o que ocorre para além da fala no contato entre dois corpos em presença, Zygouris nos leva ao plano do sensível. Consideremos o tecido deste plano na cena analítica, onde as palavras trocadas estão carregadas de elementos não-verbais tais como o ritmo do corpo do analista, seu olhar, suas tonalidades de voz e humor, suas pausas e silêncios vivos, a alternância entre presença e ausência nas idas e vindas das sessões, e toda a reverberação desses fluxos no corpo do paciente, que retornam refluindo no analista e resultam numa cadência própria da dupla em cada sessão, incluindo variações e mudanças de tom e compasso dentro de uma mesma sessão.

Embora o vínculo e a transferência estejam entrelaçados, há entre os dois uma diferença fundamental: a transferência é interpretável, enquanto o vínculo é apreensível apenas por meio de nossas sensorialidades. Como diz Zygouris (2002, p.23): "O vínculo é o umbigo do ato analítico, assim como existe o umbigo do sonho, que não é analisável". (grifo do autor)

Pareceu-me interessante empregar a expressão *pas de deux* analítico, pois no vínculo, assim como no *pas de deux* (passo de dois) da dança, não há uma relação especular ou mimética entre os pares, mas ambos, ainda que marcando

suas diferenças individuais nas formas, gestos e movimentos, são ultrapassados por uma frequência que ressoa e repercute reciprocamente entre os dois.

Pondero que a operação analítica não se reduz unicamente ao vínculo, e que o analista, ao conduzir o tratamento, instrumentaliza a própria posição ocupada na transferência para manejá-la de acordo com sua estratégia clínica, valendo-se de diversas intervenções daí derivadas, inclusive a interpretação.

Assim, as sensorialidades presentes na sessão analítica fazem parte de um processo cuja complexidade não pode ser desconsiderada. Ao evidenciá-las aqui, penso estar tocando num ponto que requer discussões e desenvolvimentos posteriores, do qual venho tentando me apoderar de diferentes formas no manejo clínico com cada um dos pacientes, especialmente os depressivos mais graves que, como vimos com Weill (1998), tendem a ser impermeáveis em relação à interpretação e dificilmente alcançáveis pela palavra.

Lembremos, no contato com o depressivo, que é pela via do não-verbo que podemos convidá-lo ao verbo, instigando o interesse pela análise e pela chance de caminhar rumo a uma nova posição subjetiva, de onde possa advir o desejo e a perspectiva de decidir e se responsabilizar pelos próprios passos, conduzidos por pernas e pés mais dispostos e habitados pela pulsação da vida.

Pas de Deux: Reflections about psychoanalysis and dance

ABSTRACT: *The article proposes a psychanalytical view of dance, discussing both its linguistic aspect as well as its physicality dimension, by exploring some of the main elements as weight and rhythm to relate them to the clinic of depression.*

KEY WORDS: *Psychoanalysis; Dance; Body; Weight; Depression.*

REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. **Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro: repetição e transformação.** São Paulo: Annablume, 2007.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1893[1895]). Estudos Sobre a Histeria, v.2.

_____. (1900). A Interpretação dos Sonhos, v. 4 e 5.

KEHL, M. R. **O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões.** São Paulo: Boitempo, 2009.

MAFRA, T. M. **Um Percurso em Psicanálise com Lacan.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

QUINET, A. **A Descoberta do Inconsciente: do desejo ao sintoma.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIANNA, K. **A Dança.** 6.ed. São Paulo: Summus, 2005.

WEILL, A. D. **Lacan e a Clínica Psicanalítica.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

ZYGOURIS, R. **O Vínculo Inédito.** São Paulo: Escuta, 2002.

Cristiana Catalano Soldano
Rua Plínio de Morais, 307 - Sumaré.
CEP 01252-030
(11) 996724822
cristianasoldano@bol.com.br

Artigo

Por uma perspectiva do Sintoma no Corpo de Maria Molambo: considerações baseadas na primeira tópica freudiana

MARIANA LEAL DE BARROS

RESUMO: A análise da produção de dores histéricas, desenvolvida, sobretudo na primeira tópica freudiana, é um dos alicerces em que a análise deste artigo se baseia. Pretende-se articular os subsídios teóricos no atinente à produção do sintoma aos ditos de uma pombagira de umbanda, entidade espiritual feminina pertencente ao panteão umbandista. O enunciado "Este corpo não falava, e por isso tinha dores", dito por uma pombagira a respeito de sua médium foi o disparador temático para que se realizasse uma discussão à luz da teoria freudiana.

PALAVRAS-CHAVE: Sintoma; Histeria; Gênero; Sexualidade; Afro-brasileiro

"Esse Corpo Não Falava, Por Isso Tinha Dores." Esta Foi A Frase Que Me Levou A Eleger Um Episódio Vivenciado Em Minha Pesquisa De Doutorado Para Introduzir A Temática Do Sintoma A Partir Da Perspectiva Freudiana. A Autora Da Frase É Uma Pombagira[1], Maria Molambo, Uma Classe De Espírito

Psicóloga, doutora em Psicologia (FFCLRP-USP) e Sociologia / Antropologia (Université Lumière Lyon 2, França), pós-doutora em Antropologia (FFLCH-USP)

1. Para maiores detalhes, ver Augras (2004); Capone, (2004); Hayes, (2008) e Prandi, (1996).

Feminino Pertencente Ao Panteão Umbandista, Uma Das entrevistadas na tese de doutorado[2] que investigou elaborações de feminino à luz desta misteriosa personagem do imaginário social brasileiro. (BARROS, 2010).

Na tese não houve uma atenção dedicada ao sintoma, e muito menos à histeria, pois o risco de reduzir o fenômeno a uma patologia é grande. Ainda assim, penso que o episódio no qual o artigo se baseia é rico o bastante para que algumas considerações teóricas possam ser articuladas para pensarmos na maneira com que entidades espirituais, como as pombagiras, podem se configurar como subsídios para que os sujeitos em que incorporam encarem e escancarem os seus sintomas.

As pombagiras são classes de espíritos femininos pertencentes ao panteão umbandista. Em geral são incorporados por mulheres médiuns de umbanda que participam dos rituais e festas destinados a esta entidade. Nestas ocasiões os fieis buscam as pombagiras para que a entidade os ajude a solucionar os mais diversos tipos de problemas.

Esta pesquisa investigou três terreiros de umbanda do Estado de São Paulo e em cada um deles, três mulheres foram selecionadas. As médiuns eram entrevistadas em suas casas, por meio de uma conversa aberta que buscava dar espaço para que dissessem a respeito da sua relação com as pombagiras que incorporam. Algumas delas incorporavam até três pombagiras, mas, em geral, cada mulher tem uma pombagira. A maior parte incorpora em médiuns mulheres, tendo a pombagira uma associação direta com o feminino e o "ser mulher". (BARROS, 2010; BARROS & BAIRRÃO, 2015)

Para tratar do tema selecionado, no entanto, remonto a um episódio vivido em 16 de setembro de 2005, quando me dirigi a um terreiro de umbanda acompanhada, na época, de meu orientador de tese, que também investiga esta religião à luz da psicanálise. Para a realização da pesquisa neste terreiro foi indicado que eu pedisse a autorização da pombagira da mãe-de-santo da casa. Assim, enquanto filmava o ritual, ela se dirigiu até mim tão logo incorporou

2. Este texto foi redigido como trabalho de conclusão de disciplina no curso Formação em Psicanálise do Instiuto Sedes Sapientiae e conta com dados colhidos durante o doutorado (Barros, 2010) e analisados no pós-doutorado realizado no Departamento de Antropologia (DA-FFLCH-USP). Apoio: FAPESP.

no corpo da mãe-de-santo e indagou-me sobre o que eu desejava. Após uma longa conversa, ela disse: "Tudo bem. Agora você pode ir falar com as mulheres (pombagiras). Primeiro vá para a terra, depois para o fogo, e depois para a água...".

Não compreendi bem o que dizia, mas como não queria me mostrar despreparada olhei para todas as mulheres em transe de pombagira e intuitivamente centrei-me em uma delas que se assemelhava à "terra". Não sei bem dizer o porquê desta eleição, não havia nenhum aspecto físico que se remetesse a isso. Dirigi-me a ela, perguntei se poderia me contar a sua história, ao que me responde que se tratava de uma pombagira, Maria Molambo[3], complementando: "Molambo é terra, é barro, é terra com água, é o sangue, é vida! A mulher o que é? Ela é vida, ela gera! Ela não é só para parir, mas gerar vida, e é aí que eu trabalho!"

Assim, soube que minha escolha havia sido certeira, iniciei pela "terra". E mais, a pombagira já me fornecia interessantes articulações entre a "terra" e a "mulher".

> Em seguida, diz que a Molambo mexe com a doença, o pus, o câncer, o que é sujo: "Quando você não tem prazer, não se expõe, não coloca pra fora, se você não fala, você estraga por dentro... E aí vêm as dores." Por isso é importante colocar pra fora, por isso a importância do pus, (...) o sinal de que está doente e precisa colocar pra fora o que está sujo. Se não, vai corroendo, dói por dentro e gera um câncer (ela diz câncer, mas me pareceu que ela se referia a algo mais amplo do que apenas a doença). Ela falava tudo isso me encarando profundamente nos olhos, gesticulando, e com um certo sorriso suspeito nos lábios. Disse para mim: "Você, mulher, você não fala, você não fala o que quer. Não tem coragem e aí você guarda... e vêm as dores". (...) Disse que se eu acreditar, se eu falar, se eu brigar pelo que eu quero, eu vou conseguir. Por isso eu preciso falar, porque se eu não me expressar, eu vou adoecer, eu vou morrer. Então,

3. As pombagiras da umbanda subdividem-se em "linhas", que podem ser compreendidas como subtipos, ou categorias que as identificam. Por exemplo, há as pombagiras de porte mais aristocrático e com ar de realeza, conhecidas como da linha de Maria Padilha, e outras que se assemelham A mulheres de rua, como a Maria Molambo.

> perguntei se ela ajudava também à sua médium com tudo isso, ela respondeu: "a gente age na falta, a gente vem na necessidade da pessoa", explicitando que não é qualquer pombagira que vem para você, elas aparecem por algum motivo que tem a ver com a médium em que incorpora: "Esse corpo era igual a você (refere-se à J., médium em que incorpora). Ela tinha dores, guardava tudo dentro e aprendeu que precisava colocar pra fora, que precisava falar, se não, ela adoece, se não, ela continuaria a ter dores pelo corpo." Acrescenta, ainda: "Eu sou isso: o sangue, a terra, a sujeira..." (Trecho de diário de campo).

Maria Molambo enuncia a necessidade de se expressar, de não reter, de colocar para fora para não adoecer. Por meio da terra, elemento que lhe representa, evoca a importância de colocar a sujeira para fora.

O estereótipo escrachado da pombagira Maria Molambo, tipificada como uma mulher de rua bêbada, recebe novas roupagens. O sujo, aqui, é atinente às profundezas, àquilo que se esconde. O encoberto, no entanto, não é excluído, transforma-se em ferida e surge em forma de pus, que deve ser encarado e limpo.

Antes de me ater à Maria Molambo e ao "seu corpo", no entanto, recorro a duas explicitações de posição - ou perspectiva - para cumprir o objetivo deste artigo: uma discussão sobre o sintoma na acepção freudiana. A primeira se refere à leitura freudiana por meio da qual realizo esta breve análise. A segunda, mais adiante, se faz necessária para que fique claro o lugar de onde falo, ou seja, a posição analítica que ocupo, a qual alia antropologia e psicanálise na contemplação do objeto de estudo eleito. Finalmente, discuto o enunciado de Maria Molambo em diálogo com a perspectiva psicanalítica a respeito do sintoma, mais especificamente relativo à primeira tópica freudiana.

O SINTOMA: PARA QUE SE POSSA OUVIR O QUE NÃO SE VÊ

Em os Estudos sobre a Histeria (1893/2006), Breuer confessa ao seu colega: "Creio que esta é a coisa mais importante que nós dois temos a dar ao mundo." De fato, é esta obra que inaugura o desenvolvimento de uma ideia que aqui nos é cara: os sintomas têm uma história.

No fim do século XIX, a histeria era uma patologia de difícil compreensão, pois os inúmeros sintomas somáticos e aparentemente orgânicos dificultavam a sua classificação junto às patologias psíquicas; ao mesmo tempo, as explicações "orgânicas" para os sintomas apresentados não faziam sentido. Por meio dos estudos de Breuer, Charcot e Freud, no entanto, vemos que ela foi fundamental para o surgimento mesmo da psicanálise exatamente por este motivo.

Sob a técnica da hipnose, Breuer e Freud começaram a desenvolver a ideia de que os pacientes associavam fatos e experiências ao surgimento destes sintomas. Em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* (FREUD, 1893/2006), os autores passam a defender que fatos traumáticos determinavam e influenciavam a histeria mais do que se esperava, acrescentando a isso que "os histéricos sofriam de reminiscências" (FREUD, 1893/2006, p. 43). Ou seja, fatos ocorridos, por vezes há muitos anos, continuavam a agir de forma intensa sobre o psiquismo do indivíduo a depender da reação energética que o sujeito foi capaz de realizar na situação que vivenciou. Em linhas gerais, essas lembranças correspondiam "a traumas que não foram suficientemente ab-reagidos" (FREUD, 1893/2006, p. 45), ou seja, ao experimentar uma situação traumática, se o sujeito dá uma resposta energética à altura, por exemplo, respondendo a uma ofensa ou chorando diante de algo que lhe causou tristeza, a energia se dissipa. Se o sujeito não consegue lidar com a situação, a energia pode ficar retida e ser desviada para outro "lugar", como para o corpo, dando origem a um sintoma aparentemente orgânico: "Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança." (FREUD, 1893/2006), p.44)

É também importante considerar que à diferença da prática médica - e psiquiátrica - da época, os autores não buscavam apenas a semelhança entre os casos para a descrição da patologia de forma generalista, mas, progressivamente, apresentavam como os sintomas se mostravam de forma individual e estritamente ligados à história do sujeito. Afirmava, ainda, que a própria forma do sintoma possuía relação com a origem do mesmo, como podemos ver na descrição seguinte:

> Uma jovem que velava o leito de um enfermo, atormentada por uma grande angústia, caiu num estado crepuscular e teve uma alucinação aterrorizante, enquanto seu braço direito, que pendia sobre o dorso da cadeira, ficou dormente; disso proveio uma paresia do mesmo braço, acompanhada de contratura e anestesia. (FREUD 1893/2006, p. 40)

Em outros casos, a forma que assume o sintoma é mais "simbólica", como a repetição de vômitos associado a um sentimento de "repulsa moral", mas de qualquer forma havia uma história que se associava à construção e à origem daquele - ou daqueles - sintoma. O mais interessante, no entanto, não se esgotava nesta descoberta, mas no fato de que ao falar com afeto sobre estes eventos, o sintoma desaparecia:

> [...] cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras. A lembrança sem afeto quase invariavelmente não produz nenhum resultado. (FREUD 1893/2006, p. 42)

Percebendo que a linguagem possuía íntima relação com o processo de cura, Breuer e Freud (1893/2006) afirmam que a linguagem poderia, inclusive, servir de substituta para a ação no processo de ab-reação. No entanto, quando o sujeito passa por experiências traumáticas e não fala sobre o assunto, não chora, não se "confessa", esta carga de emoção fica retida, o que faz com que a própria lembrança do fato conserve esta carga afetiva, dando origem a um sintoma.

Na própria Comunicação Preliminar (1893/2006), os autores afirmam que é importante ressaltar o fato de que frequentemente estes eventos não se acham à disposição do paciente em sua memória, de maneira que seria necessário o uso do recurso hipnótico. Como exemplo, Freud (1893/2006) cita o caso de uma paciente histérica que, entre outros sintomas, sofria de grande sede, pois não conseguia beber água por mais que estivessem num calor intenso. Ao ser submetida à hipnose, a mesma se lembra de que havia ido ao quarto de

sua dama de companhia, de quem não gostava, e observara o seu cão - "uma criatura nojenta" - bebendo água em seu copo. Na época, a paciente nada disse, pois não seria uma atitude "gentil", mas fala com imensa raiva sobre o ocorrido, enquanto desperta com o copo de água nos seus lábios. A partir de então, a perturbação desapareceu, o que enuncia que neste, assim como em inúmeros outros casos relatados, ao encontrar expressão verbal, os sintomas desaparecem, ou seja, são eliminados/esgotados pela fala.

À histeria que converte a carga afetiva não ab-reagida em sintoma "físico", como paralisias, tiques, dores e movimentos repetitivos, Freud dá o nome de histeria de conversão. Neste momento, o psicanalista não construía ainda qualquer conclusão sobre o motivo ou o mecanismo que fazia com que a carga de afeto ligada a essas experiências não houvesse sido descarregada, mas já esboçava que existiam inibições e resistências percebidas na história do paciente que construíram um comportamento de "evitação" em relação ao episódio traumatizante (FREUD, 1893/2006).

Ao mesmo tempo, sua pergunta era: Ora, que psiquismo é esse que constrói sintomas baseando-se em experiências esquecidas, sonhadas, deformadas?

Por isso, ao passo que desenvolvia seu método de tratamento, começava a vislumbrar que existia algo que coordenava tudo isso para além a consciência. Em Psicoterapia da Histeria (1895/2006) o método ainda era puramente catártico, mas tanto a teoria quanto a prática já ganhavam novas arestas. Primeiro, porque Freud abandona efetivamente o método hipnótico, partindo para métodos ainda sugestivos, como o da pressão da testa, mas que, em contrapartida, mantinham o paciente consciente, de maneira que este pudesse se ouvir. Assim, revelava-se também para ele a etiologia dos seus sintomas, e estes eram tratados de forma mais efetiva.

Em segundo lugar, porque Freud (1895/2006) a se debruçar com maior atenção aos mecanismos de defesa que se atrelavam à origem dos sintomas, ou seja, às censuras e resistências que se associavam às lembranças das cenas traumáticas; existia um nexo entre o sintoma e algo não sabido, uma ideia recalcada.

Neste sentido, o seu objetivo era também o de desenvolver uma técnica que o auxiliasse a suplantar estas resistências, pois percebia que uma vez

transpostas, era como uma porta trancada que se abria: o acesso era livre. Assim, a ideia da resistência se impõe em primeiro plano, o que o leva:

> [...] à visão de que a histeria se origina por meio do recalcamento de uma ideia incompatível, de uma motivação de defesa. [...] a ideia recalcada persistiria como um traço mnêmico fraco (de pouca intensidade), enquanto o afeto dela arrancado seria utilizado para uma inervação somática. (Em outras palavras, a excitação é "convertida".) Ao que parece, portanto, é precisamente por meio de seu recalcamento que a ideia se transforma na causa de sintomas mórbidos, ou seja, torna-se patogênica. (FREUD, 1895/2006), p. 298.

Freud já começava a esboçar outras compreensões de funcionamento psíquico, mas em relação à histeria de conversão, que aqui nos interessa, este mecanismo, de certa forma, permanece coerente em toda a sua obra. Além disso, foi a histeria, *L'enfant magnifique de la psychanalyse* (NASIO, 1995), mais do que qualquer outra coisa, que incitou à "descoberta" de que o falar cura (*talking cure*).

Hoje pode nos parecer evidente, mas um tratamento baseado na tradução do afeto em palavras era algo suficientemente ousado para a época. Ainda mais porque, *a priori*, não se percebia qualquer ligação entre as memórias narradas e os sintomas.

Também julgo importante ressaltar que por mais que nesse momento o veio "médico" e investigativo ainda fosse excessivamente marcante, Freud salientava a importância de o próprio paciente chegar às origens de seus sintomas, evocando a necessidade da prática clínica de análise para tanto. Com efeito, o caráter investigativo, que se centrava em desvendar o enigma por trás do sintoma, não se sustentava sozinho:

> [...] é inteiramente inútil tentar penetrar direto no núcleo da organização patogênica. Ainda que nós mesmos pudéssemos adivinhá-lo, o paciente não saberia o que fazer com a explicação a ele oferecida e não seria psicologicamente modificado por ela. [...] O melhor é permitir-lhe, por algum tempo, reproduzir esse material sem ser influenciado. É verdade que ele próprio não

> está em condições de desvendar ligações importantes, mas se pode deixar que elucide o material que está dentro da mesma camada. As coisas que ele traz à tona dessa maneira parecem muitas vezes desconexas, mas fornecem um material que ganhará sentido quando mais tarde se descobrir uma ligação. (FREUD, 1895/2006, p. 304)

Freud (1895/2006) aponta, ainda, que os sintomas, no processo da análise, participam da conversa terapeuta-paciente, podendo reaparecer ou aparecer com maior intensidade assim que se alcança a "região da organização patogênica que contém a etiologia do sintoma", atingindo o seu clímax pouco antes de o paciente enunciar a lembrança patogênica que se atrela ao sintoma (FREUD, 1895/2006, p. 308).

Também penso ser interessante lembrar que desde o Projeto para uma Psicologia Científica (FREUD, 1895/2006), apesar do "ranço" biológico ser demasiadamente forte, Freud já começa a pensar que as resistências e os recalques se associam a ideias que despertam no ego tanto um afeto "penoso" (desprazer), quanto àquelas provenientes da vida sexual.

Por fim, cumpre ressaltar que para abarcar o objetivo deste texto, dedico-me, principalmente, às obras iniciais do desenvolvimento da teoria freudiana, são elas: Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias (1886-1889) Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Histéricos: uma comunicaçãopreliminar (1893), C (1895), Apsicopterapia da Histeria (1895) eNeuropsicoses de defesa (1894). Estes textos trabalham, sobretudo, num registro do método catártico freudiano, mas apresentam com maior destaque os mecanismos da histeria de conversão. A partir de então, recorro a obras que me auxiliam a pensar a psicanálise por meio de um diálogo prudente com a cultura.

ANTROPOLOGIA E PSICANÁLISE: UM MEIO DE AFINAR SEU OUVIDO

> Aos poucos, a cultura por suas obras, vai sendo um objeto reconhecedor do sujeito e assim validando-o, chama-o a tomar posse do que é seu, assim como no caso específico do psicanalista tornar-se *um meio de afinar seu ouvido e apurar*

> *seu tato*, por, a exemplo de Freud, deixar circular em si os ritmos, as emoções das grandes obras e 'na mágica dessas obras, se deixar, repetindo Fuentes, 'viver'. (HONIGSZTEJN, 2004, p. 35)

O risco de ancorar a interpretação do que é visto - ou ouvido - nos territórios afro-brasileiros em uma compreensão exclusivamente "psi" é não apenas destituir o fenômeno de sua "realidade ritualmente confirmada" (CRAPANZANO; GARRISON, 1977, mas também o de "patologizá-lo" muito apressadamente.

Maria Molambo, assim, não é concebida como "parte" de J., médium que a incorpora, nem alucinação, nem outra coisa que o valha nestes registros. A entidade espiritual é compreendida como sujeito diferenciado, posto que a própria comunidade lhe concede tal lugar. Para tanto, é preciso considerar que as pombagiras figuram na cultura brasileira e não apenas no imaginário de J., médium que a incorpora. Ou seja, Maria Molambo não existe apenas para J., trata-se de uma classe de pombagiras que se apresenta a cada noite nas mais diferentes cidades do Brasil. A maior parte delas bebe cerveja e gosta de roupas escuras, algumas surgem também com saias rasgadas, andar cambaleante e com uma garrafa de bebida na mão, sentidos que se associam ao significante "molambo" e à imagem da "mulher de rua".

Penso ser necessário evocar que Maria Molambo, aqui, é compreendida em posição discursiva diferenciada de J., porque assim o é para aquela comunidade. Este posicionamento toca também uma compreensão do que é o transe e a uma confusão sobre se o fenômeno da possessão é construído culturalmente ou uma produção do indivíduo. A esse respeito, atualmente, há subsídio teórico suficiente para nos mostrar os limites de nos atermos somente a um dos eixos.

Um dos autores utilizados para tanto é Ioan Lewis (1971/2003, clássico nos estudos de possessão, que foi criticado por buscar uma terapêutica no culto e compreender o fenômeno no nível individual (BODDY, 1989,1994).

Lewis (1972/2003) se defende ao afirmar que se os informantes dão esses sentidos, ele não pode ignorá-lo, e ressalta a necessidade de pensar a relação do grupo com o espírito na composição da identidade da pessoa possuída, afirmando que há uma força comunitária simbólica neste fenômeno.

Seria interessante se o seu posicionamento se esgotasse por aí. O problema, a meu ver, não é o de pensar os sentidos "terapêuticos" que os espíritos podem oferecer à comunidade, mas dizer que eles *são* isto. Lewis (1977) é categórico ao utilizar construções como: "A possessão nesse contexto é, *na verdade*, um alívio, um escape à dura realidade." (LEWIS, 1977, p. 242, grifo meu) Digo isso porque em minha pesquisa, quando construo interpretações possivelmente "psis" na análise do que se pratica, esforço-me para não reduzir o fenômeno por inteiro a essas análises que se vestem de tradução do fenômeno cultural. Ou seja, é possível haver compreensões que se somam à explicação dada pelo praticante, posto que não estamos no campo apenas para ser porta-voz dos sentidos do grupo, mas este posicionamento nos leva a pensar, por exemplo, que a possessão *pode ser também* "um escape"; mas ao dizer que a possessão "é, *na verdade...*", Lewis (1977) se coloca em posição delicada por desconsiderar a versão dada pelos próprios praticantes, atribuindo *outra* (a sua) interpretação legítima à possessão.

Apoio-me para tanto em Crapanzano (1977; 2005), que contribui ao afirmar que para compreender a possessão deve-se pensar que existe ali um "idioma" que é compartilhado coletivamente, mas, ao mesmo tempo, possui também uma relação singular entre a pessoa e o espírito. O autor salienta que este "idioma" é provavelmente estruturado como linguagem, mas é mais do que linguagem no sentido restrito ao linguístico, pois, nesta linguagem o sentido se dá com base nas relações estabelecidas. Para nos fornecer um quadro completo do "idioma" da possessão espiritual não basta a descrição dos espíritos, suas associações, relações e inter-relações. Seria necessário também descrever o "idioma" das pessoas que os incorporam e, consequentemente, as suas próprias associações e vice-versa (CRAPANZANO e GARRISON, 1977). Ou seja, trata-se de compreender os espíritos a partir do próprio idioma em que são significados, bem como por meio do idioma de quem os incorpora.

Assim, para lidar com o universo umbandista, de forma a respeitar a alteridade do fenômeno observado, é necessário que eu compreenda o "idioma" que ali se pratica. Dito de outra maneira, se buscamos traduzir o fenômeno para um segundo idioma, por exemplo, o idioma do pesquisador ("ocidental"), acabamos por distorcer os sentidos dados pelos praticantes. O que se defende não é uma restrição a retratos "puramente" descritivos, mas de

situar o pesquisador em posição de escuta do que lhe é enunciado, para então analisar as construções, as relações e as atribuições de sentido existentes entre os possuídos e os espíritos.

Ao que podemos compreender a partir da psicanálise, é preciso lembrar que desde o início, a psicanálise é intrinsecamente social e não restrita a um ego fatidicamente individual. "A psicanálise se situa entre terapia e cultura" (DAVID-MÉNARD, 2000, p. 24)[4], e Freud (1921/2006) nem mesmo concebia um "psiquismo coletivo", dada a incoerência do termo, pois compreendia os mecanismos que se processam no indivíduo desde o início por meio da integração com o outro:

> O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente, e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. (...) desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (FREUD, 1921/2006, p. 81)

Mais tarde, Lacan (1960/1998) vai nos oferecer um terreno mais confortável para trabalhar neste registro ao desenvolver o conceito de Sujeito, argumentando que é interpelado pelo Outro[5] que este se constitui: "É do outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite." (LACAN,1960/1998, p. 821)

De maneira que é nesta medida que o transe pode nos ser ilustrativo

---

4. Tradução nossa : « La psychanalyse se situe entre thérapie et culture »
5. "Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico - o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus - que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo." (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558) Lacan diferencia "Outro" de "outro", para distinguir o que é relativo à alteridade no campo do inconsciente e para referir-se à simples dualidade (relativa à alteridade) no sentido da psicologia, respectivamente. Cf. Lacan (1998; 2003).

e elucidativo, pois podemos compreendê-lo como a enunciação do Outro "em primeira pessoa" (BAIRRÃO, 2005, p. 441). Trata-se de uma perspectiva que exige que o discurso seja ouvido e apreendido, justamente, em sua alteridade, sem atribuir traduções "acadêmicas" nem diagnósticos ao que é dito.

> Para o refletir (o transe) é importante ter em mente que essas imagens, encarnáveis corporal e existencialmente, não apenas têm compromissos com a representação realista da realidade, como são incompatíveis com os postulados metafísicos "ocidentais", tão entranhados na psicologia científica, relativos à simplicidade e indivisibilidade da substância da alma e ao centramento do eu na esfera psico-orgânica. A psicanálise lacaniana parece-nos um modelo heuristicamente útil para refletir esta problemática. Referimo-nos especificamente à ideia do descentramento do sujeito e à inversão do signo como representante de coisas em (qualquer) significante como lugar-tenente do sujeito, o que resolve o psíquico em semiótico. O sujeito pode assinalar-se em qualquer coisa que assuma valor significante, sendo que nesta qualidade (com esta função) não importa a natureza daquela. [...] Logo, é possível escutar não apenas as falas, mas também as performances corporais, as visões místicas, as oferendas, os rituais, etc. (BAIRRÃO, 2004a, p. 6-7)

Corremos risco ao nos fixarmos no ego, no "eu" individual, risco este que incita, por exemplo, à "patologização" do transe. Ao resguardar o sujeito em sua individualidade, em uma vivência particular, pende-se para o doentio. Perde-se a oportunidade de admirar a riqueza destas vivências quando nos atemos à padronização de uma normalidade calcada na compreensão universal de um "indivíduo" ilusório.

Sem pretender uma discussão mais extensa, o que ultrapassaria os objetivos deste texto, ressalto apenas a importância de que tanto a pombagira quanto o sujeito que a incorpora devem ser ouvidos enquanto interlocutores da pesquisa, e cada qual com sua singularidade, reconhecidos como sujeitos distintos, ainda que por vezes se con(fundam)[6].

6. K. Hayes (2008) desenvolve um primoroso estudo a respeito da relação entre uma

Apresentando um compêndio sobre possessão, Crapanzano e Garrison (1977) afirmam:

> O ponto importante para nossas propostas é a crença na existência consensualmente validada e frequentemente ritualmente confirmada, na facticidade dos espíritos. A implicação deste *status* deve ser plenamente apreendida se nós entendemos a função articulatória dos espíritos e da possessão por espíritos em seus próprios termos, e resistir à redução e consequente distorção do espírito em um segundo idioma, no idioma "psicológico", no qual nós do mundo moderno e ocidental nos sentimos mais confortáveis. (CRAPANZANO; GARRISON, 1977, p. 11, tradução nossa) [7]

Trata-se de pensar o transe como porta-voz de um discurso que não é da ordem do patológico, de vozes sem sentido, mas enunciação da cultura que interpela o corpo privilegiado de alguns.

O fato de incorporar uma pombagira, em si mesmo, não é nem patológico nem benéfico, *a priori*, mas pode ser, a depender da relação que a médium estabelece com a entidade. Neste caso, como vemos, Maria Molambo "trata" da médium e de suas dores, assim como a outros que lhe pedem ajuda, sendo este aspecto que será levado em conta, e não mais que isso.

NO CORPO DE MOLAMBO

Não é possível estabelecer uma análise delongada a respeito da etiologia dos sintomas da médium que incorpora Maria Molambo. Como na época este não era o meu enfoque, não é possível dizer quais eram as suas

---

pombagira e a médium que a incorpora, de modo que também aborda a entidade de modo diferenciado de sua médium, entrevistando também a própria pombagira, mas diz concebê-la como um construto narrativo.

7. *The important point for our purposes is the consensually validated, and often ritually confirmed, belief in the existence, the facticity of the spirits. The implication of this status must be fully grasped if we are to understand the articulatory function of spirits and spirit possession in its own terms, and to resist the reduction and consequent distortion of the spirit into a second idiom, the "psychological" idiom, in which we in the modern Western world feel more comfortable.* (CRAPANZANO; GARRISON, 1977, p. 11)

dores, nem mesmo como ou quando estas se apresentavam, o que não prejudica esta discussão, pois o dito de Maria Molambo é eminentemente emblemático e não situado na relação com esta médium em especial.

O discurso de Maria Molambo nos oferece elementos clínicos para pensar que aquele corpo "tinha dores", dores estas que surgiam porque a médium "não colocava pra fora": "Ela tinha dores, guardava tudo dentro e aprendeu que precisava colocar pra fora, que precisava falar, se não, ela adoecia, se não, ela continuaria a ter dores pelo corpo" (trecho de diário de campo). Foi justamente esta ideia que me levou a inquerir a respeito de uma histeria de conversão possivelmente "tratada" por Maria Molambo, visto que posteriormente as dores desapareceram.

Como já dito, a entidade refere a importância de as pessoas "colocarem pra fora" o que se sentem, pois quando se retém, vêm as dores; "teoria" esta que muito se aproxima da compreensão econômica do aparelho psíquico desenvolvida tanto por Breuer quanto por Freud, principalmente no que se atém aos mecanismos da histeria de conversão.

É o que podemos perceber no caso de Elisabeth von R. (FREUD, 1895/2006), tratada por Freud, caso que, em linhas gerais, apresentava como o afeto de Elisabeth atrelado à paixão "proibida" que sentia pelo seu cunhado, por não poder ser expresso, era convertido em dores pelo corpo. Tratava-se de uma representação "incompatível", ou não suportável pela sua consciência, de modo que esta excitação psíquica fosse convertida em algo físico, constituindo um "grupo psíquico separado" e não sabido:

> Ela conseguiu poupar-se da dolorosa convicção de que amava o marido da irmã induzindo dores físicas em si mesma. E foi nos momentos em que essa convicção procurou impor-se a ela (no passeio com o cunhado, durante o devaneio matinal, no banho e junto ao leito da irmã) que suas dores surgiram, graças à conversão bem-sucedida' (...) A resistência que ela havia repetidamente oferecido à reprodução das cenas que atuaram de forma dramática correspondera, na verdade, à energia com que a representação incompatível fora expulsa de suas associações. (FREUD, 1895/ 2006, p. 180)

Elisabeth, assim, "recalcou uma ideia erótica fora da consciência e transformou a carga de seu afeto em sensações físicas de dor" (FREUD, 1895/2006, p. 187). No caso desta médium, claro, não há elementos clínicos suficientes para constatar quais foram os determinantes associativos que deram origem às suas dores, mas é possível levantar a hipótese de fundo histérico nas dores tratadas por Maria Molambo.

A terra, elemento que caracteriza Maria Molambo e se apresenta como significante, surge também na maneira como trabalha e nos instrumentos que utiliza, pois todos partem da terra, seja para de fato utilizar o barro para curar as pessoas durante os rituais, seja como metáfora de si, da sujeira, e daquilo que fica escondido porque se pensa "feio", imoral e "sujo". Assim, para além da molambenta, esta pombagira, aqui, assume novos sentidos, e passa, justamente, a tratar o que se transformou em sujeira, aquilo que apodreceu por dentro, aquilo que por ser impossível de suportar, surgiu em forma de dor.

A sujeira, no entanto, não deve ser encoberta, diz, deve ser exposta, encarada, escancarada, inclusive, para ser limpa, para que as feridas sejam tratadas. Um câncer é "sujeira acumulada": é raiva, angústia, culpa, e explicita o que fala atribuindo estes sentidos à minha vida bem como à de sua médium.

Vale acrescentar que a pombagira desta médium é bastante requisitada para atender pessoas com graves problemas de saúde. Mas esta não é uma particularidade de Maria Molambo. A mãe-de-santo do terreiro, em que eu realizava a pesquisa, também refere o mesmo movimento com outras pombagiras:

> A mãe-de-santo disse que a pombagira trabalha a autoconfiança da médium, e deu exemplos: se uma médium está gorda, a pombagira chama a atenção pra isso: 'o que é isso? O que você tá querendo tanto por pra dentro? Por que fica retendo? O que você tá buscando na comida busca dentro de você mesma!'. Acrescenta que a pombagira não dá nada de mão beijada, e atribui responsabilidade ao médium: 'Ah, não tá arranjando trabalho? Se não tá arranjando trabalho é porque não quer. Se não tá conseguindo, não é culpa do sistema, do empregador ou sei lá o quê'. 'Ah, é um câncer! Se é um câncer é porque você provocou, você cultivou porque você se alimentou mal, você fez isso, fez aquilo'. (Trecho de diário de campo.)

É claro que há diferenças consideráveis entre a construção de uma dor de origem histérica e um câncer. O diferencial da conversão, de fato, é a presença de um rechaço, de algo não-sabido, recalcado e que deu origem ao sintoma. Ainda que consideremos o câncer como uma doença psicossomática, o fato de ser psicossomático não determina que houve ali uma conversão. O mecanismo pode ser útil para que possamos atualizar nossas compreensões a respeito das dores "contemporâneas", mas devem ser consideradas as diferenças.

Na histeria de conversão, que aqui nos interessa, a "representação incompatível" ao ego é transformada em inócua, e toda ou parte da carga de afeto a ela ligada sofre uma inervação somática, ou seja, é transformada em sintoma aparentemente orgânico. Como já explicitado, nesses casos, a operação do método catártico de Breuer e Freud consistiria em promover a "recondução" desta carga de excitação atrelada agora a esfera somática à psíquica, por meio de uma descarga de afeto pela fala.

Progressivamente, a compreensão eminentemente catártica é abandonada por Freud e na Conferência XVII: O Sentido dos Sintomas (1916 / 2006) no início de seus esforços para compreender a significação dos sintomas, apresenta o quanto avançou desde suas análises primordialmente econômicas. Seus casos clínicos evidenciavam que os sintomas, por mais bizarros/estranhos - como costumam ser os dos obsessivos - ou comuns - como os sintomas típicos da histeria (dores de cabeça, mal-estar, vômito) - comportavam uma história, um sentido e, principalmente, apresentavam uma determinação específica na relação com o que foi recalcado.

É fato que o caráter energético se apresentou em toda a sua obra, sendo posteriormente desenvolvido por meio de novos conceitos. Os sintomas poderiam se atenuar ou mesmo desaparecer temporariamente, mas as lembranças traumáticas não se integravam à vida psíquica do sujeito tanto quanto quando lembradas conscientemente e de forma não sugestionada. Ou seja, não eram as falas compulsórias que produziam transformação, mas aquelas que pudessem ser ouvidas e elaboradas. Arguir o paciente a respeito das origens de seus sintomas é convidá-lo a comparecer e se responsabilizar pelo seu próprio corpo, mas isso não se dá tão facilmente.

Na histeria de conversão, em geral, há uma simbolização no corpo atinente à representação recalcada, já nas dores psicossomáticas parece haver uma

descarga direta da angústia no corpo, sem a mediação simbólica (Lander, 2005). O conflito seria, assim, somatizado sem qualquer inscrição, não sendo nem mesmo recalcado, por mais que a somatização também possa ser encarada como um mecanismo de defesa (MCDOUGALL, 1996). No caso da conversão, a dor incide sobre a "representação" corpo, e não no próprio corpo. Quer dizer, não há nada "orgânico" na perna de Elisabeth, caso já explicitado, que justifique a sua dor, é a representação "perna" que dói (FREUD, 1893/2006).

Efetivamente, concluir que as dores da médium eram de origem histérica é apenas uma suposição intuída pela forma de tratamento eleita por Maria Molambo: o "colocar pra fora". Isto é pouco para que alcemos voo neste sentido. No entanto, vale lembrar que o tratamento, como diz Freud em algumas de suas passagens, confirma o diagnóstico: "Pois é bom reconhecer uma coisa com clareza: o paciente só se livra do sintoma histérico ao reproduzir as impressões patogênicas que o causaram e ao verbalizá-las com uma expressão de afeto." (FREUD, 1895/2006, p. 296)

O terreno investigativo, portanto, é apenas especulativo e reflexivo, mas somo a estes, outro aspecto: tenho aprendido com as pombagiras que é preciso ter coragem de se encarar e se assumir. Elas nunca dizem com essas palavras, mas na maior parte de meus encontros, a sensação que fica é: "Responsabilize-se!".

Uma das médiuns entrevistadas relata que em um dos rituais, uma pessoa fez um pedido à pombagira e em seguida lhe pediu um cigarro. A pombagira deu, mas logo em seguida, enquanto a pessoa fumava despercebida, a mesma tirou o "presente" de sua mão, dizendo: "Você vê, é assim que você faz na sua vida. Deixa os outros tirarem de você!", ao que a médium entrevistada acrescenta: "Nem todo mundo entende, só quem tá preparado e querendo entender."

De fato, as pombagiras se mostram companheiras de suas médiuns e acolhem os sujeitos que a elas vêm pedir ajuda, mas convoca o sujeito a participar de seu desejo, e "não dá nada de mão beijada, ela até orienta, mas depende de você, sempre" (médium entrevistada, referindo-se à sua pombagira nomeada Areia Preta).

A própria Maria Molambo disse *"que se eu acreditar, se eu falar, se eu brigar pelo que eu quero, eu vou conseguir"*, evidenciando e repetindo o "eu" e se dirigindo a mim a todo o momento da conversa. Em todos

os terreiros de umbanda investigados, esta foi uma tônica dominante: a responsabilização pelo desejo, sendo uma das frases recorrentes de pombagira o dito: "o que você quer?", e para conseguir, como diz Maria Molambo, é preciso conhecer, é preciso saber o que quer.

Ao dizer sobre mim, Maria Molambo se diz. Ao dizer sobre sua médium e sobre como atua, ela revela quem é e ao que vem: ajuda as pessoas a olharem para suas feridas abertas sem medo do que encontrar. A terra, esta, pode tanto ser a sujeira, como pode ser terreno fértil, mas um solo apodrecido e seco não traz frutos.

Como se não bastasse, Maria Molambo acrescenta com maestria que aquilo que para alguns poderia ser vivenciado como sujeira, para ela, deve ser plenamente vivido: o prazer. Complementa dizendo que o prazer guardado e escondido, posto que compreendido como sujeira, também corrói e gera dores. Por meio da sujeira encarada e colocada para fora, as dores amenizam e a pombagira convoca a médium e aqueles que lhe escutam, a viver a dor e o prazer. Alerta que aquilo que é encoberto, hora ou outra, ressurge. O seu dizer, assim, pode se articular com a primeira tópica freudiana, mas o fenômeno, como vemos, se apresenta poética e sensivelmente para além do catártico. Significante do seu próprio ser, a terra, é fonte de elaboração psíquica e social, oferecendo suporte para que dramas sociais e pessoais se impliquem no dito na medida em que lhe é possível.

Towards a Symptom perspective in the Body of Maria Molambo: considerations based on the first Freudian topic

ABSTRACT: *The analysis of the production of hysterical pains, mainly developed in the first Freudian topic, are one of the frameworks the analysis in this paper is based on. The intent is to articulate theoretical support on symptom production with the sayings of an umbanda pombagira, a female spiritual entity that belongs to the umbanda pantheon. The statement "This body did not talk, and that is*

why it was in pain", which a pombagira pronounced about her medium, was the thematic trigger for a discussion in the light of Freudian theory.

KEYWORDS: *Symptom; Hysteria; Gender; Sexuality; Afro-brazilian*

REFERÊNCIAS

AURAS, Monique. De Yiá Mi a Pomba Gira: Transformações e Símbolos da Libido. In: MOURA, C. (org.). **Meu sinal está no teu corpo - Escritos sobre as religiões dos orixás.** São Paulo: Edicon/ Edusp, 2004. (Texto original publicado em 1989.)

BAIRRÃO, J. Miguel. Tulipa. Trabalho completo: **VIII Congresso Luso-Afro -Brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra, set. 2004 a. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/ inscrição/pdf/painel61/ JoseBairrao.pdf. Acessado em 23 de julho de 2012.

_____. A escuta participante como procedimento de pesquisa do sagrado enunciante, **Estudos de Psicologia,** v. 10, n. 3, p. 441-446. 2005.

BAIRRÃO, José Francisco M. H.; BARROS, Mariana Leal de. **Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de 'mulher'?** Revista IEB, 2015.

BARROS, Mariana Leal de. **Labareda, teu nome é mulher**: análise etnopsicológica à luz de pombagiras. Tese apresentada ao Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP , 2010.

BODDY, Janice. **Wombs and alien spirit: women, men, and the Zar cult in northern Sudan.** Wisconsin - E.U.A: The University of Wisconsin Press, 1989.

_____. Spirit Possession Revisited: Beyond instrumentality. **Annual Review of Anthropology**, v. 23, p. 407-434, 1994.

CRAPANZANO, Vincent; GARRISON, Vivian. **Case Studies in Spirit Possession.** Canadá: John Wiley & Sons, 1977.

_____. A cena: lançando sombra sobre o real. In: **Mana**, v. 11, **n.2, 2005.**

DAVID-MÉNARD, Monique. **Tout le plaisir est pour moi.** Paris: Hachette Littératures, 2000.

FREUD, Sigmund. **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1895). Projeto para uma Psicologia Científica. In*: Publicações Pré-Psicanalítias e Esboços Inéditos* [1886-1889]. v. 1.

(1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: *Estudos sobre a Histeria*. v. 2. (1895).

Elisabeth von R. In*: Estudos sobre a Histeria*. v. 2.

(1895). A Psicoterapia da Histeria. In*: Estudos sobre a Histeria*. v. I

(1894). As neuropsicoses de defesa. In: *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. v. 3.

(1896). A etiologia da histeria. (1896). In: Primeiras Publicações Psicanalíticas. v.3.

1916). Conferência XVII: O Sentido dos Sintomas. In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Parte III* [1915-1916]. v. 14

(1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos* [1920-1922]. v. 18.

HONIGZTEJN, Henrique. Interface psicanálise-cultura. **Ciência e Cultura,** v. 56, n. 4, p.32-36, 2004.

LACAN, Jacques. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 793-842, 1998.

LAENDER, Nadja. Teoria e Prática: impasses contemporâneos. **Revista Círculo Brasileiro de Psicanálise**, n. 28. Set/2005. Minas Gerais: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2005.

LEWIS, Ioan. Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por xamanismo e espírito. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Ecstatic Religion: A study of Shamanism and Spirit Possession.** 3a ed.. Nova York and Londres: Routledge, 2003. (Texto originalmente publicado em 1971.)

HAYES, Kelly. Wicked Women and Femmes fatales: gender, power, and pomba gira in Brazil. **History of Religions, v**. 48. Chicago - E.U.A.: Univ. of Chicago, p. 1-21, 2008.

MC DOUGALL, Joyce. **Teatros do Corpo: o psicossoma em psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PRANDI, Reginaldo. As faces inconfessas da Pombagira, In: **Herdeiras do Axé.** São Paulo: Hucitec, p. 130-164, 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Mariana Leal de Barros
Rua Dr. Alípio dos Santos, 10-19, ap. 53
17011-136 - Bauru-SP.
(14)3243 0263 / (14) 98218 0868
marilealbarros@yahoo.com.br

Artigo

Sintoma Palavra Concreto Trabalho Casa

EDUARDO RODRIGUES DE LARA

RESUMO: Partindo dos poemas do livro "Pensamento chão", de Viviane Mosé - sobre a relação entre as palavras e as doenças - e dos estudos de Freud acerca da Histeria, este trabalho passa por preceitos filosóficos estéticos - investigação sobre os modos de expressão - enquanto visa construir uma compreensão freudiana acerca do sintoma.

PALAVRAS-CHAVE: Sintoma; Poesia; Repressão; Ab-Reação.

muitas doenças que as pessoas têm são poemas presos
abscessos tumores nódulos pedras são palavras
calcificadas
poemas sem vazão

mesmo cravos pretos espinhas cabelo encravado
prisão de ventre poderia um dia ter sido poema

pessoas às vezes adoecem de gostar de palavra presa
palavra boa é palavra líquida
escorrendo em estado de lágrima

Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo; pesquisas desenvolvidas na área de Estética (O tropicalismo e as vanguardas do século XX). Aluno do 1º ano do curso de formação do depto. Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

lágrima é dor derretida
dor endurecida é tumor
lágrima é alegria derretida
alegria endurecida é tumor
lágrima é raiva derretida
raiva endurecida é tumor
lágrima é pessoa derretida
pessoa endurecida é tumor
tempo endurecido é tumor
tempo derretido é poema" [1]

> Permitam-me retornar, a título de exemplo, a um caso analisado há muitos anos atrás, em que uma paciente, uma jovem, estava enamorada do cunhado. De pé ao lado do leito de morte da irmã, ela ficou horrorizada de ter o pensamento: "Agora ele está livre e pode casar comigo". Essa cena foi instantaneamente esquecida, e assim o processo de regressão*, que conduziu a seus sofrimentos histéricos, foi acionado. [2] (Freud, 1895)

* [A palavra alemã é *Regression*, não *Verdrängung* (repressão), em todas as edições]

SINTOMA – PALAVRA CONCRETO TRABALHO CASA

Suspensão dos sentidos, explosão de significados, ganho de campo analítico, capitalização dos afetos, corpo estranho, conversão. Poesia ou Psicanálise? Poesia e psicanálise. Pessoas às vezes adoecem de gostar de palavra presa. Palavra boa é palavra líquida. Ando gostando do meu cunhado. Se não posso, paro, deito, no divã, depois de saber na montanha. Viviane, Elizabeth, Sigmund. Pernas paradas são palavras calcificadas. Lágrima é dor, é alegria, derretidas;

1. Poemas do livro *Pensamento Chão, poemas em prosa e verso*, de Viviane Mosé. Será o cimento deste trabalho.
2. O caso Elizabeth foi exposto por Freud nos *Estudos sobre a histeria*". Mas esta citação é de muito depois, em *A perda da realidade na neurose e psicose* (1924). Serão as palavras chão desta casa.

escorrendo um rio de afeto. Ab-reações. Pernas que participam da conversa. Conversões e consentimento do Eu. Tempo endurecido é tumor. Trabalho derretido é poema.

Passaremos, a seguir, por um incrível caminho da suspensão dos sentidos das palavras; escuta freudiana do sujeito, muito mais que um Eu; o incrível desejo pelo cunhado que virou perna parada; porque, sabido por palavras de um Eu, que julgaram-no desejo ruim, foi recalcado e calcificou-se nos membros inferiores. E enquanto crível, virou palavra. Virou escolha.

Desde sua aproximação com a hipnose, Breuer e as histéricas, a fala já tinha algum valor para Freud: ela seria um suporte para a correção dos afetos, uma ab-reação; como que vômitos ou partos de algo inacessível ao paciente.[3]

Freud fazia uso da hipnose de forma particular, não tão dependente da sugestão; escutava a fala que descarregava com a pulga atrás da orelha. Assim tentava suprimir as demandas dos pacientes - a cura dos sintomas restritivos - mas também suas curiosidades médicas: queria saber aquilo além do que o paciente sabia, e deparou-se invariavelmente com eventos da história do sujeito. Algumas destas experiências o Eu as quer "não sabidas"; já diziam Breuer e Freud (1893, p.45) que

> (...) estão inteiramente ausentes da lembrança dos pacientes quando em estado psíquico normal, ou só se fazem presentes de forma bastante sumária. Apenas quando o paciente é inquirido sob hipnose é que essas lembranças emergem com a nitidez inalterada de um fato recente.

Para este Freud, ou melhor, para esta teoria erigida por um Freud atento aos sintomas, a ideia de conflito intra-subjetivo salta aos olhos, assalta os ouvidos; o sujeito via-se em um impasse entre um desejo e uma proibição que

3. A reação é o que descarrega um estímulo que ingressa no aparelho psíquico e aumenta sua tensão. Vejamos Freud (1893, p.44): "Pelo termo 'reação' compreendemos aqui toda a classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados. Quando essa reação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado. (...) Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança".

sobrederminava por trilhas tortas as suas expressões palpáveis. Foi esta relação de conflito entre um claro e um obscuro, o conhecido e o estranho, que parece ter empurrado Freud a forjar um modelo de aparelho psíquico atendo-se a um ponto de vista tópico - do local habitado pelo obscuro, e em relação ao(s) outro(s) sistema(s) - e dinâmico - pois à partir do embate entre tais lógicas de funcionamento. Sendo assim, tratando de compreender o sintoma neste processo teórico de inauguração da Psicanálise - "a cura pela fala" - teremos que nos debruçar no desejo, na repressão do proibido e, por escolha, na palavra. Este primeiro modelo de funcionamento do aparelho psíquico freudiano, constituído à partir de seu trabalho de (a) Interpretação dos Sonhos, é, antes de tudo, um aparelho da "representação", da memória; do simbólico - reconhecido posteriormente sob o nome de "a primeira tópica do aparelho psíquico". Ela perdura como cama dos conceitos freudianos até 1920 - na virada para além do Princípio do Prazer - donde o quantitativo, até então poupado das reflexões, ganha destaque como consequência da barbárie humana e dos traumas da guerra: o excesso traumático como irrepresentável ziguezagueando em nossa psique. Mas não é o caso do sintoma histérico, cujo funcionamento não está além, mas sob o Princípio do Prazer: sob um acordo inconsciente e exatamente para manter o princípio regente; ou seja, este sintoma é uma forma de descarga.

O sintoma seria uma expressão simbólica, uma poesia concreta de algo que não poderia ser dito, no sentido de igualdade entre o dizer e o saber. Se esta perna parou sem o nervo mandar, quem mandou? Se não fui Eu, quem foi? Quem produziu esta paralisia? E porque organizou desta maneira? Que lógica é esta, estranha, que nos habita e nos escapa? Será a minha perna realmente minha? Havia sim algo primário e anterior à consciência. O Eu seria uma "invenção", uma construção secundária que, com muito esforço, somente tornaria o humano funcional neste mundo muito além da sua possibilidade e não completamente simbolizável. O trauma freudiano tem relação com este paradoxo humano entre a sua aptidão natural de captar e registrar suas experiências e sua incapacidade de simbolizar todas elas. O Eu surge como defesa das exigências exógenas e endógenas que o inundam vez em quando, e ele sem poder dar vazão: será filho do que lhe é estranho? Esta questão foge dos

objetivos deste trabalho, no entanto direciona a nossa reflexão sobre o trauma e, consequentemente sobre o sintoma, para um ponto de vista subjetivo.

Esta rota também foi de enorme contribuição aos posteriores estudos de Freud (1925, p. 28): atendo-se à compreensão sobre a origem dos sintomas histéricos, "dava ênfase à significação da vida das emoções e à importância de estabelecer distinção entre os atos mentais inconscientes e os conscientes". Havia algo ali que o paciente nem esquece nem reconhece. Já foi sabido, então, que os fenômenos histéricos de conversão provinham de um evento excessivo para o sujeito, que, impedido de reagir, operou um manejo de seu conteúdo de modo que ele não tenha acesso. Sabia isso depois de constatar que a catarse, a ab-reação ocorrida na hipnose, "derretia" o sintoma.

Freud (1893, p.42):

"(...) cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras."

O sintoma, como expressão simbólica, subverte a palavra. Está em seu lugar. São poemas presos, ou lembranças que se escorreriam caso "virassem" poema. Não são, portanto, quaisquer palavras que são recalcadas e colocadas no escuro; são aquelas que pronunciaram um evento julgado como estranho e ameaçador à identidade do Eu perante este mundo. Já foram, portanto, conscientes. O Eu recusa-se a pensar conjuntamente com estes registros de experiências; este complexo não desaparece; pelo contrário, passa a "pensar por si só", sob uma outra lógica... O paralelo entre o sintoma histérico e a Poesia Concreta, dentro do que os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari conceberam pós-Freud, pode nos ajudar a compreender um mecanismo que ultrapassa o conteúdo da palavra e trabalha livre com sua forma, uma lógica de construção articulada sob o processo primário: um funcionamento obscuro ao Eu e descolado da coerência. A Poesia Concreta, como que concluindo que a palavra não dá conta da complexidade humana, se utiliza de recursos imagéticos, sonoros e materiais que ressignificam as palavras e seus significados; vai de cloaca a Coca-Cola. Mas há um artista

impulsionando o processo criativo conscientemente, pelo menos até um certo ponto, dialogando e brincando com o obscuro, organizando-o; ou seja, o Eu está ali, nas rédeas da escrita. Para o sujeito em conflito psíquico, ao contrário, a primeira saída é a repressão de um desejo que se apresenta ao Eu e é tomado por este como impossível de ser exteriorizado. É evitar acessar este conteúdo. Este conflito não é em si patológico: ele é simplesmente uma defesa que surge da incompatibilidade entre o Eu - que preza sua identidade - e o conteúdo que se apresenta. Isto é empurrado ao escuro e, a partir de então, este conteúdo se organiza sob uma lógica distinta das regras do Eu. Freud o denomina, em um primeiro momento, de "corpo estranho"; são registros de eventos reais[4], "esquecidos" pelo Eu pois excessivos ao sujeito, mas que todavia o habitam. Na Comunicação Preliminar dos Estudos sobre a Histeria o trauma é definido por Freud e Breuer (1893, p.42) como algo contingente: "um grupo de causas desencadeadoras. Essas causas só puderam exercer um efeito traumático por adição e constituem um conjunto por serem, em parte, componentes de uma mesma história de sofrimento". Adiciona que o trauma não é um agente provocador do sintoma, mas sim que este é um representante da cena traumática contingente que continua atuante mesmo quando "esquecida". Em outras palavras: o sintoma é um símbolo daquilo que não está.

O aparelho psíquico da "primeira tópica" funciona segundo um princípio que o induz à descarga, o Princípio do Prazer: acúmulo de carga em seu interior gera desprazer, e a descarga, o prazer. Portanto, já que a via "natural" estaria interditada, a atuação deste corpo estranho - ou intruso - constituído a partir da repressão do evento traumático a que nos referimos, é uma atuação de rearranjo para buscar vias de descarga alternativas. Ou seja, o Princípio do Prazer é o motor também desta organização. Por vezes, tais moções pulsionais encontram derivados no sistema Pcs que descarregam parte do montante e não chegam a importunar o Eu com contradições inaceitáveis. Mas é fato que o recalcado retorna, cada vez que negado, buscando vias de descarga. Quando acumula, em lógica primária, uma cota de energia suficiente para representar um potencial trauma, o Eu reconhece a derrota e se apronta para uma descarga

4. Por "evento" entende-se qualquer sensação, qualquer pensamento.

inevitável: optando pelo menor dentre os males, investe em uma representação que julga a mais inocente e relacionada ao complexo proibido, atraindo a energia para lá. No sintoma histérico, cujo mecanismo é a conversão, a carga do proibido proliferado, o afeto, é desviado então para uma representação de uma parte do corpo. Cabelos encravados, nódulos, espinhas, pernas paralisadas poderiam, um dia, ter sido poema. Esta representação / parte do corpo investida está associada ao núcleo patógeno, e, por isso, "ajuda" o paciente tanto a descarregar quanto a não saber do conteúdo proibido. É o que Freud passa a chamar de uma "formação de compromisso", completamente formulada com a 1ª tópica do aparelho psíquico e já à partir da Psicoterapia da Histeria. Os poemas presos, de Mosé, impossibilitados de vazão, não são julgados *objetivamente* como sendo propícios a enrijecer-se; são as pessoas, aquelas que gostam de palavra presa, que adoecem deste gostar. O Eu freudiano também não é passivo frente a sua neurose: o sintoma é uma formação de compromisso no sentido que é uma 'escolha' do Eu. Obviamente esta escolha deve ser compreendida dentro da famigerada posição do Eu diante das exigências pulsionais - onde vigora o mais puro Princípio do Prazer - e o mundo externo - que lhe "instaura" o Princípio de Realidade. O sintoma é uma desesperada construção de um Eu que se vê sem saída e que trata de poupar-se de encarar o "não Eu".

Contra a maré do enorme rio da até então iluminada consciência - identidade do sujeito moderno[5] - o conceito universal do *Inconsciente* é, então, erigido nestas obras freudianas da última década do século XIX e na primeira do século XX[6] para abarcar este local onde habita o estranho à luz, o desconhecido, o proibido; que, mesmo dali atuavam, em confluência com a acuada instância consciente, surpreendentes fenômenos como os sintomas histéricos, mas também os sonhos, a "psicopatologia da vida cotidiana" e os chistes. Com o inconsciente já assim concebido como conceito, podemos compreender

5. É verdade que as portas para esta crítica já vinham se abrindo desde Nietzsche, quando em "Além do Bem e do Mal", para nos determos em apenas um exemplo, afirma que "os pensamentos não vêm quando eu quero, mas sim quando eles querem".
6. E suas obras correspondentes: Estudos sobre a Histeria (1893-1895), A Interpretação dos Sonhos (1900), A psicopatologia da vida cotidiana (1901) e Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905).

que aquele que o insulta de caótico é uma organização coerente, o Eu. Tão liberto quanto preso à sua identidade que rechaça aquilo tudo que o sujeito lhe apresenta inocentemente e que ameaça uma fachada que deve manter. Sim: o Eu, e cada um, é uma invenção, consolidava Freud. Mas ele mesmo não é sua única obra; em meio a este seu desafio coerente surgem infinitas possibilidades de construção e desespero: "Como dar vazão a algo que não posso?". "Disfarça... Joga para a perna... Grita! Bate! Converse". Sintoma, que criatividade! Porém empobrecedora, restritiva; por isso patológica.

Saudavelmente, Freud (1893, p.44) ilumina: "Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser "ab-reagido" quase com a mesma eficácia". Muitas doenças que as pessoas têm são poemas presos, palavras calcificadas, sem vazão. A palavra é uma óbvia tentativa de contornar e apreender um algo submerso; e há sempre um embate em cada escolha da expressão, pois a palavra já nasce falida desta tarefa: não dá conta de tamanho buraco. Seria, portanto, a arma e a armadilha. Escutado de longe, o sintoma parece um "mal-funcionamento" da mente; Freud escutou de perto e flutuante, por associações livres para descolar-se da crítica ao *nonsense* de uma perna parada e buscar outros sentidos, e regidos por uma outra lógica que não a racional. Pôs-se a escutar a palavra, e a falta dela. De onde vem a ordem ao sintoma, e por que não pode virar poema? Ou porque deslocou-se de uma palavra a outro valor simbólico? A perna palavra e parada seriam palavras deslocadas e condensadas; afetos deslocados dos complexos proibidos - recalcados e alojados na instância inconsciente - aos inocentes; puro compromisso; e o trabalho da análise seria capitalizá-los novamente refazendo o caminho por linhas tortuosas. O caminho da psicanálise estava aberto, e pelo escuro... Freud aprovaria Viviane Mosé. Lágrima é dor derretida. Dor endurecida é tumor. No sintoma há descarga, vazão. Mas palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de lágrima.

Symptom Word Concrete Work House

ABSTRACT: *Thinking of the poems from the book "Thought ground," by Viviane Mosé - about the relation between words and diseases - and studies of Freud about Hysteria, this work passes by some philosophical and aesthetic principles - research into ways of expression - while is aimed at building a Freudian understanding of the symptom.*

KEYWORDS: *Symptom; Poetry; Repression; Abreaction.*

REFERÊNCIAS:

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 2006.

(1893). Comunicação Preliminar, v. 2.

(1895). Estudos sobre a Histeria, v. 2. pág. 205 e 216, 1974.

(1924). A perda da realidade na neurose e na psicose, v. 19.

(1925). Um estudo autobiográfico, v. 20.

MOSÉ, V. *Receita para arrancar poemas presos.* In: Pensamento Chão; poemas em prosa e verso. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Eduardo Rodrigues de Lara
Rua Pedro de Toledo, 541- apto 43
04039-031 - São Paulo
eduardo.rlara@gmail.com
(11) 9 8383 0086

Aula Inaugural do Departamento Formação em Psicanálise 2015[1]

EDE DE OLIVEIRA SILVA

Quero agradecer o convite da Maria Helena, Coordenadora do Curso Formação em Psicanálise, para tecer algumas considerações sobre a formação psicanalítica. O título escolhido para esta pequena reflexão pode até soar provocador, mas achei pertinente e vocês vão saber no fim. O título é:

FORMAÇÃO OU TRANSFORMAÇÃO?

Antes de entrarmos propriamente no tema, gostaria de falar um pouco da minha experiência pessoal neste percurso.

Minha formação básica é médica e a exerci com muito prazer por algumas décadas. No decorrer deste período me deparei com vários impasses na clínica, que me fizeram refletir sobre as dificuldades que estava encontrando na minha prática. Sentia-me impotente diante de determinados pacientes, principalmente aqueles angustiados e com somatizações, que mesmo medicados adequadamente não tinham as respostas esperadas. Apesar das minhas boas intenções, poucos bons resultados obtinha no sentido de amenizar aqueles sofrimentos. As ferramentas utilizadas pela medicina estavam aquém das possibilidades de uma ajuda prolongada, consistente e eficaz. Para amenizar a minha impotência diante de tal situação procurei uma instituição que pudesse

Médico, Formação Psicanalítica no Instituto Sedes Sapeintiae, docente do curso de Formação em Psicanálise no mesmo instituto

1. Texto lido na aula inaugural do curso de Formação em Psicanálise em 04 de março de 2015

diminuir minha ignorância sobre este continente desconhecido, o psiquismo. Iniciei, primeiramente, uma especialização em Medicina Psicossomática com a vã pretensão de fazer uso das duas num mesmo paciente no momento da consulta. Diante das dificuldades que encontrei ao aplicar estes dois métodos, resolvi dar um salto maior e assim procurei a Psicanálise com um objetivo único de me aprofundar no seu saber e na prática. Diante daquelas dificuldades e com o ingresso gradativo no mundo psicanalítico, até então desconhecido por mim, comecei a pôr em questão a minha fidelidade para com aquela velha senhora, A MEDICINA. Com a chegada da nova senhora, A PSICANÁLISE, surgiu um fator complicador, tornei-me bígamo e, ingenuamente, pensei que pudesse escolher uma entre essas duas senhoras. Quanto mais me aprofundava no pensamento psicanalítico e sua prática clínica, mais largo ficava o desfiladeiro entre a medicina e a psicanálise. A percepção gradativa de que a prática médica e a prática psicanalítica eram inconciliáveis desencadeou em mim um grande conflito. Esta angústia de estar exercendo dois papéis completamente diferentes, que se entrecruzavam na minha prática clinica, foi gradativamente reduzida com a minha análise pessoal. Começaram a ficar mais delineados, isto é, com maior nitidez, os dois papéis e a fronteira que separava um do outro. Verifiquei gradativamente que poderia exercer estas duas funções em ambientes diferentes e com demandas também diferentes, mas para que tal acontecesse era necessário mudar de cenário e de *script* de uma hora para outra, de uma consulta para uma sessão analítica. Tinha agora consciência mais nítida de que em determinado momento eu era o Dr. Jekill (o médico dedicado, cujo objetivo primordial é amenizar, ajudar ou curar o sofrimento alheio) e num outro momento eu me TRANSFORMAVA em Mr. Hyde (o monstro, um verdadeiro Dr. House, cuja atenção estaria sempre desviada dos sintomas e transtornos para os agentes provocadores daqueles sofrimentos). Hoje vivo em fiel monogamia com a nova senhora, só durante o trabalho analítico, diga-se de passagem, pois só assim eu ESTARIA ANALISTA, mas para isto tendo de manter, naqueles momentos, a velha senhora num sono profundo, mesmo que em determinado momento sinta dentro de mim que ela se mexe e abre os olhos para logo depois dormir novamente.

Este segundo casamento foi realizado aqui no Sedes Sapientiae e neste

mesmo departamento que vocês escolheram. Como vocês vêem aqui fiquei.

Voltando à questão da bigamia, sabemos que no começo a classe médica de Viena se apoderou da psicanálise e sua prática como condição *sine qua non* para exercício desta nova atividade e assim querendo transformá-la, por assim dizer, numa bigamia-monogâmica exclusiva da classe médica, mesmo que Freud já tenha afirmado antes que a psicanálise, juntamente com sua prática, se afastou da filosofia, psicologia, medicina, pois as pretensões de ajudar, de curar ou de salvar tinham de ficar fora do contexto para que o processo pudesse caminhar. Para que isto pudesse ser alcançado teríamos de nos submeter, sem exceção, a um tipo especial de preparação, à formação analítica. Naquela época, a classe médica rotulava de leigos todos aqueles não médicos, isto é, aqueles que tinham outros títulos universitários. Estes eram tachados de charlatões ou curandeiros quando exerciam a atividade analítica, sendo processados pela justiça pelo exercício ilegal da profissão. Sabemos que Freud não estava insensível a esta situação, de maneira que resolveu defender o seu colega da Sociedade Psicanalítica de Viena, Theodor Reik, que estava sendo acusado de charlatanismo pelo exercício ilegal. Esta situação foi descrita em detalhes em seu trabalho A *Questão da Análise Leiga*, de 1926, quando ali ele se colocou como advogado do diabo, já que Freud, como vocês sabem, também era médico. Por dedução sabemos que não só estava defendendo o seu amigo, mas também a causa psicanalítica. Com os seus argumentos conseguiu tirar o tribunal da sua estultice e convencê-lo ao afirmar que a condição de ser analista transcendia ao modelo médico, por conta da exigência de se fazer uma formação especial para todos que queriam fazer o exercício desta atividade, independentes do que fossem médicos ou "leigos". Ganhou a causa, mas institucionalizou a bigamia e este tipo de formação foi aceito pela maioria das sociedades psicanalíticas. Mesmo que não aceitemos somos bígamos a partir do momento que abraçarmos esta nova atividade.

Depois destas reflexões, que me desviaram um pouco da proposta de estar falando especificamente sobre o tema, entremos nele. Sabemos que Freud lançou as bases, os alicerces da formação no seu extraordinário *A Interpretação dos Sonhos*, precisamente no cap. VII. Neste já nos deparamos com as exigências que ele faz para aquele que quer enfrentar este desafio. Primeiro que todo

um espaço analítico teria de ser construído para poder viabilizar o projeto de uma prática psicanalítica. Ele propõe a criação de um par diferente de tudo até então: num extremo estaria o futuro analisando sendo solicitado a falar de tudo que lhe viesse a mente, independente do julgamento, de crítica ou da importância do assunto; e no outro extremo estaria alguém que se dignaria a ouvi-lo sem qualquer restrição. Este novo par, assim constituído, estaria composto pela associação livre e pela atenção flutuante, em outras palavras, que ambos possam estar na condição de analisando e analista. Um diz tudo e o outro ouve tudo. O analista desenvolveria a capacidade de ouvir aquilo que transcenderia o discurso manifesto e que se apresentaria infiltrado nas entrelinhas ou disfarçado na fala do analisando.

Voltando à *Interpretação dos Sonhos*, no referido cap. VII, verifica-se que aí já estavam lançadas as exigências para o pretendente que quer ingressar nesta aventura. Ele teria de familiarizar-se com as seguintes condições:

1. Abster-se, DURANTE O TRABALHO, de qualquer crítica;
2. Abster-se, DURANTE O TRABALHO, de qualquer idéia preconcebida, preconceito ou julgamento;
3. Abster-se, DURANTE O TRABALHO, de qualquer inclinação emocional ou intelectual;
4. Que se deveria manter em mente é o conselho de Claude Bernard (grande fisiologista da época) aos experimentados de um laboratório de fisiologia, *travailler come une bête*, isto é, trabalhar com tanta persistência como um animal e com a mesma indiferença pelo resultado do seu trabalho. E conclui que se isto for alcançado não será uma tarefa tão difícil como tem sido até agora.

Vocês estão percebendo o que o Sr. Freud está querendo de nós? Para onde ele está querendo nos levar? Temos de nos desnudar praticamente dos adereços que a cultura nos impõe para podermos captar o que é dito e o não dito na associação livre do analisando, isto é, nossa escuta tem que ir além do discurso manifesto para nos dar a condição de possibilidade de ter acesso aos conflitos mais profundos do nosso analisando. Esta seria a famigerada ESCUTA ANALÍTICA. Alcançar este estado, como diz Freud, não vem gratuitamente, isto é, não cai no nosso colo como um maná do céu. A formação exige um

trabalho constante que não é fácil de ser alcançado. Vocês já pensaram nisto? Temos de manter as nossas pretensões de ajuda, de cura ou de salvação, como já disse antes, abafadas dentro de nós DURANTE O TRABALHO ANALÍTICO, para que eles não venham perturbar o andamento do processo. Isto não seria uma verdadeira TRANSFORMAÇÃO? A formação analítica cria a condição de possibilidade para que esta transformação se dê. E já que esta condição não vem gratuitamente o que é preciso para que ela aconteça?

Sabemos que a formação analítica está alicerçada sobre três grandes pilares:

1º Pilar- A análise pessoal bem conduzida e prolongada, acrescida de acordo com as necessidades de reciclagens. É o mais importante destes pilares e imprescindível para a formação.

2º Pilar- A prática clínica com a sua respectiva supervisão.

3º Pilar- Percurso teórico em uma instituição psicanalítica de formação, onde o candidato possa entrar em contato com o saber psicanalítico e que esteja também identificado com a sua linha teórica.

Um quarto pilar pode ser adicionado, justamente pelo fato de que sendo nosso trabalho muito solitário seria aconselhado nos associarmos a uma instituição psicanalítica, espaço este que oferecerá conferências, grupos de estudos, supervisões, atualizações, trocas de idéias e etc. Acho que isto amenizaria o nosso isolamento e refrescaria as nossas idéias. Se essas condições citadas acima não forem preenchidas poderíamos sofrer de duas graves patologias, "a interpretose" e/ou "a transferencite", e com isto nos tornaríamos verdadeiros analistas selvagens por exercer esta atividade fora do contexto exigido.

O nosso Departamento, sem querer fazer propaganda, tem condições de oferecer para vocês o segundo, o terceiro e o quarto dos pilares e exigir como condição imprescindível a análise pessoal e com isto fechando o círculo das quatro exigências, por ser, diga-se de passagem, difícil, complexo e sem fim e em eterno movimento para acompanhar as mudanças culturais, que trazem consigo novos sofrimentos da alma e novas maneiras de abordá-las. Estes são os nossos desafios. Continuemos?

Dissemos acima que Freud também lançou no trabalho, *A Interpretação dos Sonhos* em seu cap. VII, as bases da construção da clínica psicanalítica e que tinha como peculiaridade ser algo nunca experimentado antes. Aquele

par constituído pela atenção flutuante e pela associação livre demandava uma nova abordagem, um novo método. Novo par, nova clínica.

Estas bases são sustentadas por dois teoremas que vão balizar a nova clínica e cujo alvo direto era as psiconeuroses. A psicanálise clássica estava assim criada.

Então vejamos quais são estes dois teoremas:

1º Teorema - Quando as idéias intencionais conscientes são abandonadas, as idéias intencionais ocultas assumem o controle das correntes das idéias.

2º Teorema - As associações superficiais são apenas substitutas por deslocamento das associações mais profundas.

Freud estaria afirmando que quando os nossos analisandos estão falando de coisas aparentemente banais, superficiais, inocentes, arbitrárias e sem importância, estariam expressando seus próprios conflitos internos, projetados nos objetos externos, e por fim que nem desconfiam que também estão falando da relação dele com seu analista, isto é, de conflitos muito mais profundos que afloram e são reeditados, pelo fenômeno da transferência e que se infiltra na relação dos dois. O trabalho analítico circularia nestes dois níveis de profundidades e a FORMAÇÃO/TRANSFORMAÇÃO nos daria a condição de possibilidade de podermos captar estes dois momentos durante o trabalho analítico.

Então como vocês estão vendo, o projeto de formação nos transforma numa verdadeira quimera, deixando para nós um único desejo operante durante a sessão, o desejo de trabalhar e, dando ênfase ao que Freud afirma, estas mudanças só devem surgir durante o trabalho analítico, isto é, dentro da sessão analítica, porque é aí que ESTAMOS ANALISTAS e MONOGÂMICOS e fora dela voltamos a ser uma pessoa comum como outra qualquer, isto é, com todos os desejos e emoções operando normalmente. O alívio que isto nos dá é que não somos analistas o tempo todo, ESTAMOS ANALISTAS desde que aquelas condições tenham sido preenchidas.

Como disse acima, estávamos falando da análise clássica, mas hoje na pós-modernidade, percebemos que algo mudou na clínica psicanalítica, pois este novo tempo trouxe consigo um novo tipo de analisando, com uma nova demanda, pois exige de nós o alívio imediato dos sofrimentos e na falta

de consegui-lo procuram métodos alternativos legais ou ilegais para aplacá-los o mais rápido possível. Mas isto é outra história.

Então não foi a toa Freud ter afirmado que psicanalista é uma profissão impossível.

Depois do que foi dito acima vocês ainda querem enfrentar este desafio?

Ede de Oliveira Silva
Março de 2015
Rua Ambrosina de Macedo n°33
Vila Mariana-SP
Telefone-55497214
e-mail: ededeos@uol.com.br

Reflexão sobre a formação de analistas ou... não descuide de sua hybris[1]

CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

GNÖTHI SEAUTON[2], NOSCE TE IPSUM[3],CONHECE-TE A TI MESMO.

Esta máxima está inscrita no pátio do templo de Apolo, em Delfos e acompanha a humanidade desde o séc. IV a.C. A meu ver, contempla aspectos fundamentais da formação de analistas e por esta razão a escolhi para começar esta apresentação.

A aula inaugural faz parte de um ritual de recepção e optei por compartilhar com vocês as reflexões que se seguem. Elas vêm se desenvolvendo nos vinte e nove anos de trabalho duro e dedicado como aluna, como professora e como psicanalista no Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Em 1651, Thomas Hobbes, na obra *Leviatã*, diz que se pode aprender mais, estudando os outros do que a partir de livros de leitura. Afirma que se aprende mais, estudando-se, particularmente, os sentimentos que influenciam nossos pensamentos e motivam nossas ações. Diz:

1. Texto lido na aula inaugural do curso de Formação em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae em 2014
2. Gnöthi Seauton - http://tradutor.babylon.com - Gnöthi Seauton (do grego γνῶθι σεαυτόν), aforismo dito por Sócrates, porém lhe é dada a autoria de Tales de Mileto; tal aforismo que significa *Conhece a ti mesmo*
3. Nosce te ipsum - http://www.dicionariodelatim.com.br

Bacharel em Letras FFCLH USP, Mestre em Teoria da Comunicação - ECA/USP. Psicóloga – Psicanalista, Professora e Supervisora do Curso de Especialização Departamento Formação em Psicanálise - ISS

> "(...) para nos ensinar que a semelhança dos pensamentos e paixões de um homem, os pensamentos e paixões de outro, todo aquele que olhar para dentro de si e contemplar o que faz quando pensa, opina, raciocina, tem esperança, medo, etc., e sobre que bases, ele deve, assim, ler e saber quais são os pensamentos e paixões de todos os outros homens sobre as ocasiões parecidas."

Penso ser este, principalmente, um momento de boas-vindas aos que estão se dispondo a trilhar um caminho que *poderá* leva-los a tornarem-se psicanalistas.

Que desafio para todos nós!

Quais serão as fantasias que levaram vocês a esta busca e escolha? Quais serão as que se mantêm agora que venceram a primeira etapa: ser aprovado na seleção?

Este é, sem dúvida, um momento de alegria compartilhada por todos nós: alunos, professores, supervisores, já que pelo próprio nome que nos identifica, estamos engajados no processo de formação de psicanalistas.

Assim, este talvez não seja um momento para mencionar todos os desafios com que vamos nos haver. Mesmo assim, não vou pular este pedaço! Não falar deles talvez seja, também, perder a melhor oportunidade de não nos desviarmos todos, levados pela euforia.

O caminho que estamos nos propondo a percorrer não é plano, nem sempre é coberto por uma relva fresca e agradável, com flores e borboletas coloridas encantando nossos olhares.

Penso também, que neste momento de partida não cabe levantar plaquinhas de alerta sobre os perigos que corremos nesta empreitada: faz parte do próprio processo de formação, que possam perceber esses perigos e possam ensaiar formas de *tolerá-los, superá-los quando possível,* usando *toda criatividade* de que forem capazes, enquanto os mesmos forem se apresentando.

Mas, como não pretendo ficar apenas com a alegria do momento e me abster completamente de temperar nosso banquete com algumas pitadas de sal que nas receitas é adicionado aos doces para realçar seu sabor, além do sal vou adicionar algumas gotinhas de amargor.

Realidade, em geral, faz bem e dela também faz parte a possibilidade indispensável de entristecer, pensar e sonhar.

O que será que cada um vem buscar nesta formação? O portal de entrada do Olimpo? A chave de decifração dos segredos do sucesso?

Não procurem isso!

Dante, em um dos versos de seu poema, escreve: "Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate." (ALIGHIERI, 1957)

Se, não desejo que abram mão dos sonhos, desejo que saibam que o sonho para tornar-se realidade carece de *muito trabalho.* Até no sonho há trabalho como Freud já indicou ao falar de *trabalho do sonho.*

O paraíso almejado existe, mas talvez não seja o que imaginem poder encontrar, simplesmente brincando de o 'mestre mandou', ou se fazendo crer que *'obedecer a', basta para ser.* O que a gente encontra é sempre diferente do que a gente imagina, não melhor, não pior, diferente. E, poder enxergar o que é diferente e fazer a diferença, não é questão simples. Ler, estudar, estudar mais e mais, fazer supervisão, fazer análise..., estudar, estudar mais e mais, fazer supervisão, fazer análise... *Tudo isso é necessário, mas nem de longe suficiente.*

Posso lhes garantir desde já, que apenas isso, só conduzirá vocês a um sombrio e desvitalizado mundo de robôs, mundo de parece, mas não é.

Assim, não será apenas muito trabalho o que terão de realizar. É fundamental que cada um possa perguntar-se o que busca neste caminho e que possa responder com *profunda honestidade* a si mesmo, *no mínimo, com toda honestidade de que cada um seja capaz.*

A psicanálise sempre foi um campo do conhecimento fortemente controvertido. Desde a descoberta de Freud do inconsciente, este campo tem sido palco de enormes dissidências. Sua história é rica e cheia de exemplos sobre inúmeras fogueiras de vaidades...

A cada salto científico e alteração radical da técnica e da noção de mente, apareceram como '*justas*' mais controvérsias e, novas fogueiras de vaidades. As reações às inovações foram usadas para delinear aquilo que chamamos de transferência com a técnica. Na verdade, serviram muito mais para demarcação de territórios e difusão de crenças psicóticas em homens 'maiores' a quem os 'menores' deveriam seguir e copiar.

Assim, além de considerar a importância da história, é imprescindível também dirigir nossa lente para dentro, para dentro de nós mesmos.

Penso que é fácil deduzir que entre tantas outras questões, estejam as que se referem à grande dor que o conhecimento do inconsciente acarreta. Ser apresentado ao próprio desamparo não é simples; ainda assim, manter-se calmo e pensante, é ainda mais difícil e complexo, especialmente considerando outra decisiva descoberta de Freud, o narcisismo dos humanos.

O ser humano realiza verdadeiras acrobacias ao tentar continuar acreditando que faz parte dos deuses olímpicos, negando a verdade de sua cegueira.

Por outro lado, a psicanálise há muito tempo já atingiu a maioridade, o que mostra que não é algo facilmente descartável, como a ideia de que o planeta Terra é plano. Ela poderá sobreviver e fortalecer-se, ser útil para os seres humanos, para a humanidade..., ou, consumir-se e virar pó, se não puder acompanhar a inestancável passagem do tempo, insistindo em apenas repetir, repetir e repetir...

Mas afinal, do que será que depende seu destino?

Penso que em grande parte, da capacidade dos que a professam de se manterem ávidos *pela surpresa, permanecerem tranquilos e, desenvolvendo a capacidade de dar-se conta de que continuamos ignorando, ignorando e ignorando.*

É desejável que a esta altura do campeonato, já tenhamos aprendido que não há respostas absolutas, únicas. Talvez não haja mesmo uma única resposta. Não há síntese, insisto, o que há é análise, e no nosso caso há 'psico-análise'.

Mas, *há uma questão que depende de cada um de nós!*

A disposição para nos amarrarmos ao mastro de nossa nave mantendo-nos alertas, e cuidando para não sucumbirmos ao doce canto de encantadoras e diabólicas sereias sempre que elas estiverem nos apontando para onde está o *'verdadeiro'*(?) conhecimento.

Bion disse que a falta de verdade é mortífera para a mente. Diz:

"Se os dados conectados se harmonizarem, experimenta-se um senso de verdade (...). A não obtenção dessa conjunção [...] acarreta um estado de debilitação do paciente - *como se a inanição por falta de verdade fosse, de certo modo, análoga à inani*ção pela privação de alimentos". (BION, 1988)

Mas, ele disse também que a verdade sem amor é crueldade! Então, não se trata apenas de busca de verdade, mas de busca de uma verdade que nem seja crueldade, nem imposta com arrogância.

A existência da psicanálise como de outros campos do conhecimento depende de que estudiosos - e corajosos - possam pensá-la, ampliá-la e renová-la para mantê-la viva. Não se trata de reinventar a roda. Nossos mestres devem ser conhecidos, pensados, e estudados *a fundo.* O retorno a eles é necessário e deve ser eterno. Não basta retornarmos a um único autor, devemos trabalhar com todos, ser devotos de todos, estar dispostos a *conhecê-los, não a escolhê-los como alguém para quem se oferece a fé. Mais que tudo, devemos pensar com eles, estar com eles e nos socorrermos neles, sem usá-los como elemento de exclusão ou de uniformização.*

A fé na inescapável necessidade do autoconhecimento - de quase impossível realização - como única porta de abertura para *o encontro com o outro,* esta sim, *precisa ser cuidada, e mantida com inesgotável e perpétua disciplina e tenacidade. Alguém já disse: "We have to endure! This is no time for ease and comfort. It is the time to dare and endure.* (W.CHURCHILL)

No entanto, se não se trata de reinventar a roda, tal como ela, a psicanálise precisa de renovação e de reparos visando sua boa manutenção *e o impulso de vivacidade para despertar novos olhares, olhares cheios do novo dos nossos dias, cheios, enfim, de curiosidade.*

O que quero enfatizar é que todos sabem da falta de propósito de se recomeçar sempre, tentando refazer os caminhos de todo saber da humanidade: não haveria progresso, apenas neurose. *A simples repetição é cediça, perigosa e anticognitiva!*

Assim, se, como que embalados pelo bom suceder de nossos mestres, não nos permitirmos os riscos de ousar ir além, estaremos fadados a um tipo *de fechamento que vem pela moralidade do grupo forçando a que nos tornemos* cópias, feitas por máquinas institucionais e pedagógicas já bem usadas e nem sempre boas.

Eis porque é indispensável ousar. E, pensar é ousar. E, portanto, este me parece ser um tipo de risco para o qual devemos dedicar muitas horas de treino.

Abrir-se ao autoconhecimento que nos conduzirá à tristeza saudável, é

ousar... Ousar nos aproximarmos de nós mesmos, e de um contato com a verdade... *Verdade da tristeza de nos vermos mais parecidos com o que realmente somos do que com o que fantasiamos e gostaríamos de ser.*

Não é simples o trabalho necessário ao *cultivo da criatividade* sem aderir a fantasias moralmente onipotentes, sem ficarmos encantados e presos a realizações narcísicas, *sem virarmos as costas para a busca incessante de nosso inconsciente.* É muito mais que um árduo trabalho. É um desafio de Sísifo. Criatividade implica a existência de um sujeito que sonha, mas que consegue suportar a verdade e pode realizar o trabalho necessário à transformação do sonho em realidade.

O mero cumprimento de tarefas institucionais não conduzirá ninguém, nem ao menos à proximidade de suas verdades, nem ao seu inconsciente e sem isso vagaremos como fantasmas, eternamente perdidos no mundo das ilusões e das identificações ortopédicas, fazendo-nos vazios, formados por uma armadura, durinhos como Pinóquios, puros e mentirosos.

Como, na leitura da vida, não nos desviarmos da busca do inconsciente de cada um de nós, respeitando o outro, cerceando e contendo nosso narcisismo sempre sedento?

O narcisismo boicota a renovação, alimentado pela fantasia de ser companheiro dos deuses, de viver onde a existência e a manutenção da perfeição idealizada são possíveis. *A descoberta de que não é bem assim pode ser insuportável.* Cuidem para não morrerem de sede, olhando para a própria imagem refletida na água.

Não temam ficar tristes! Não façam isso!

Lembro-me mais uma vez de Bion (1988) quando diz que "o desejo de ser **bom** analista, é um obstáculo a que se seja um analista".

A instituição pode, ao fornecer certificados ao final do percurso, atestar como atingido e realizado o desejo de perfeição: 'agora sou psicanalista reconhecido pela instituição tal e tal e meus pares são *PSICANALISTAS!* Somos conhecedores da mente humana, e, devemos estar prontos para uma guerra contra nosso próprio conhecimento, uma vez que *a farda nos dá poderes que só ela tem e, ao mesmo tempo, nos tira a possibilidade de crescer dentro dela.*

Quanta tristeza e que tragédia!

O encontro com o outro, sem o qual a análise não existe, deve ser a meta a ser perseguida. *Nossa vida está atravessada pela presença da alteridade, sem o outro o eu nunca advirá!*

Sem ele, o inconsciente permanecerá desconhecido, inalcançado, a própria *verdade subvertida* e a existência falseada.

A importância deste encontro é ressaltada por Bion:

> "Não estou muito interessado nas teorias psicanalíticas; alguém que se qualifica, pode ir vê-las num livro. Mas a 'prática' da análise é a única situação em que se leem pessoas e não livros. É, pois uma pena despender tempo que se poderia usar na leitura de uma pessoa, lendo, no lugar, um livro." (BION, 1990)

Ao dar as boas vindas a vocês, garanto-lhes que podemos oferecer o estudo aprofundado da teoria, *'super- visão'* dos casos clínicos atendidos por vocês e *eu desejo fortemente que estejam em análise porque estão sedentos, ávidos de conhecimento de seus inconscientes* e porque foram tocados pelo convite que a psicanálise faz: *"Conhece-te a ti mesmo."* Convido todos para esta jornada pedregosa, áspera de superação de seus mais profundos temores (pra não dizer terrores) recusando-se a formatarem-se aos ideais. *Não fujam da tristeza como o demo foge da cruz! Coragem e força na caminhada!*

Meu convite é para que *cuidem* das fantasias que podem tê-los levado a acreditar que agora já estão no caminho do paraíso que está logo ali, há apenas quatro ou cinco anos de ser alcançado.

Cada um precisará de seu próprio empenho, *e que ele seja imenso,* se quiser vencer este desafio, suportando a própria solidão, que faz parte deste percurso. Bion (1992) diz que (...) 'o conhecimento é a doença da ignorância', alertando para a necessidade de o analista *suportar o não saber* e, assim, não lidar com sua ignorância, fornecendo explicações que encerram a busca, tranquilizam inquietações que trariam mais benefício, se pudessem ser preservadas, incitando novas buscas.

Seguir as propostas de nossos mestres, aprendendo com a experiência (deles), mas construindo a nossa própria, sem a qual depois das pedras amarelas seremos apenas seres mecânicos fantasiados de analistas. Amarrem-se aos mastros!

Estaremos junto de cada um, nesta jornada desafiadora, contando nossas histórias para que elas embalem seus sonhos... E, que deles possamos acordar renovados, fortalecidos em nossa criatividade e potência.

E, como diz Clarice Lispector, já que a vida não é mesmo pra principiantes, cuidemos todos para que possamos sair entristecidos, com mais refinamento do tato. *Permitam-se refletir sobre as qualidades imprescindíveis ao analista. Estas devem ser arduamente cultivadas.* Preparem a terra em sua formação. Esta semente não cresce sozinha e precisa de muito cuidado contra as pragas.

A consciência da existência e da necessidade destas condições especiais amplifica o empenho na busca incessante por uma aproximação crescente à conquista de um estado mental de abertura e entrega ao encontro.

Aprender a lidar com emoção sem perder a capacidade de pensar, eis outro desafio. Tolerar nem sempre conseguir: esta é a difícil tarefa a ser praticada sem cessar... Entender a teoria que é utilizada como pilar do trabalho do analista é fundamental, indispensável. No entanto, o próprio Bion alerta seu leitor sobre o uso a ser feito da teoria que propõe:

> "Creio que seja positivo sermos capazes de reconhecer a dívida que temos para com nossos antepassados - nossos antepassados mentais. Que nós, como analistas, conheçamos o significado do termo 'transferência' e 'contratransferência' assim como eram utilizados por Freud, Abraham, Melanie Klein, ou por qualquer outro, é inteiramente oportuno *somente* se aprendemos a esquecer de tudo isso de maneira a estarmos abertos a captar o próximo movimento feito pelo paciente - a próxima etapa, por assim dizer."(grifo do autor)(BION, 1977)

Captar a *'ferência'* que existe tanto na *trans* quanto na *contratrans* 'ferência'.

Vejam que interessante: A parte final das palavras, transferência e contratransferência, ou seja, a 'ferência' vem do latim *'ferens, tis'* que são adjetivos formados a partir do verbo *'fero, fers, ferre'*. Entre seus vários significados seleciono: *levar e trazer; transportar; causar, sofrer, suportar,*

tolerar, sustentar. Dentre estes, destaco, *sofrer, tolerar, suportar, sustentar,* que se referem diretamente ao que enfatizo nas qualidades intrínsecas ao mister de analisar: *captar, suportar e sustentar* o intenso trânsito de fortes emoções que permeiam o par analítico.

A questão das condições internas necessárias ao analista está diretamente ligada à da comunicação primitiva não verbal e pré-verbal, que se processa por identificação projetiva, ou seja, por 'comunicação inconsciente', possivelmente telepática, porque é feita à base de "transferência de paixão" (tele=distância, pathos-paixão).(BION, 1977)

Proponho que pensem nesta comunicação sonhada e no que ela exige de decifração; além de ser uma defesa primitiva, é a forma mais profunda de interação subjetiva (comunicação) disponível. É sabido que também pode ser utilizada pelas partes mais primitivas das personalidades dos seres humanos em geral. É isso que é encenado na transferência. É este o 'lugar' de tão difícil acesso e no qual é tão difícil permanecer.

Mentes imaturas lidam com angústia tentando livrar-se dela e o analista é o alvo de projeções. O que nele é projetado precisa *ser suportado, dentro dele.* Só então, depois de elaborado, significado e tendo-se tornado suportável, poderá ser reincorporado pelo sujeito. Mães pássaros geralmente regurgitam alimento pré-digerido para os bebês que ainda não digerem o alimento que irão comer na idade adulta.

Mas, a frase pode levar a crer que isto seja simples.

Garanto-lhes que não é.

Tenho um amigo que será professor de vocês que brinca, falando sério e diz que para chegar a ser analista precisa ter muuuuuuita coxa grossa. Concordo com ele!

A forma como este processo se realiza (ou não) define o destino, não só dos conteúdos projetados, mas do próprio paciente/analista/ser humano. Os pensamentos podem vir a ser pensados por seres pensantes

ou os seres não pensantes podem constituir-se em excelentes máquinas de evacuar.

Esse processo digestivo psíquico faz parte da experiência de apreender os limites e tolerá-los, e opõe-se à fantasia narcísica do viver em um espaço onde o todo e o tudo são possíveis, E aqui, mais uma vez, ressurge a máxima de Delfos: *Conhece-te a ti mesmo.*

O espaço com limites é inerente à atribuição de significados e não favorecedor da onipotência narcísica com o que o desamparo tende, em geral, a ser enfrentado pela mente infantil de cada um de nós.

A necessidade imediata do paciente é que o que tiver sido projetado continue a alojar-se no analista e seja compreendido em seu estado projetado. É um complexo processo de decomposição emocional e de recomposição onírica dos fatos narrados pelo paciente.

Poderá, o analista, suportar o peso das reações transferenciais e contratransferenciais, propiciando ao paciente uma experiência emocional que vá muito além de uma explicação? Creio que sim. Recordo-me vagamente que algum poeta disse em algum lugar: "Conte-me e eu esqueço. Mostre-me e eu apenas me lembro. Envolva-me e eu compreendo."

Apenas uma mente mais desenvolvida será capaz de funcionar como *continente de si mesma, minimizando o esparramar-se nos objetos do mundo ao seu redor, fazendo-se cargo daquilo que lhe pertence, e podendo ser mais dono e senhor do que lhe pertence.*

Sem essa possibilidade não se constitui o aparelho de pensar, os pensamentos, os digestores psíquicos das experiências emocionais, e assim desapetrechado o sujeito, o aprender com a experiência se inviabiliza.

Embora difícil esta é uma experiência que depois de arduamente vivida é capaz de difundir-se nas relações interpessoais, num efeito de compartilhamento de respeito aos limites do outro.

E este é o caminho a ser trilhado pelo analista, já que se propõe a entrar em contato íntimo e profundo com a dor de seu semelhante, pretendendo desenvolver nele espaço emocional para compreender-se, lidar com seu desamparo e aproximar-se de sua verdade, ou seja, a sua própria realidade última.

Para terminar quero ler pra vocês trechos de um texto de Bion, chamado *Carta aos filhos.*

> "A única coisa que deveria nos interessar, e que sempre me interessou, é que possamos ter um conhecimento de nós mesmos e dos outros, que nos torne capazes de tirar o máximo proveito daquilo que a vida nos reserva. Eu sempre me dei conta que para conseguir isto é preciso experimentar e aprender por si mesmo. Sei que a vida pode ser muito dura e sufocar o crescimento; tudo o que desejo é que isto não ocorra de modo desnecessário. Muito da felicidade presente é fruto de uma labuta passada, do mesmo modo que a felicidade futura pode estar na dependência da labuta do presente. Não há virtude na labuta, mas se vocês a encararem com equanimidade, caso seja necessário, ela passa a ser um esteio incalculável, que nenhum montante de habilidade ou sorte, pode substituir.

> A imaginação é de grande valia, sem ela você não pode vislumbrar seu caminho, mas ela não deve transformar-se num substituto para a vida real. Podemos ficar tão estropiados com a mera rotina de cavar o pão de cada dia, e com a dor da competição pelas necessidades singelas da vida, que pode se tornar impossível ao eu encontrar o próprio talento. É igualmente verdadeiro que podemos ser sufocados por excesso de facilidades. Eu não vejo como poderia me contrariar por qualquer escolha que vocês façam, a não ser em um caso: se for uma escolha que os levem a retraírem-se em imaginar uma vida boa em lugar de encontrar seu próprio caminho até ela. Milton, ao referir- se à sua jornada disse que foi "Ensinado pela musa celestial tanto a aventurar-se no descenso sombrio, quanto a elevar-se de novo, mesmo sendo algo duro e raro": e isto, que já é uma tarefa árdua para qualquer consciência, o era ainda mais em função de seu reconhecimento da própria grandeza e da carga que representava para ele. Mas isto aplica-se igualmente às coisas comuns, se é que se pode chamar um conhecimento tão extraordinário, quanto o conhecimento do comum para cada indivíduo, de algo "ordinário". O indivíduo sempre ansiará por um sol, chuva, nuvens, ar, comida e felicidade

que sejam "ordinários". Se a imaginação o ajudar a encontrá-los, muito que bem. Mas, é uma maldição, se uma crença em alguma vida "extra-ordinária", colocar uma barreira entre aquilo e vocês. Vocês podem acreditar, eu odiaria mais do que me fosse possível expressar, se sentisse que algo dito ou feito por mim os induzisse a um "bom resultado" que se interpusesse entre vocês e estas simples grandes coisas. Lendo cuidadosamente a abertura do Livro III do *Paraíso Perdido*, vocês perceberão que Milton não estava falando somente sobre sua cegueira, se bem que a maior parte das pessoas (mesmo aquelas supostamente mais esclarecidas) pense assim, mas acerca da luz interior; este e o seu jeito de formulá-la. Ele se vale das crenças e da linguagem de seu tempo para expressar-se, mas aquilo que ele expressa é conhecimento que só é possuído por um grande homem e que transcende os acidentes e circunstância de seu tempo. Com o passar do tempo suas experiências lhes ensinarão mais e mais a respeito da grande profundidade da compreensão por ele conseguida. Só quem sabe poderia dizer o que ele diz a respeito do amor no Livro IV: "O amor emprega aqui seus áureos feixes luminosos". Eu não desejo nada para vocês, além de que vocês encontrem a si mesmos e a suas próprias vidas.

Depressão e insucesso são uma parte de toda vida, mesmo da mais feliz e bem sucedida.

Eu diria até, especialmente da mais feliz e bem sucedida: é o preço que se paga pela alegria e pelo sucesso, se eles cruzarem os seus caminhos. Mas o preço que se paga ao tentar evitar insucesso e depressão é dez vezes pior. Para início de conversa, felicidade e sucesso são coisas muito boas por si mesmas. O assunto é bem diferente se vocês se sentem obrigados a serem "felizes" e "bem sucedidos", por temerem o insucesso e a depressão. Isto compromete o sucesso, pois aí sentimos que ele está acobertando alguma coisa, e o insucesso e a depressão tornam-se artifícios que já não podem ser encarados como alguma coisa que as pessoas comuns contornam com facilidade todos os dias. Eu gostaria que vocês elaborassem seus próprios julgamentos e tomassem suas

> próprias decisões. Mas eu pretendo que vocês o façam por razões verdadeiras. É fácil para mim escrever tudo isto, mas para ninguém é fácil praticá-lo."(BION, 1964 *apud* JUNQUEIRA FILHO, 2010)

Encerro com uma frase de Bruce Lee*:* "Empty your mind; be formless, shapeless like water. Now you put water into a cup, it becomes the cup, you put the water into a bottle, it becomes the bottle, you put it into a teapot, and it becomes the teapot. Now water can flow, or it can crash. Be water, my friend."[4]

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **La Divina Comedia**, Milão: Ulrico Hoepli Editore - Libraio, 1957. Canto III, verso 9 (*Lasciate ogni speranza voi ch'entrate - Deixai qualquer esperança, vós que entrais).*

BION, W. R. Uma teoria sobre o processo de pensar. In: **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.109.

BION, W.R. Comentários. In: **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.138.

BION, W.R. **Bion's Brazilian Lectures 2**. Rio de Janeiro: Imago, p. 125(*grifo do autor.*) (Reedição inglesa, Karnac Books, 1990.)

BION, W.R. **Conversando com Bion**. Rio de Janeiro: Imago,1992, p. 57.

BION, W.R. **Italian Seminars**. Londres: Karnac, 2005, p.21. Roma, 1977. (Tradução não publicada, realizada por Renzo Birolini.)

BION, W. R. **Italian Seminars**. Londres: Karnac, 2005, p.29. Roma, 1977. (Tradução não publicada, realizada por Renzo Birolini.)

CHURCHILL, W. http://thinkexist.com/quotation/this_is_no_time_for_ease_and_comfort-it_is_time/220381.html

HOBBES, T. *books.google.com.br/books* - Parte 1 - Do Homem; Capítulo VI - Da

4. http://vimeo.com/3191188. 'Esvazie sua mente, fique sem forma, informe como água. Se você puser água em uma xícara, ela se transforma na xícara; se você puser água em uma garrafa ela se transforma na garrafa; se dentro de um bule, ela se transforma no bule. Então, a água pode fluir ou pode arrebentar. Seja água, meu amigo.

Origem das Paixões

JUNQUEIRA FILHO, L. C. U. **"Ninfa, que todos meus pecados possam ser lembrados em tuas orações"**. Ide (São Paulo), São Paulo , v. 33, n. 50, jul. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062010000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 nov. 2015.

Cecília Noemí Morelli Ferreira de Camargo.
Av Brig Faria Lima, 1690 cj 62. SP/SP - CEP 01451 911E
e-mail: mormicam@gmail.comCel
Tel: 11 996039043. Cel - 11 996039043.

Memória do Futuro de Bion - sobre o filme

MEG HARRIS WILLIAMS

TRADUÇÃO: ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO[1]

Esta é uma introdução ao filme que foi baseado nas autobiografias de Wilfred Bion e teve cenas filmadas na própria Índia, no inverno de 1983. O roteiro foi escrito por Kumar Shahani (diretor) e Meg Harris Williams. Primeiramente, serão descritas as ideias por trás do filme e, então, a atribulada história de sua realização e o motivo de nunca ter sido concluído.

DESCRIÇÃO DO FILME

O trabalho inicial e pioneiro de Bion sobre *Experiências em Grupos* (derivado de sua posição de psicólogo do exército durante a Segunda Guerra Mundial) foi seguido, já numa fase central de sua carreira, por sua famosa formulação da evolução dos processos de pensamento em termos matemáticos, *A Grade*. Em seus últimos anos (a maior parte dos últimos 10 anos ele passou na Califórnia), ambas as preocupações convergiram no seu maduro modo metafórico de pensar sobre o pensar, algo que ficou marcadamente expresso através

Escritora e artista inglesa, editora da Harris Meltzer Trust, cursou ingles nas universidades de Cambridge e Oxford, arte em Florença e no Reino Unido. Editora da Harris Meltzer Trust e professora visitante no Tavistock Centre.

1. Psicanalista, ex-membro do Departamento Formação em Psicanálise, tradutor do livro 'Seminários na Tavistock' de Wilfred Bion, pela Karnac Books do Brasil, e dos artigos 'Processo artístico e conflito estético' e 'Lembranças de James Gammil (a respeito de D. Meltzer, M. Harris e M. Klein)' de Meg Harris Williams.

de sua forma estimulante, ainda que mistificante, de ministrar conferências, além dos seus estudos semificcionais acerca de seu próprio mundo interior e seu método de autoanálise. As últimas obras estão mergulhadas no imaginário de sua infância na Índia, amalgamado de uma forma rica e surpreendente com memórias da Primeira Guerra Mundial e da escola pública. Estas fontes primordiais de imagens e experiências infantis constituem o tecido do seu sonho de vida pessoal, que por sua vez é a base para suas especulações metafísicas sobre a natureza da mente.

As sequências do filme se valem especialmente desses imaginativos e artísticos trabalhos mais tardios: a ficção *Uma Memória do Futuro* e a narrativa autobiográfica mais direta *The Long Week-End* (que foi aclamado por Richard Ellman, no TLS, como um clássico da Primeira Guerra Mundial, em pé de igualdade com o *Goodbye to All That* de Robert Graves). O intuito do filme é dramatizar os conceitos de Bion usando suas próprias metáforas autobiográficas. Seu objetivo é o de evocar as interações emocionais envolvidas no processo do pensamento e do 'aprender com a experiência'. O método de apresentação é tal que imagens desde a infância se repetem em diferentes formas, entrelaçadas com fantasias moldadas pelas experiências posteriores, de modo a formar um drama interno. A intenção é manter uma perspectiva dupla, de eventos externos e da realidade interna.

Os personagens do filme, portanto, têm ambos uma realidade e uma existência de fantasia. Eles incluem: pais e irmã de Bion; sua família inglesa adotiva, os Rhodes; sua babá e cuidadora indiana, a Ayah; uma professora, Colman; um padre; um psicanalista; o Diabo, um invasor, o 'Homem'; um cientista; um grupo de soldados; e, um grupo de estudantes.

O próprio Bion descreve a exploração mental em termos de uma "arqueologia" da mente que trata do futuro co-extensivamente ao passado. Tomando a infância como ponto de partida, este filme não só explora acontecimentos biográficos da vida de Bion, mas também utiliza a condição da infância como uma matriz para o desenvolvimento de suas ideias filosóficas posteriores.

As ambiguidades dessa "arqueologia" também estão delineadas na forma do filme em si, que utiliza como um princípio estrutural o conceito de interação do tempo passado e do tempo futuro, por meio da exploração da

repetição e da memória. O filme não adere, portanto, aos métodos tradicionais de narrativa, caracterização e apresentação de pontos de vista, mas se concentra muito mais sobre o processo de luta entre diferentes direções e dimensões dentro da própria mente, algo que não pode ficar contido num conceito unitário de personalidade.

Diante dessa perspectiva bioniana de "agrupamento" dentro da mente, o filme está em posição de explorar novamente o drama de "grupos" maiores que o individuo: as comunidades e instituições (família, escola, exército); e examinar a partir de um novo ponto de vista temas políticos e sociais (como a guerra, o colonialismo, os choques culturais), que já possuem uma tradição significativa na representação cinematográfica.

Tendo em mente toda a ênfase que Bion dá à necessidade de aprender a observar a experiência do momento, a progressão do filme não é cronológica. Em vez de ir mostrando a passagem de um evento a outro, traz a evolução de um Grupo-de-Trabalho interno, a partir do seu inicial estrangulamento da mentalidade de "pressuposto básico". A opressão dessa mentalidade repressiva foi simbolizada por Bion através do D.S.O. (Distinguished Service Order) com que foi laureado durante a guerra, que se tornou para ele um motivo de vergonha. O filme dramatiza conflitos interiores de Bion consigo mesmo, por meio de metáforas centrais extraídas de suas vivências infantes e figuras da religião indiana, inglesa e da História: desde a Caça ao Tigre, o Trem e *Electric City*, a Corrida; desde Krishna e Cristo, o 'Deviland', a Virgem, a "Colina verde" de sacrifício. Esses conflitos representam as posições e os processos definidos por Bion como "Acasalamento", "Dependência" e "Luta-Fuga", e o movimento no sentido de 'K' (conhecimento) ou para longe dele para '-K'.

Os conflitos se manifestam em "cesuras" chave ou em pontos de mudança catastrófica, dentro do filme, incluindo o nascimento; a transição entre a Índia e a Inglaterra aos oito anos de idade; e a Primeira Guerra Mundial - algo que contribuiu com a metáfora de Bion sobre "invasão" do self. O filme começa e termina com uma imagem do nascimento de sua pessoa, Wilfred Bion - a primeira cesura. A circularidade temporal, enfatiza um outro tipo de progressão - o desenvolvimento da relação dos personagens internos, de maneira a também evocar a intuição de suas origens na experiência pré-natal.

Apesar do interesse principal do filme ser experimental, na medida em que explora o veículo filmográfico à luz de certas ideias psicanalíticas, procura-se destinar essas ideias de tal forma que o filme possa falar para um público intelectualmente mais amplo, com um propósito, grosso modo, educativo.

HISTÓRIA DO FILME

O filme foi uma ambição, uma aventura jamais concluída, nascida da inspiração do jovem psicanalista Ayoung Bombay, de Udayan Patel e de seu amigo Kumar Shahani, que já era conhecido como um brilhante diretor de arte formalista, por seu filme *Maya Darpan*

(You Tube: http://www.youtube.com/watch?v=8CxQdrCthJk).

Shahani fala sobre as origens da realização do filme de Bion em uma web-entrevista para o periódico de filmes *Projectorhead*:

http://www.projectorhead.in/four/shahani.html.

Patel morreu em 2012 e seu enfoque artístico, incluindo sua amizade com Shahani, estão registrados neste obituário:

(http://m.indianexpress.com/news/a-matter-of-living/928707/).

Bion havia concordado em fazer um documentário em estilo de entrevista com eles, na Índia, para onde pretendia voltar pela primeira vez, desde a sua infância. No entanto, ele foi subitamente pego pela leucemia e morreu algumas semanas antes de sua visita planejada, em 1979.

A ideia de um filme continuou, inclusive tendo algo de mais entusiasmado do que tinha antes, mas de uma maneira modificada. Kumar e Udayan vieram para a Inglaterra logo após a morte de Bion, para investigar a possibilidade de um filme biográfico sobre Bion, com particular ênfase em sua infância indiana. Eles estavam à procura de informações e apoio da comunidade psicanalítica em Londres, além de investimento financeiro. Os únicos membros em Londres que estavam interessados eram minha mãe, Martha Harris, e meu padrasto, Donald Meltzer, e também um certo número de seus alunos, alguns dos quais tinham conexões com o meio de filmagens (como Robby Stein), de modo que ajudaram a reunir o elenco que atuou no lado inglês do filme. Uma soma considerável de dinheiro foi levantada pela Roland Harris Educational

Trust, em parte por adesão particular, no Reino Unido e no exterior, mas principalmente a partir da venda de uma casa em Oxford, que foi uma doação da psicoterapeuta Doreen Weddell, que havia pedido a Meltzer para utilizá-la no ensino da psicanálise. (A intenção inicial era transformar a casa numa clínica para psicoterapeutas de crianças, mas o Conselho Municipal de Oxford não concedeu o alvará alegando que as crianças em Oxford não precisavam de psicoterapia, de modo que o propósito da propriedade tornou-se obsoleto.) Isso coincidiu com o momento em que a ideia do filme de Bion estava em discussão, quando a questão do dinheiro tomava parte. A pretensão era de que a soma que viria da Inglaterra fosse completada pela quantia levantada na Índia por Udayan Patel, que tinha apoio garantido de um número de empresários e empreendedores bem conhecidos de sua própria família.

No entanto, no último minuto, aconteceu que o dinheiro indiano nunca se materializou (indubitavelmente acompanhado de um cínico coro de "eu avisei"). Esta foi a principal razão para o filme não ter sido concluído. Mesmo assim, houve outros fatores. A não disponibilidade do dinheiro só foi anunciada depois das filmagens já terem sido organizadas na Índia, com passagens aéreas e alojamentos reservados, alguns *sets* extraordinários já preparados e locais arranjados, incluindo filmagens de um tigre em um parque nacional, e a cópia pronta de gesso em tamanho natural do "Museu Britânico" erguido para a cena "Festa dos Tempos Passados". Por meses houve telefonemas urgentes da Índia para o Reino Unido, das 4 da manhã em diante. Não era possível naquele momento fazer uma retirada e reagrupar, por isso decidiu-se filmar o máximo de cenas indianas que se conseguisse. No entanto, mesmo estes trabalhos ficaram cerceados devido a um acidente de carro no primeiro dia de filmagem, o que resultou na hospitalização de Kumar Shahani com as costelas quebradas. Aconteceu outro acidente de carro muito mais grave alguns meses mais tarde, depois que minha mãe Martha Harris já tinha se desligado permanentemente. Ela era uma importante defensora e facilitadora do filme; Bion tinha sido seu supervisor; seu marido Roland (poeta e professor que morreu em 1969) tinha sido um analisando de Bion e ela acreditava que ele tinha tido influência encorajando Bion para que ele desse um formato mais criativo à expressão de suas ideias. Foi ela quem convidou Bion de volta para

lecionar na Clínica Tavistock nos finais da década de 1970, e foi ela que mais tarde encorajou Meltzer a estudar e escrever sobre seu trabalho em palestras para seus alunos (publicados como *O Desenvolvimento Kleiniano*). Meltzer descreveu como a tapeçaria constante dela com os saltimbancos durante as filmagens pacificou e harmonizou a "*plethora of primadonnas*" ["abundância de estrelismos"].

(O que inspirou e possibilitou: *A Tribute to Martha Harris*, p 326; http:. //www.kar- Nacbooks.com/Product. asp? PID = 32952 & MATCH = 1).

Ela disse que ficou surpresa ao encontrar a si mesma, *faute de mieux* (por falta de coisa melhor), no papel de produtora de filmes, após expectativas iniciais de apenas oferecer conselhos e encorajamento. Ela estava bem ciente de que qualquer empreendimento criativo implicava algum risco (tal qual os riscos que ela estava disposta a assumir com as pessoas, na sua seleção de alunos no Tavi), mas ela preferiu dar uma chance à intuição.

Eu mesma não estava na Índia na época das filmagens, já que naquela ocasião estava esperando o nascimento do meu terceiro filho. Mas os divertidos informes vieram com a descrição de como crianças escalavam os muros do jardim público em Delhi, onde algumas cenas estavam sendo filmadas, gritando "Olá, Ministro!", por conta de um programa de TV exibido à época chamado "Sim, Ministro" (com Nigel Hawthorne, que era o psicanalista no filme), que ficou, inclusive, mais popular na Índia do que no Reino Unido.

A dedicação dos participantes foi tal que alguns anos depois foram feitas tentativas de ressuscitar o filme. Obviamente, no entanto, seria impossível juntar o mesmo grupo de bons atores novamente e, claro, o garoto que havia feito o papel de Bion já havia crescido. E não só isso, pois entre 1983-4 foi o ponto em que a previamente viva indústria cinematográfica britânica entrou em recessão (no início do thatcherismo) e ficou carente de finanças. Vários caminhos alternativos foram explorados com grandes esperanças, mas por fim o fracasso ocorreu por esta razão. A RAI (televisão estatal italiana) estava interessada, mas novamente houve um infortúnio, um desencontro - a exibição do material improvisado, prevista para um cinema cheio em Pisa, foi abortada porque o filme ficou detido por oficiais e não chegou a tempo de ser apresentado. Em vez disso, como todo o público estava esperando, Meltzer

providenciou uma palestra espontânea.

Será que o filme teria sido concluído se não fosse a série de incidentes que sofreu, ou se a Sociedade Psicanalítica Britânica tivesse dado suporte para ele? Jamais saberemos. Shahani contou-nos sobre a sua conversa com Hanna Segal, para pedir uma bolsa da Melanie Klein Trust, que foi recusada. Naquela época, Bion não era tão famoso quanto é agora, apesar de ter sido presidente da Sociedade e talvez suspeitar que seu destino fosse o de ser, em seus termos, "carregado com honrarias e afundar sem deixar vestígios", tendo suas vivas ideias obliteradas. A posição oficial do *establishment* kleiniano era de que ele tinha ficado senil a partir do momento que deixou a Inglaterra rumo à Califórnia; suas publicações de 1970 em diante foram (e ainda são, segundo alguns) desconsideradas, separadas do seus trabalhos anteriores, como se fossem de alguma forma perigosamente equivocadas, se não completamente loucas.

O motivo de Kumar ter me pedido para colaborar com ele no roteiro foi por eu ter escrito um ensaio sobre o *Memoir of the Future*, cujo terceiro volume tinha acabado de ser publicado (pela Roland Harris Educational Trust Clunie Press, na verdade). Eu era uma estudante de literatura na época e esta foi a primeira obra de Bion que li, embora inevitavelmente já tivesse ouvido falar dele em minha família. Tom Bayley era o editor mente-aberta da *Revista Internacional de Psicanálise* e, em 1983, ele publicou meu ensaio, que era, naturalmente, de literatura; nesse ínterim, Lisa Millerasked pediu-me que escrevesse um comentário-artigo sobre *The Long Week-End*, também publicado em 1983. Kumar e Udayan tinham a vontade de abordar as ideias de Bion a partir de um vértice artístico e de conduzir um processo metafórico de autoanálise via a história deste pensador especial. Em preparação para escrever o roteiro, horas e horas foram gastas na autêntica Biblioteca do Museu Britânico, pesquisando sobre a Primeira Guerra Mundial, e outras tantas com Kumar, assistindo filmes arquivados no Imperial War Museum. Foram realizadas discussões com a senhora Francesca Bion, havendo oportunidade para leitura de alguns materiais ainda inéditos. Também fui, em minha primeira viagem ao norte da Índia, acompanhada de meu marido, meu sogro Arthur Hyatt Williams (que sabia Hindi), e dois filhos pequenos. Muitos momentos e encontros hilariantes e vivos realizaram-se em nossa familiar extensão-de-casa, em Highgate, e

nas montanhas de Toscana, onde a estrutura e o conteúdo do filme foram trabalhados. Meltzer brincava que o filme iria ultrapassar ET (que estava em exibição à época) nas bilheterias. Esse era, de fato, o modo como nos sentíamos a respeito, ao mesmo tempo em que estávamos bastante cientes, é claro, de que na realidade a sua audiência seria minúscula.

Olhando para trás, é notável como quase todos os envolvidos na realização do filme, incluindo o seu distinto elenco de atores, manteve um sentimento especial para com a experiência, apesar de sua fruição nunca ter sido alcançada; muitos disseram que aquilo adquiriu a importância de um acontecimento-na-vida. Suspeito de que isso se deu, em grande parte, em decorrência da supervisão estilo "objeto combinado" de Meltzer & Harris. Havia muita psicologia nos bastidores, por trás das produções nos pátios da maquete do "British Museum", em Nova Delhi. Psicologia que se assentava nas habilidades de inspiração bioniana da minha mãe, por ter manejado situações de grupos de trabalho no Tavistock. As pessoas foram ficando cada vez mais unidas ao invés de se separarem.

Após a morte de minha mãe, por encorajamento de Alaknanda Samarth, que interpretou majoritariamente o papel da aia de infância de Bion (babá), escrevi a história do *script* na forma de um poema narrativo, especificamente para Alak fazer uma leitura performática. A aia era, efetivamente, a 'mãe indiana' de Bion, a primeira fonte de sua influência oriental filosófica, profundamente internalizada em sua psique. Em certo sentido, como um objeto interno, ela orientou o curso de grande parte de seu pensamento posterior e foi marcante na sua diferença com relação ao dogma psicanalítico *standard* de qualquer escola ocidental. Muitos dos envolvidos no filme, incluindo Nigel Hawthorne, Trevor Bentham, e Angela Pleasence, vieram para a primeira leitura de Alak, em Londres, para se reunirem em memória da aventura indiana. Publiquei esta narrativa em versos no final do meu livro *The Vale of Soulmaking*

(http://www.karnacbooks.com/Product.asp?PID=18426&MATCH=1) e utilizei partes dele na minha leitura revisada das autobiografias em Bion's Dream (http: //www.karnac- books.com/Product.asp?PID=29078).

A história acima traz o intento de transmitir um pouco da importância que este filme adquiriu na vida da grande "família" dos envolvidos, na tentativa

de oferecer algum desfrute, ainda que permeada pela qualidade agridoce da memória desse empreendimento. Por fim, deve-se levar em conta que o filme, tal qual se encontra atualmente, não é um filme completo, mas uma junção de trechos não editados. Daí a relutância em apresentá-lo para uma audiência de fato, por mais informada que ela esteja com relação a Bion e suas ideias. Em particular, eu lamento que nenhuma das cenas de Bion na escola, em Norfolk, tenham sido filmada, apesar da nossa longa perambulação em busca dos melhores locais - finos regatos, expansivos céus azuis, as panorâmicas em Ely Cathedral...

NOTA: Pretende-se publicar o *script* do filme em 2015. Para assistir às sequências do filme inacabado, colocados no Youtube, com agradecimentos a Mike Eigen e Jim Baumbach: https://www.youtube.com/watchv=MKVS7hhqUL4&feature=youtube?

Elenco de personagens e atores de 1983

Jonathan Page (Bion quando menino)
Robert Burbage (Bion, quando jovem)
Carol Drinkwater (mãe de Bion)
Tom Alter (pai de Bion)
Alaknanda Samarth (a Ayah - babá indiana)
Nigel Hawthorne (P.A. - o psicanalista)
Neil Cunningham (o Diabo, Homem e São Pedro)
Peter Firth (o cientista e Heaton Rhodes)
Jalal Agha (o sacerdote indiano, São Pedro e porta-cartaz)
Nicholas Clay (Sr. Rhodes e oficial do exército)
Angela Pleasence (Sra. Rhodes)
Shona Morris (Kathleen Rhodes, a menina grávida)
Juliet Reynolds (Srta. Whybrow)

Diretor: Kumar Shahani
Câmera: K. K. Mahajan
Som: Narendra Singh
Produção: Aruna Harprasad Jhala, Philippe Lenglet, Mohhamad Shafi
Figurino: Bhanu Athaiya
Maquiagem: Paul Merchant
Arte: Bijon Dasgupta

Traduções:
Estanislau Alves da Silva Filho

Texto originalmente disponibilizado em:
http://www.artlit.info/pdfs/BionMemoir_film.pdf

Meg Harris Williams
novembro 2013.

Tradução: Estanislau Alves da Silva Filho
(11) 99827-5920
stani-asf@hotmail.com

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO[1]

1. LINHA EDITORIAL

O *Boletim Formação* em Psicanálise, revista do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tem por proposta editorial a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins, em uma tendência contemporânea de integração e complementaridade. Nesse sentido, valorizamos a diversidade na busca de articulações com outras áreas e conhecimentos, tendo como finalidade maior a compreensão do sofrimento humano e a constante (re)construção metapsicológica.

2. NORMAS GERAIS

Os originais devem ser enviados para a Comissão Editorial da Revista *Boletim Formação em Psicanálise* (endereço abaixo). Se o material estiver de acordo com as normas estabelecidas pela revista, ele será submetido à avaliação do Conselho Editorial. O artigo será lido por dois membros do conselho, os quais poderão rejeitar ou recomendar a publicação de forma direta ou com sugestões para reformulações. Caso não haja consenso, haverá uma terceira avaliação. Se dois conselheiros recusarem o material, este será rejeitado para publicação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados. Sendo o artigo aprovado, sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

1. Baseadas nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR 10.520, 2002.

Endereço para encaminhamento dos trabalhos:
Instituto Sedes Sapientiae
Departamento Formação em Psicanálise
Rua Ministro de Godói, 1484
05015-900 - São Paulo, SP / Brasil
Tel/Fax: (11) 3866 2730

3. TIPOS DE TRABALHOS

Além de artigos, a revista publica leituras (comunicações, comentários e resenhas de livros), conferências, entrevistas e traduções.
A tradução deve apresentar uma cópia do trabalho original, com todas as indicações sobre a edição e versão da qual foi traduzida, acompanhada da autorização do autor.

4. NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGOS E RESENHAS

Os artigos originais deverão ser enviados em três cópias impressas, acompanhadas de uma cópia eletrônica ou CD no padrão Word for Windows 6.0.
A Revista *Boletim Formação em Psicanálise* segue os padrões gráficos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As regras da digitação do texto devem seguir os termos abaixo:

- o texto deve ser digitado em uma só face (frente);
- a fonte deve ser *Times New Roman;* em corpo 12 para o texto e corpo 11 para citação direta de mais de três linhas;
- o trabalho deve ser digitado com espaçamento entre linhas de 1,5, exceto as referências e os resumos, os quais devem ter espaçamento1,0;
- não utilizar recursos especiais de edição na cópia eletrônica ou CD (macros, justificação, etc.);
- a letra em *itálico* deve ser usada apenas para nomes científicos, títulos de obras, expressões latinas e estrangeiras;
- não usar o tipo <u>sublinhado</u>;
- o **negrito** deve ser restrito ao título do artigo e aos subtítulos das seções;
- as citações longas, notas, referências e resumos em vernáculo e em

língua estrangeira devem ser digitados em espaço simples.

5. FOLHA DE ROSTO

O nome ou qualquer identificação do autor deve constar apenas na página de rosto de modo a garantir o anonimato durante o processo de avaliação do trabalho.

O trabalho entregue deve conter uma folha de rosto constando:

- o título do trabalho em português;
- o nome do autor e sua qualificação (3 linhas no máximo);
- o seu endereço (com CEP); telefone/fax (com DDD);
- endereço eletrônico (e-mail).

6. FOLHA DE RESUMO

O trabalho deve conter uma folha de resumo digitado com espaçamento 1,5, em um único bloco (sem parágrafo), seguido das palavras-chave. Deverá constar:

- o título do trabalho em português;
- o resumo em português (no máximo 10 linhas) com palavras-chave (no mínimo 3 e no máximo 5);
- título do trabalho em inglês;
- *abstract* com *keywords* (no mínimo 3 e no máximo 5).

7. CITAÇÕES

Segundo a ABNT, as citações são trechos transcritos ou informações retiradas das publicações consultadas para a realização do trabalho. São introduzidas no texto com o propósito de esclarecer ou complementar as ideias do autor. A fonte, de onde foi extraída a informação, deve ser citada obrigatoriamente, respeitando-se desta forma os direitos autorais. Nas citações, as chamadas são feitas pelo sobrenome do autor ou pela instituição responsável ou, ainda, caso a autoria não seja declarada, pelo título de entrada, seguido da data de publicação do documento, separado por vírgulas e entre parênteses. Se o sobrenome do autor estiver incluído na sentença, estas devem vir em letras maiúsculas e

minúsculas, porém quando estiverem entre parênteses as mesmas devem ser em letras maiúsculas.

Citação textual

Até 3 linhas - deve ser inserida no corpo do texto, entre aspas e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. Exemplo: Ferraz (2000, p. 20) considera "como tipicamente perversos certos atos ou rituais praticados *com* o consentimento formal do parceiro".
Com mais de 3 linhas - deve aparece em destaque e com recuo de margem esquerda de 4 cm, sem aspas, espaço simples, corpo 11 e com indicação do(s) autor(es), da(s) página(s) e do ano da obra de referência. Exemplo: Freud (1905/1980, p.86) ensina:

> Esse último exemplo chama atenção para o fato de que éessencialmente a unificação que jaz ao fundo dos chistes que podem ser descritos como "respostas prontas". Pois a réplica consiste em que a defesa, ao se encontrar com a agressão, "vira a mesa sobre alguém"ou "paga a alguém com a mesma moeda"-ou seja, consiste em estabelecer uma inesperada unidade entre ataque e contra-ataque.

Citação indireta

O sobrenome do autor é apresentado dentro dos parênteses em letras maiúsculas seguido do ano da publicação. Exemplo: Em "O mal-estar na civilização" Freud faz um esforço para circunscrever o mal-estar na modernidade ao tecer seus comentários sobre as relações entre sujeito e cultura (BIRMAN, 1997).

Citação de autor

No corpo do texto deverá constar o sobrenome do autor acrescido do ano da obra. Exemplo: Reik (1948).
Fora do corpo do texto (citação indireta) o sobrenome do autor deve vir em letras maiúsculas seguido do ano da publicação entre parênteses.

Exemplo: (REIK, 1948).

Citação de dois ou três autores os sobrenomes

- devem ser ligados pela letra "e" no corpo do texto e por ";" (ponto e virgula) fora do corpo do texto. Exemplo: Ades e Botelho (1993) ou (ADES; BOTELHO, 1993).

Caso tenha mais de três autores

- Deverá aparecer somente o sobrenome do primeiro, seguido da expressão "*et al.*". Laing *et al.* (1974) ou (LAING *et al.*, 1997).
- Obs.: Na lista final de referências todos os nomes dos autores deverão ser citados.
- Em caso de autores com o mesmo sobrenome, indicar as iniciais dos prenomes. Exemplo: Oliveira, L. C. (1983) e Oliveira V. M. (1984) ou (OLIVEIRA, L. C., 1983; OLIVEIRA V. M., 1984).
- Se houver coincidência de datas de um texto ou obra do mesmo autor, distinguir com letra minúscula, respeitando a ordem alfabética do artigo. Exemplo: Freud (1915a, 1915b, 1915c) ou (FREUD, 1915a, 1915b, 1915c).
- Caso o autor seja uma entidade coletiva, deve ser citado o nome da entidade por extenso. Exemplo: *American Psychological Association* (2000).
- No caso de autores onde a obra é antiga e foi reeditada, citar o sobrenome do autor com a data publicação original, seguida da data da edição consultada. Exemplo: Freud (1915/1980) ou (FREUD, 1915/1980).

Citação de citação

- Colocar em primeiro lugar o sobrenome do autor citado, sucedido da palavra *"apud"* e, em seguida, o sobrenome da referência utilizada. Exemplo: Para Rank (1923) *apud* Costa (1992).

- Caso o autor citado tenha um capítulo em um livro, fazer a citação usando-se a palavra "In". Exemplo: Para Kehl In Slavutzky e Kupermann (2005) ... (Maria Rita Kehl tem publicado um capítulo no livro *Seria trágico... senão fosse cômico* de Abrão Slavutsky e Daniel Kupermann).

Citação de depoimento ou entrevista

- As falas são apresentadas no texto seguindo-se as orientações para "citações textuais" e devem vir entre aspas. Exemplo: O relato a seguir ilustra bem esse aspecto: "O fim da gestação é uma morte".

Citações de informações obtidas por meio de canais informais (aulas, conferências, comunicação pessoal, endereço eletrônico)

- Acrescentar a expressão "informação verbal" entre parênteses após a citação direta ou indireta, mencionando os dados disponíveis em nota de rodapé. Exemplo: Freud foi influenciado pelas ideias de Darwin. (Informação verbal)[2].
- Obs.: Não é necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.
- Citações de trabalhos em vias de publicação
- Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão "em fase de elaboração". Exemplo: Besset (em fase de elaboração) ou (BESSET, em fase de elaboração)
- Obs.: É necessário listá-lo na relação de referências no final do texto.
- Citações de eventos científicos (Seminários, Congressos, Simpósios, etc.) que não foram publicados
- Proceder da mesma maneira que para "canais informais" (item 5.6).
- Citações de Homepage ou Website
- Cita-se o endereço eletrônico de preferência após a informação e entre parênteses. Exemplo: (www.bvs-psi.org.br)

2. Informação obtida por Rogério Lerner em aula no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em março de 2007.

8. NOTAS DE RODAPÉ

Caso sejam indispensáveis, as notas devem vir na mesma página em que forem indicadas, usando o programa automático do *Word*. As referências dos autores citados no texto devem ser apresentadas no final do mesmo, NÃO em notas de rodapé.

9. REFERÊNCIAS

Devem vir no final do texto, com o título **REFERÊNCIAS**, relacionado em ordem alfabética pelos sobrenomes dos autores em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome e cronologicamente por autor. Quando há várias obras do mesmo autor, substitui-se o nome do autor pelo equivalente a sete espaços, seguido de ponto. Exemplos de referências:

Com apenas um autor

BIRMAN, J. ... 1992.

_____ . ... 1997a.

_____. ... 1997b.

JERUSALINSK, A.; TAVARES, E. E.; SOUZA, E. L. A. ... (com dois ou três autores)

LAING, P. *et al*...(com três ou mais autores)

ROUANET, S.P. ...

Quando houver indicação explícita de responsabilidade pelo conjunto da obra em coletâneas de vários autores

A entrada deve ser feita pelo nome do responsável seguida pela abreviatura singular do mesmo (organizador, coordenador, editor, etc.) entre parênteses. Exemplo: BARTUCCI, G. (Org.) **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.

Livro

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do livro em negrito, ponto, edição (a partir da segunda: "2.ed"), cidade, dois pontos, editora, ano de publicação. Se for uma reedição, colocar o ano em que foi escrito logo depois do nome do autor.

Exemplo:

CECARELLI, P. R. (Org.) **Diferenças sexuais.** São Paulo: Escuta, 2000.

FIGUEIREDO, L.C.M., COELHO JUNIOR, N. **Ética e técnica em psicanálise.** São Paulo: Escuta, 2000.

LACAN, J. (1959-1960) **O seminário livro 7, A ética da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

RIBEIRO, M.F.R. **Infertilidade e reprodução assistida: Desejando filhos na família contemporânea.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Capítulo de livro e ou coletâneas

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do capítulo, ponto, In: título do livro em negrito, ponto, cidade, editora, ano de publicação e página. Quando for coletânea logo após o "In:"colocar sobrenome e iniciais do organizador e "(Org)" logo após. Exemplo:

DUARTE, L.F.D. Sujeito, soberano, assujeitado: Paradoxos da pessoa ocidental moderna. In: ÁRAN, M. (Org.) **Soberanias.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

MENEZES, L. S. A construção do vínculo social sob o ponto de vista freudiano: A lei, os ideais e as identificações. In: **Pânico: Efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Artigos de periódicos

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do artigo, ponto, título do periódico em negrito, vírgula, cidade, volume, número, página e ano de publicação. Exemplo:

ROSA, M.D. O discurso e o laço social nos meninos de rua. **Psicologia USP.** São Paulo,v.1, n.1, p.205-17, 1990.

Dissertações e Teses

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título da dissertação ou tese em negrito, ponto, ano, ponto, número de folhas,

identificação do documento (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, etc.), o nome da instituição, o local e a data da defesa. Exemplo:

LOFFREDO, A. M. **Angústia e repressão: Um estudo crítico do ensaio "Inibição, sintoma e angústia".** 1975. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, PUC, Rio de Janeiro, 1975.

Trabalhos publicados em eventos científicos (Congressos, Seminários, Simpósios, etc.) publicados em anais ou como artigo

Autor(es), título do trabalho, In: título do evento, numeração do evento, ano e local de realização, tipo de documento (Anais, Atas, Resumo) editora, ano de publicação e página. Exemplo:

MARAZINA, I. A clínica em Instituições. In: **CONPSIC - II CONGRESSO DE PSICOLOGIA,** 1991, São Paulo. *Anais.* São Paulo: Oboré, 1992, p.25-43.

Trabalhos que não foram publicados

Dependendo do tipo (artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de "Texto não publicado".

Trabalhos que estão em vias de publicação

Dependendo do tipo (artigo de periódico, capítulo de livro, etc.), proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de "no prelo".

Resenhas

Sobrenome do autor em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome, título do livro, ponto, cidade, dois pontos, editora e ano de publicação. Resenha de sobrenome em letras maiúsculas, seguido das iniciais do prenome do autor da resenha, título da resenha (se houver), ponto, nome do periódico em negrito, volume, número, páginas e data de publicação da revista.

Referências de Freud

Sobrenome do autor em maiúsculas, seguido da inicial do prenome, título da edição utilizada em negrito, cidade, editora e ano de publicação da edição consultada. Abaixo, ano em que o artigo foi escrito, título e volume. Exemplo:

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

(1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia, v. 3.

(1896) Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, v. 3.

(1897) Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud, v. 3.

_____. Gesammelte Werke. Frankfurt, S.Ficher Verlage, 1987.

(1917) Die Verdrängung, v. 10.

(1917) Das Unbewusste, v. 10.

Documentos extraídos de fontes eletrônicas

Documento de acesso exclusivo em meio eletrônico inclui bases de dados, listas de discussão, BBS (site), arquivos em disco rígido, programas, conjuntos de programas e mensagens eletrônicas entre outros. Os elementos essenciais são: autor(es), título do serviço ou produto, versão (se houver) e descrição física do meio eletrônico. Quando se tratar de obras consultadas online, no caso de arquivos eletrônicos, acrescentar a respectiva extensão à denominação atribuída ao arquivo.

MICROSOFT Project for Windows 95. Version 4.1. [S.l.]: Microsoft Corporation, 1995. 1 CD-ROM.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. Normas. doc. Curitiba, 1998. 5 disquetes. ALLIE'S play house. Palo Alto, CA.: MPC/ Opcode Interactive, 1993. 1 CD-ROM.

ÁCAROS no Estado de São Paulo. In: FUNDAÇÃO TROPICAL DE PESQUISAS E TECNOLOGIA "ANDRÉ TOSELLO". Base de Dados Tropical. 1985. Disponível em: Acesso em: 30 maio 2002.

Proceder da mesma maneira seja para livro, capítulo de livro e artigos de periódicos, entretanto, adicionar no final "recuperado em (data)", seguido do endereço eletrônico. Exemplo:

PAIVA, G.J. (2000) Dante Moreira Leite: Um pioneiro da psicologia social no Brasil. **Psicologia USP,** n. 11, v. 2. recuperado em 5 de fevereiro de 2006, da Scielo (Scientific Eletronic Library Online): http://www.scielo.br.

10. IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

Tabelas, gráficos, fotografias, figuras e desenhos devem ser referidos no texto em algarismos arábicos e vir anexos, em preto e branco, com o respectivo título e número. Se alguma imagem enviada já tiver sido publicada, mencionar a fonte e a permissão para sua reprodução, quando necessário.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
DOAÇÃO: Dept. Formação em Psicanálise
DATA: 04 / 05 / 16

ARTIGOS

Algumas considerações sobre possíveis influências da autoanálise de Freud na formação psicanalítica
FÁBIO SERRÃO FRANCO

O mal-estar: mais ameno?
DURVAL MAZZEI

Pas de Deux: Reflexões Sobre Psicanálise e Dança
CRISTIANA CATALANO SOLDANO

Por uma perspectiva do Sintoma no Corpo de Maria Molambo: considerações baseadas na primeira tópica freudiana
MARIANA LEAL DE BARROS

Sintoma Palavra Concreto Trabalho Casa
EDUARDO RODRIGUES DE LARA

AULA INAUGURAL

Aula Inaugural do Departamento Formação em Psicanálise 2015
EDE DE OLIVEIRA SILVA

Reflexão sobre a formação de analistas ou... não descuide de sua *hybris*
CECÍLIA NOEMÍ MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

LEITURA

Memória do Futuro de Bion - sobre o filme
MEG HARRIS WILLIAMS
Tradução: ESTANISLAU ALVES DA SILVA FILHO

ISSN 1517 4506

DEPARTAMENTO
Formação em Psicanálise

SEDES SAPIENTIAE